

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

prospecção fitossociológica:

eng. agr. fitslg. malato beliz

prospecção de outros elementos de inquérito:

andrade barreto

j. barreto

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

desenhadores:

jesus nunes

ricardo lopes

gonçalves dias

costa reis

nascimento viegas

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

"... e se o deformarmos (O ALGARVE) por causa do turismo, nunca mais o recomporemos ;..."

extracto do despacho de 3 de Abril de 1965

de Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

arquitectos - paisagistas viana barreto fração castello-branco ponce dentinho

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

II - A PAISAGEM NATURAL COMO SUBSTRACTO HUMANO

- 1 - ESTRUTURA PAISAGÍSTICA DA FISIOGRAFIA PENINSULAR
- 2 - INSERÇÃO DE PORTUGAL CONTINENTAL NO ZONAMENTO DA PAISAGEM PENINSULAR
- 3 - AS UNIDADES DE PAISAGEM DO ALGARVE
- 4 - O RELEVO NA CARACTERIZAÇÃO LOCAL
- 5 - OS CURSOS DE ÁGUA NO ORDENAMENTO DA PAISAGEM
- 6 - OS PROCESSOS DE UTILIZAÇÃO DA ÁGUA, REFLEXOS DAS CARACTERÍSTICAS DA PAISAGEM
- 7 - ÍNDICES DE RADIAÇÃO
- 8 - ÍNDICES DE OCUPAÇÃO

I - INTRODUÇÃO

- 1 - ORIENTAÇÃO DO ESTUDO PRELIMINAR
- 2 - O ESTÍMULO TURÍSTICO
- 3 - CARACTERÍSTICAS NATURAIS E PRÓPRIAS DO HOMEM - SEUS REFLEXOS NO ORDENAMENTO DA PAISAGEM
- 4 - A INTERPRETAÇÃO ORGÂNICA DO RELEVO - AS UNIDADES DA PAISAGEM
- 5 - CENTROS DE ENCONTRO - CENTROS DE DISTRIBUIÇÃO

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

III - A PAISAGEM HUMANIZADA COMO REFLEXO DA EXPERIENCIA

1 - SINAIS DE OCUPAÇÃO PRIMITIVA

2 - O HABITAT ACTUAL

3 - INTENSIDADE DA OCUPAÇÃO

4 - A IMPLANTAÇÃO DO HABITAT E O RELEVO

5 - HABITAT CONCENTRADO, LINEAR E DISPERSO

6 - A ORIENTAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES

7 - A CAPACIDADE DO USO DO SOLO E O POVOAMENTO

8 - A OCUPAÇÃO EM SOLOS DE QUALIDADE

9 - A OCUPAÇÃO EM SOLOS DE QUALIDADE INTERMÉDIA

10 - A OCUPAÇÃO EM SOLOS DE QUALIDADE INFERIOR

11 - OS SOLOS EM MOSAICO E SUA OCUPAÇÃO

12 - OS MOÍNHOS, O VENTO E A PAISAGEM

13 - INTERPRETAÇÃO DA IMPLANTAÇÃO NA PAISAGEM DAS VIAS EXISTENTES

14 - VIAS ACTUAIS, COMPARTIMENTAÇÃO E ESCALA DA PAISAGEM

15 - CLIMOGRAMAS E CONDIÇÕES DE CONFORTO

16 - ANÁLISE TOPONÍMICA, SUAS RELAÇÕES COM A PAISAGEM

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

IV - O USO E DOAÇÃO DA PAISAGEM NATURAL E HUMANIZADA

- 1 - RELAÇÃO ENTRE A POPULAÇÃO E O SOLO
- 2 - INCIDÊNCIA DA CARTA GERAL DE ORDENAMENTO AGRÁRIO NO ESTUDO PRELIMINAR
- 3 - DEMARCAÇÃO DAS ZONAS SENSÍVEIS DE PROTECÇÃO À NATUREZA E SUA INCIDÊNCIA DO ESTUDO PRELIMINAR
- 4 - PRIORIDADES DE ACTUAÇÃO

V - ORDENAMENTO PRELIMINAR

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

I - INTRODUÇÃO

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

1 - O despacho do Exm^o. Senhor Director-Geral dos Serviços de Urbanização de 16 de Março de 1965 define como objectivos fundamentais a alcançar no planeamento algarvio, a defesa e valorização da paisagem rural e urbana.

A vincar bem esta orientação, põe-se em destaque a importância da integração na paisagem dos novos núcleos de desenvolvimento, aponta-se a necessidade de defesa das panorâmicas da orla marítima e aconselha-se que, no processo de humanização, se aguarde e respeite a raiz tradicional.

Recomenda-se sobretudo, e como norma, a concentração da expansão urbano-turística, e, por consequência, a salvaguarda de largos tratos de paisagem natural.

Apontada a defesa e valorização da paisagem como objectivo primário de planeamento em estudos de carácter regional, a novidade do facto entre nós, obrigou a uma larga busca e moroso apuramento de elementos, com vista à demarcação, detecção de características, diagnósticos das aptidões, capacidades e

potencialidades diversas da província.

Como consequência lógica do que se disse, o presente estudo deverá porventura ser considerado, não uma sobreposição a quaisquer estudos anteriormente realizados, mas antes uma base que deverá responder aos atributos da paisagem analisada e sobre a qual se poderá apoiar o planeamento

Buscar a diversificação dos ambientes num fundamento ecológico - como tão claramente se expressa naquele programa - vem de encontro aos métodos de trabalho de planificação da paisagem. A partir de uma "unidade regional relacionada", ir-se-á, seguindo uma hierarquia e consoante o meio e seus valores culturais, integrando no conjunto cada elemento escalonar distinto.

Para esclarecimento do que aqui se entende por "unidade regional relacionada" é necessário ter-se em conta não ser possível considerar uma unidade isoladamente, não a relacionando portanto com outros meios, pois que apenas a vocação específica de uma certa região não pode hoje em dia dar inteira e comple

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

ta satisfação às crescentes necessidades do homem. Está portanto implícita na noção de unidade regional uma troca equilibrada dos processos fisiográfico-biológicos e sua utilização que as correntes de comunicação poderão revigorar ou debilitar consoante a sua inserção e respectiva intensidade. O estabelecimento de comunicações virá a exercer pressões que podem resultar em benefício ou degradação da paisagem, de acordo com a sua capacidade de resposta perante tal impacto. Em qualquer caso, o caudal de comunicação deverá estar de harmonia com o potencial quantitativo dessa resposta, exercendo então o papel de elemento promotor de fomentos de superior rentabilidade.

O processo de reestruturação de uma paisagem, ou o seu simples restauro, implica o prévio estabelecimento e definição de critérios de prioridade de acção. Por isso, a planificação da paisagem deve estabelecer uma ordem de acção sem comprometer, por visão parcelar, a estrutura em que se insere.

A análise dos dados biológicos, fisiográficos e da experiência histórica permite definir um sentido de acção. O seu significado só o tempo poderá confirmar.

Essa análise foi realizada a partir dos elementos componentes da paisagem que parecem permanecer sujeitos ao espaço e, de certo modo, resistentes ao desgaste do tempo e à evolução histórica.

Por isso se pretendeu levar a análise até às consequências alcançáveis, através de um apuramento dos elementos do meio e do habitat, da exploração actual da terra e da paisagem em geral, nas suas incidências positivas e negativas.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

2 - . Sabe-se que o afluxo turístico ao Algarve tem sua principal razão de ser na procura do Sol e das praias e ao mesmo tempo no usufruto de um ambiente repousante e de recreio exigido pela vida actual da cidade.

O recurso à planificação reflete a preocupação que uma evolução desordenada poderia provocar. Pretende-se pois dirigir o estímulo poderoso do turismo para aquilo que é estável e não sujeito, portanto, a solicitações ocasionais possivelmente efémeras. Por outro lado, sem o impacto turístico não seria certamente fácil, neste caso, activar energias ainda latentes ou já reveladas e que poderão ser, pelas suas características próprias, razão suficiente de atracção turística.

Referimo-nos a empreendimentos de fomento de técnica actual, grandes construções portuárias, captação e retenção de águas, trabalhos de irrigação ou drenagem, recuperação de solos, reconstituição de paisagens, valorização de raridades de natureza geológica, evidenciação de valores naturais da flora e da fauna, promoção das condições de vida de espécies cinegéticas, compar-

3
timentação da paisagem, estruturação da rede viária até ao escalão das explorações, texturas e estruturas urbanas nos seus aspectos exteriores e de valor cultural, o aproveitamento enfim das excepcionais condições de meio que o Algarve possui para activação e desenvolvimento de actividades intellectuais que aí encontram ambientes especiais de criação.

Então, todas as iniciativas turísticas que não deformem, não mascarem, nem impeçam a realização progressiva de capacidades actuais, aptidões mediatas e potencialidades pressentidas, e respeitem as diferenciações do meio, farão mover o processo de desenvolvimento que se julga mais ajustado às vocações do território algarvio.

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

O homem, e o ambiente que o serve, fazem parte de um conjunto que permanentemente se ajusta. Assim como ao homem adulto e actual - como de resto à sociedade evoluida - correspondem se esferas natural, cultural, estética e de doação - que sucessiva, embora simultaneamente, evoluem - assim também a paisagem reflecte estes mesmos aspectos consoante a fase de desenvolvimento da sociedade. São exemplo de paisagem natural as formações climace ou os processos naturais que convém salvaguardar; de paisagem cultural o reflexo das técnicas de cultivo ou de extracção; de paisagem estética as que satisfazem necessidades espirituais do homem e lhe alargam o ambito da acção cultural; finalmente será paisagem de doação a que o homem cria para beneficio da sociedade futura. Não será demais acentuar que as características apontadas se combinam, sem tñe nitidamente se poderem separar.

O homem também possui, como a paisagem, um substracto natural de que é inseparável tanto nas primeiras fases do desenvolvimento individual como em sociedade. É deste substracto natural e do ambiente que o rodeia que primordialmente depende. As conquistas culturais correspondentes a uma evolução histórica e individual, imprimem no ambiente cada novo aspecto adquirido sem

3 -

Na sua feição biológica o homem exerce, como ser vivo, uma determinada acção sobre o meio que o serve. Da mesma forma que, num desenvolvimento natural, animais e plantas, em sua própria diferenciação, vão a alcançar um equilibrio de convívio, também na paisagem humanizada se deverá buscar equilibrio identico, sem desgaste permanente do meio. Assim, o homem, provido de suas características naturais e próprias, vive e actua na se ambiente.

Dentro dessas características naturais, deve considerar-se a satisfação das necessidades biológicas fundamentais, substracto que a paisagem, como circunstância que o envolve, lhe proporciona.

Em relação às características próprias que agem no substracto natural - e apenas por razões de exposição se podem desencarnar - haverá que respeitar e garantir as suas exigências culturais, estéticas e de doação. Também estas terão correspondente resposta na paisagem consoante a intervenção do homem se realiza, respectivamente, por laboração, por criação ou por fomento.

folha colada em local errado

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

5

no entanto anular necessidades que são atributo do próprio género.

A visão do naturalista ou do técnico, do esteta ou do asceta, não poderá por si só definir a paisagem equilibrada. Sem negar o inestimável conhecimento de qualquer destes pontos de vista, e antes tomando de cada um deles o contributo respectivo, terá o ordenador da paisagem de analisar possíveis hipertrofias de quaisquer sectores e propor as medidas conducentes à obtenção de um equilíbrio dinâmico de usufruto e promoção.

A definição de paisagem, no seu mais lato sentido, não engloba apenas aspectos de ordem estética que se revelam pela contemplação mas fundamentalmente todo o conjunto do meio físico, cultural e económico, nas suas múltiplas relações, e resultantes das sucessivas intervenções do homem no meio que o cerca.

Uma paisagem equilibrada só existe quando a sua forma de utilização não é depredadora das suas potencialidades e aquisições de promoção.

folha extra do documento

As possibilidades de regeneração e promoção de paisagem condicionam o número de utentes e a sua forma de uso. O valor do uso é afinal o valor da regeneração actual.

Daqui decorre a noção de "capacidade de uso da paisagem", uso intrínseco e necessário para que se mantenha e desenvolva segundo um desejado equilíbrio.

Para isso a atenção à vitalidade e saúde da paisagem, permitirá prevenir ou agir prontamente aos primeiros sintomas de degradação. A paisagem é sensível aos abusos sobretudo quando a respectiva exploração é feita em desacordo com a sua vocação ou a capacidade de uso.

Exotismos sem fundamento e intervenções incontroladas, geram novos processos de evolução por vezes irreversíveis donde podem provir a "desertificação", o aniquilamento, a morte da paisagem.

Ora, os meios de regeneração da paisagem estão também obviamente condicionados por determinantes fisiográficas e climáticas próprias de cada região.

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

Deste modo, a interrelação dos extractos da paisagem atrás apontados, deverá ser delineada tendo em conta tais condicionamentos. Paisagens actualmente equilibradas, como as há na Suíça e na Holanda, diferem profundamente entre si, em resultado do flagrante contraste dos substractos naturais em que assentam e da intervenção dos povos respectivos. Fundamentalmente, esta comparação diz respeito a diferenciações fisiográficas. Considera-se ainda, que mesmo dentro dum identico aspecto, poderão ocorrer grandes divergências climáticas. Países montanhosos podem assim diferenciar-se inteiramente em consequência de regimes pluviais, pois que a distribuição das chuvas ao longo do ano modifica por completo as paisagens respectivas, o que exige uma actuação totalmente diferente em cada uma delas.

No nosso país, e no caso particular do Algarve, a variabilidade das condições mesológicas, determina consideráveis diferenciações regionais que reclamam actuações distintas. A ressalva que se faz em relação a indiscriminados exotismos, engloba também a introdução de usos próprios de paisagens estranhas que só se poderão adoptar depois de convenientemente assimilados.

Também as variadas etnias, portadoras de culturas próprias, são responsáveis por diferenciações de carácter local, embora sempre adaptados ao meio. A análise toponímica revela a variedade dos distintos grupos que moldaram a paisagem no decorrer do tempo ou que a ela se ajustaram.

Portanto, deste conjunto de factores fisiográficos, climáticos e étnicos, de intensidade e qualidades variáveis, originaram-se consequentemente, e conforme o local, resultantes próprias. Não é possível, deste modo, estabelecer uma única solução genérica para o ordenamento da paisagem. Daí a necessidade de uma diferenciação de áreas que possam considerar-se sujeitas a tipos semelhantes de composição. É aqui também que a ordem de precedência dos factores intervenientes - fisiográficos, climáticos e étnicos - abre caminho para uma delimitação de unidades de paisagem e para o estabelecimento de regras locais de actuação.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

4 - Partindo da estrutura fisiográfica a primeira delimitação será a definição das bacias hidrográficas. É esta a unidade inicial ocupada pelo homem. Porém, esta forma elementar de relevo não poderá considerar-se isoladamente, visto manter relação, que a própria distribuição pluviométrica ocasiona, com as bacias confinantes. Aliás, a necessidade de troca e contacto levou também, no processo de ocupação, a tribo de vale a galgar o fêsto para comunicação ou defesa contra o grupo adjacente. Portanto, ao limite nítido que a bacia define, após-se o limite fluido das hemibacias confinantes.

É possível ainda distinguir, numa grande bacia hidrográfica afluenta ao mar, uma hierarquização de bacias confluentes até às de menor grandeza, a montante. Cada uma delas, na generalidade, se sistematizará por sua vez numa bacia de apanhamento, num canal condutor e num cone de dejectão, diferenciação mais nitidamente marcada nos regimes pluviais torrenciais. Esta diferenciação equivale a funções distintas em capacidades, aptidões e potencialidades, e é também escolhida como norma, por grupos étnicos ou por culturas distintas.

7

O reforço das linhas fundamentais do relevo de uma dada região, - fêstos e talvegues - permite interpretação fisiográfica quase paralela, por assim dizer, com o seu funcionamento orgânico. De facto, a configuração anatómica que se adivinha, põe em malce o próprio sistema circulatório e esclarece, de certo modo, o processo dos circuitos. Dentre estes, o mais evidente diz respeito à circulação hídrica. É sabido que a água evaporada das grandes superfícies oceânicas e terrestres, da transpiração dos seres vivos, originada pelos processos vitais e pelas massas atmosféricas, regressa, por precipitação, principalmente sobre as mais elevadas altitudes. Se a precipitação é prolongada e de fraco débito, ou se se efectua sob a forma de neve, o respectivo escoamento é lento, originando então regimes fluviais permanentes nos emissários de restituição ao mar. Se, porém, a precipitação é abundante e súbita e incide sobre superfícies menos permeáveis do que aquele que o revestimento vegetal assegura, então geram-se nos talvegues regimes de carácter torrencial.

Quando por modificação do perfil transversal dos leitos e pelo adequado revestimento vegetal das margens e encostas, se atenuam os ímpetos do regime

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

torrencial, a enxurrada é dominada e moderam-se as conseqüências daqueles excessos. Nalguns casos, é possível então armazenar com segurança, e sem colmatagens, os caudais permanentes e de cheia, de forma a distribuí-los convenientemente.

Mas outros circuitos se estabelecem pelas mesmas linhas de fôsto e de talvegue que não o das águas: as massas atmosféricas têm movimentos diúrnos que as percorrem num e noutro sentido. Deslocações idênticas à da água de precipitação têm-no também as espécies biológicas de propagação hídrica e não fogem ao ritmo das massas atmosféricas, sementes e esporos de multiplicação anemófila.

Também o homem, escolheu desde sempre percursos idênticos, até por mais suas e racionais, verificando-se assim, não serem alheios a estas linhas os itinerários religiosos, militares e comerciais.

- 5 - As linhas de fôsto e de talvegue, quando se fundem, determinam pontos sobre os quais se concentram estes fluxos, pontos notáveis na paisagem, como que centros de acumulação na dinâmica dos fluídos, como de resto dos recursos dos seres vivos.

Os polos destes circuitos, designam-se respectivamente, por centros de encontro e centros de distribuição (cf. "Aptidão Urbana em Albafucens"). Correspondem, respectivamente, à embocadura de um vale ou à sua confluência com outro vale e a um colo, portela ou ponto de intercepção de cumeadas.

A estreita correlação entre os circuitos e os movimentos das massas atmosféricas anteriormente referidos sujeitas periodicamente a sentidos opostos, confere aos centros de encontro um valor de troca.

Este valor tem assim como limite a potencialidade da própria bacia. Depauperá-lo será diminuir-lhe o valor de troca.

Por sua vez, os centros de distribuição ligam-se a um valor de carga esque-

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

màticamente computado no lucro líquido diferencial entre as bacias confinantes e, desta forma, serve simultaneamente várias linhas fisiográficas por colos e portelas. Fácilmente se apercebe, portanto, que em suas ramificações litorais, e quando fora da acção estimulante de grandes centros de encontro, sejam os centros de distribuição de débil valor absoluto, e só atinjam valores notáveis nos grandes centros continentais.

Da mesma maneira que uma linha de água e seus afluentes constituem uma ramificação cujos braços crescem de valor para juzante, as ramificações dos fêstos ganham importância para o interior e é possível entroncá-los em todo o relevo de um continente.

Constata-se que só nas proximidades desses núcleos primários se encontram centros de distribuição de desenvolvimento urbano considerável e de larga influência regional. As forquilhas de fêstos e as portelas cerca do litoral perdem carga na sua potencialidade urbana.

Exemplificam centros de distribuição a nível europeu - portanto paisagem

já antiga e experimentada - Moscovo, os centros urbanos quijos e, já a uma escala peninsular, Burgos e Madrid.

No que se refere ao território metropolitano, e apontando os mais evidentes, lembram-se as cidades da Guarda, de Évora e de Beja e já confinados à região algarvia Almodovar, Alportel e Monchique. Exemplo notável de implantação deste tipo é S. Bartolomeu de Messines.

No que respeita aos centros de encontro poderão mencionar-se todos os grandes núcleos urbanos da orla Norte da baixa europeia que flue dos Alpes, e, no território peninsular, Lisboa, Porto, Barcelona; Lagos, Portimão e Tavira são outros tantos centros de encontro na região em estudo. Também Faro polariza no ponto de afluxo de toda a ria, as bacias hidrográficas que nela descarregam.

O valor destes princípios vai até à dimensão intra-urbana, fazendo-se sentir a sua acção na estruturação e zonamento dos tecidos constitutivos.

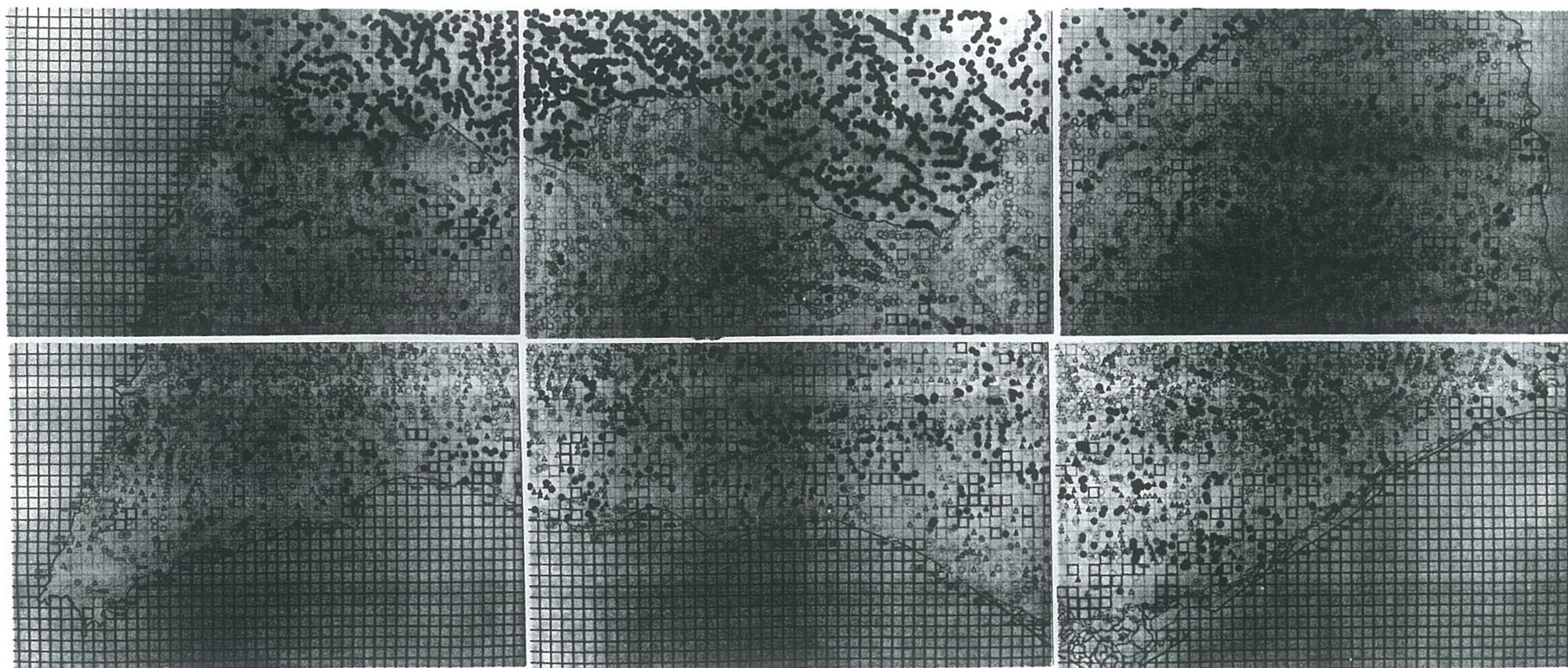
ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

II - A PAISAGEM NATURAL COMO SUBSTRACTO HUMANO

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

1 - Em relação à Península, podem distinguir-se cinco linhas de alturas fundamentais que se desenvolvem segundo a direcção Leste-Oeste:

- a) Chaves - Leon - Victória - Pamplona - Andorra - Perpilhão.
- b) Leiria - Covilhã - Guarda - Madrid - Segóvia - Medinacelli.
- c) Monchique - Alportel - Beja - Évora - Portalegre - Cuenca - Terruel.
- d) Aracena - Nerva - Puertollano - Almansa.
- e) Gerez de la Frontera - Granada.

Numa direcção sensivelmente Norte-Sul encontra-se a cadeia:

- Burgos - Sória - Medinacelli - Cuenca - Granada.

Relativamente às linhas de talvegue assinalam-se as grandes depressões:

(Douro - Ebro), (Tejo), (Guadiana - Jucar), (Guadalquivir - Segura).

As linhas de alturas e depressões dividem toda a Península em 3 grandes grupos de bacias hidrográficas orientadas sensivelmente ao Cantábrico, ao

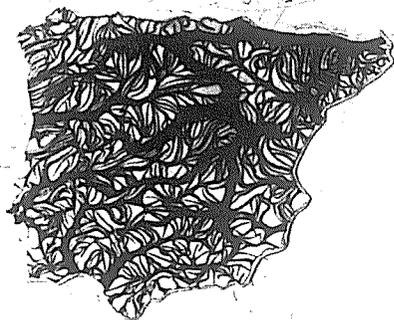
Atlântico e ao Mediterrâneo a partir de uma zona central comum, a região de Burgos. É assim este o núcleo primário que na Península aparece a partir dos grandes relevos europeus.

O núcleo de Burgos, conjugado com os centros de encontro principais de Porto e de Barcelona, liga-se na linha meridiana de alturas ao segundo nó da Península - o de Madrid - que por sua vez estabelece comunicação com o grande centro de encontro de Lisboa.

O terceiro nó, que se centra sobre a região de Cuenca e Terruel, com ligação aos centros de encontro de Huelva e do Barlavento algarvio e do centro de Cadiz, determina a separação das bacias de fácies atlântico daquelas que já pertencem ao Mediterrâneo: os que têm por centros de encontro os polos de Múrcia e de Valência. Juntamente com o grande centro de Barcelona, já referido, eles demarcam as grandes regiões de típico ambiente mediterrânico peninsular.

Ao contrário do que acontece nestas bacias expostas ao Mediterrâneo, as que

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



se lançam no Oceano Atlântico são longas, com uma profunda bacia de apanhamento.

Aspecto que se afigura de interesse, e de que algum modo se relaciona com o anterior, diz respeito ao regime pluviométrico regional. Mais intenso e permanente nas regiões de alta latitude, geram aqui bacias largas, embora curtas, ao contrário do que acontece nas regiões de latitude inferior, caracterizadas por regimes pluviométricos intermitentes e de enxurrada.

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

- Os nós dos fêstos das bacias do Douro e Tejo que ligam ao litoral atlântico definem pontos fundamentais da fronteira portuguesa: Chaves, Guarda e Portalegre e cujos topónimos, com tanta expressão reflectem. As duas gman das bacias do Douro e do Tejo limitadas por aqueles três pontos, conjuntamente com as hemibacias confinantes do Minho e do Guadiana, demarcam mais precisamente o território metropolitano.

Esta observação permite definir uma linha secundária de desenvolvimento Norte-Sul apoiada sobre aqueles três pontos que certamente terá tido também acentuada influência numa individualização.

As linhas de fêsto principais que atravessam a Península na direcção E-O tomam, dentro do território metropolitano, inflecções para Sul, na separação Douro - Tejo -- e Tejo ~~Tejo~~ Guadiana, tomando estes dois últimos talvegues orientações semelhantes. A este último fêsto, que constitue a principal ligação fisiográfica ao Algarve, alia-se uma outra que a Poente se desenvolve junto à costa, a partir do cabo de S. Vicente, através de uma faixa menos colonizada do Alentejo litoral até Troia, se bem que entrecor

tada por vales de menor importância, como os do Sado e do Mira.



Fisiograficamente a região algarvia corresponde a uma parcela importante da hemibacia do Guadiana como atrás foi definida, directamente ligada ao país desde Portalegre e Elvas até Sagres e Vila Real de St^o. António.

Esta área pertence portanto, como limite fluido, às grandes regiões da bacia portuguesa do Tejo e à bacia internacional do Guadiana.

No sentido Leste-Oeste convém referir ainda a existência de um fêsto que, da Arrábida, atinge Elvas e Portalegre e, no território algarvio, S. Vicente, M^onchique, Almodovar e Castro Marim.

Paralelamente a esta última linha de alturas pode notar-se ainda o fêsto que de Portimão segue a Lagoa, S. Bartolomeu de Messines até Alte, à qual se liga uma outra que parte de Portimão para Lagoa, Alcantarilha, Paderne, Loulé, Alportel e Tavira.

A estrutura do relevo assim assinalada determina a existência de largos troços que, segundo paralelos, atravessam o Algarve de Nascente a Poente.

As grandes linhas de alturas anteriormente apontadas, dividem portanto o Algarve em quatro grupos de bacias principais:

- a) da Costa atlântica até alcançar o fêsto Monchique - S. Vicente.
- b) a que segue desta linha até atingir a costa para Sul e engloba a bacia do Arade
- c) a que parte da linha de fêsto Portimão, Lagoa, S. Bartolomeu de Messines, Alte a Castro Maria.
- d) a que engloba o triangulo definido por Almodovar, Alcoutim e Castro Marim.

No terceiro grupo individualiza-se o triangulo Lagoa, S. Bartolomeu de Messines, Albufeira, de maior afinidade com a região (b) da bacia do Arade até ao fêsto Monchique - S. Vicente.

Tanto a área a Poente como a de Nascente apresentam características fisiográficas que as tornam respectivamente mais afins com o litoral alentejano e com a parte continental desta província. As regiões (b e c) abrigadas do Norte pelas referidas linhas de altura, representam a parte mais caracterís

tica da província algarvia. Nela se consideram os principais grupos de bacias: Alvor-Arade e Ria de Faro. A interpretação fisiográfica da Ria é a de uma linha de água que aflue na zona Faro-Olhão. Assim como à área Lagos-Portimão estão afins, para Nascente, as bacias de Armação de Pera e Albufeira, à bacia de Faro agregam-se as de Tavira e Vila Real.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



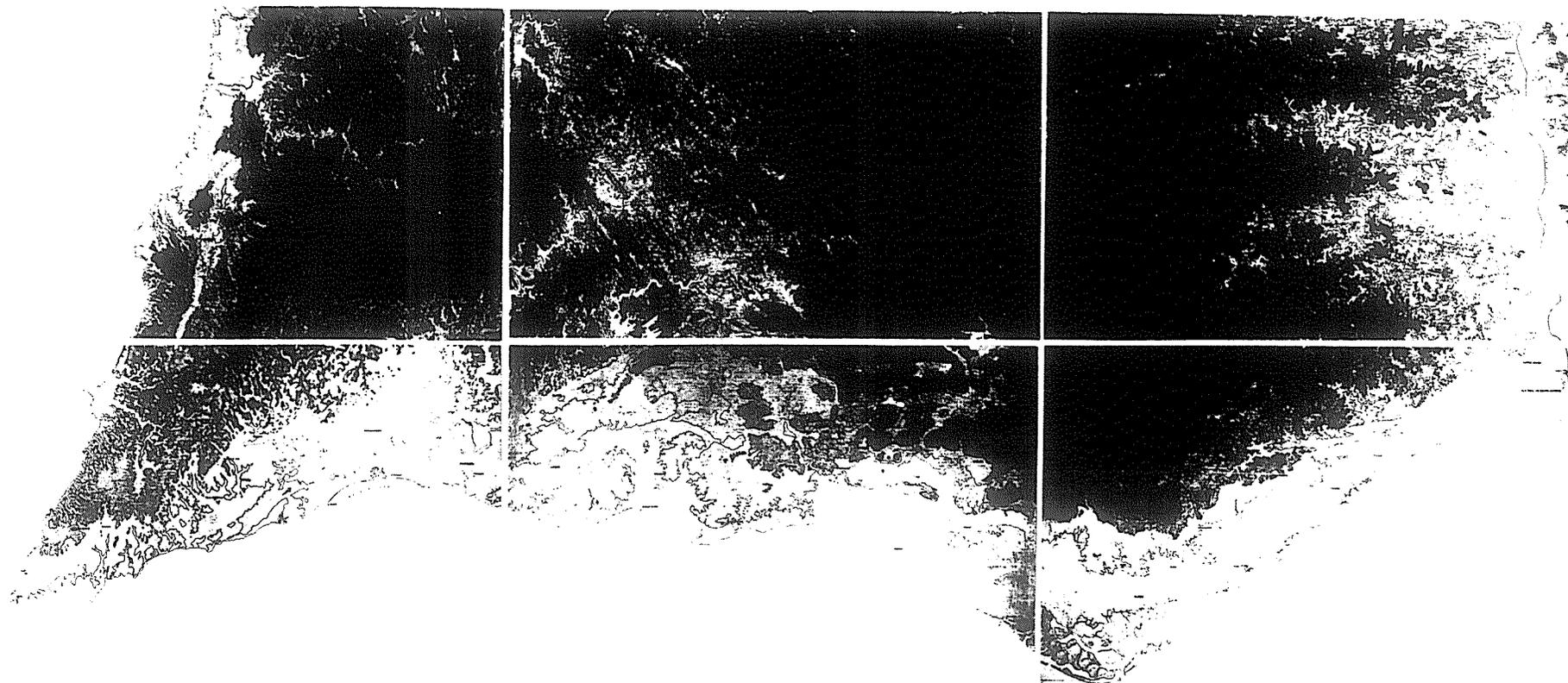
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

Dois grandes maciços separam o Algarve do resto do país e marcadamente o caracterizam: as serras de Monchique e Espinhaço do Cêo por um lado e os relevos do Caldeirão e Monte Figo por outro. Através delas se definem três depressões principais: a plataforma litoral a Poente, o vale do Guadiana na direcção Norte-Sul e o colo de São Marcos da Serra-S. Bartolomeu de Messines.

Esta disposição do relevo permite desde logo antever uma diferenciação meso lógica em três grandes sectores do Algarve: Ao primeiro corresponde o anfiteatro que desde as alturas da Foia em Monchique (902 m) desce até à baía de Lagos-Portimão. Outro sector que corresponde ao terço médio algarvio, aberto às correntes atmosféricas do clima geral da região (na direcção de S. Bartolomeu de Messines, Boliqueime, Quarteira) e outro sector, protegido do Noroeste pelos maciços do Caldeirão e Monte Figo, abarcando as regiões de Faro a V.Real.

Ao primeiro destes sectores que recebe mais directamente a influencia ocidental atlântica, embora um tanto protegido pela área planáltica litoral Sa-

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



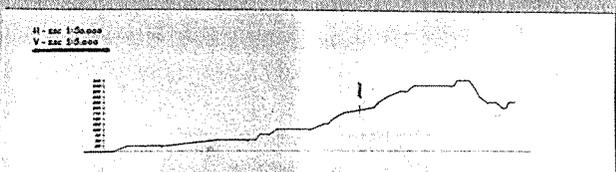
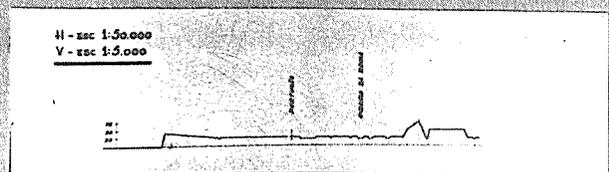
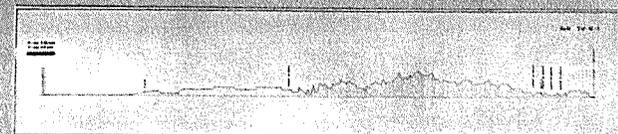
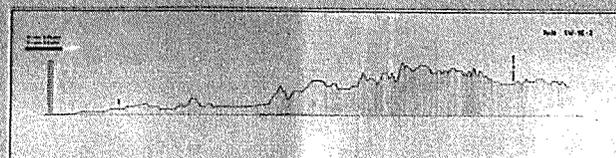
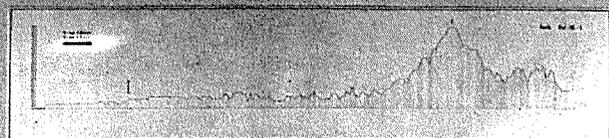
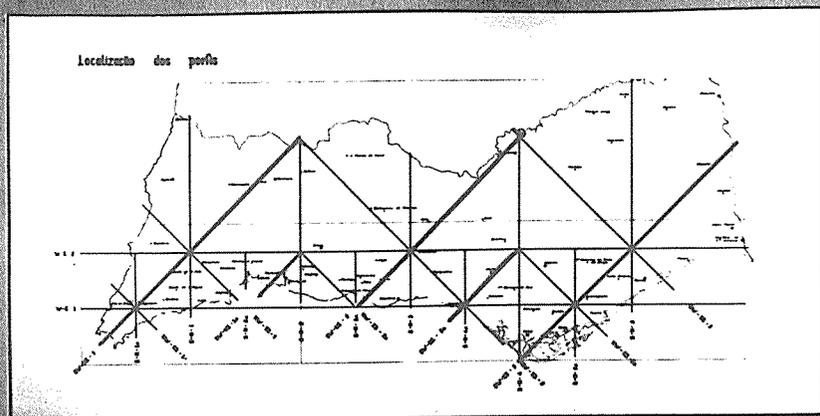
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

gres-Aljezur, correspondem climas muito particulares que a topografia local confere e que as correntes diúrnas próprias dos relevos individualizam. A apreciável diferença de altitudes que se verifica neste sector dá origem a um elevado gradiente térmico nas vertentes expostas ao mar e daí a importância que toma, nas condições que se expõem, a radiação directa do Sol.

No segundo sector, aberto como se referiu às influências das grandes correntes meteorológicas gerais, diferenciam-se condições climáticas por se encontrar mais sujeito aos ventos gerais do Noroeste. De assinalar que esta de pressão se inflecte para Nordeste entre as serras de Alportel e Monte Figo em direcção à bacia do Guadiana até Odeleite, deixando esta área em condições mais agrestes.

O terceiro sector, de Faro a V. Real encontra-se protegido pelos relevos já apontados, sendo caracterizado por um menor gradiente do que o verificado em Monchique e por uma maior rugosidade das superfícies. A sua continentalidade reforça uma estabilização das massas de ar, ainda que beneficiando do equilíbrio térmico que lhe é dado pelo vale do Guadiana.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

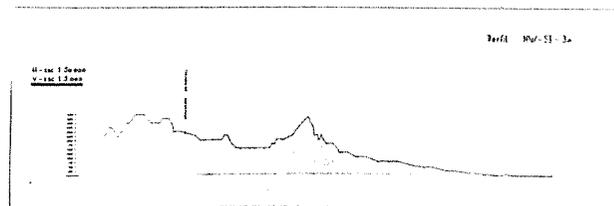
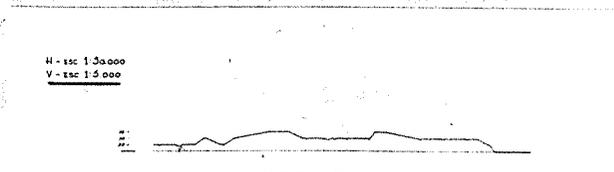
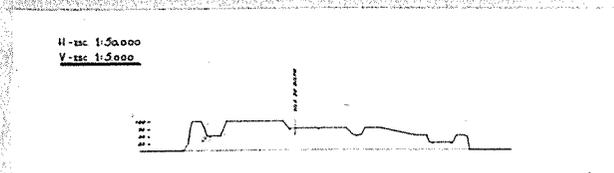
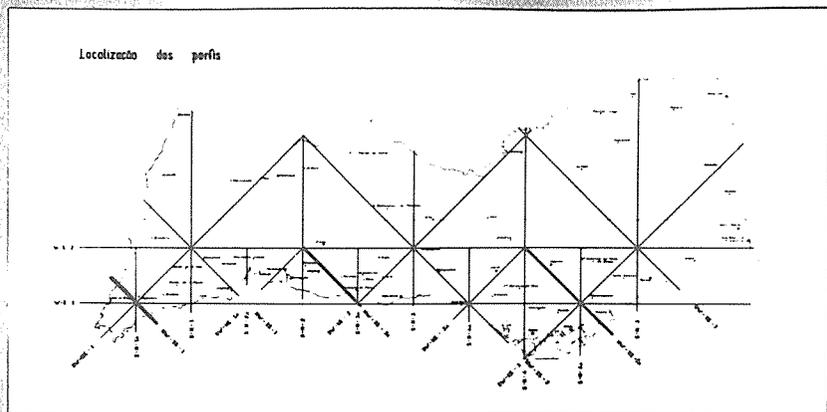


ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

Segundo o Prof. Orlando Ribeiro poderá dizer-se que a origem geológica dos relevos sob a acção dos meteoros cria particularidades paisagísticas que convém assinalar. Podem distinguir-se sob este aspecto quatro grandes zonas: os areas de Faro e Vila Real, as superfícies mais planas e onduladas do Quaternário que se estendem junto à costa de Sagres a Castro Marim e englobam os terrenos mais férteis, definindo por isso uma paisagem cultural de facies marcadamente agrícola, os acidentes mais agressivos do Jurássico do barrocal calcáreo, nú e pedregoso, onde imperam os amendoais e alfarrobeirais característicos, e finalmente a zona serrana de maiores altitudes, abrangendo os rios do Caldeirão e cuja flora se caracteriza por maior xerofitismo como resposta às condições particulares do meio. É desta formação carbónica que irrompe, a Ocidente, a formação eruptiva da Foia proporcionando os elevados relevos da província, embora de contornos suaves e arredondados.

A grande altitude da Foia em relação aos espaços alentejanos e algarvios que a envolvem, a proximidade atlântica associada à sua própria natureza geológica, dá-lhe condições especiais de meio as quais se traduzem numa flora rica, variada e característica, verdadeiramente de excepção, que em grande parte

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



te ainda a recobre. Da preponderância da sua presença beneficiam ainda os terrenos envolventes através da humidade que ela influencia.

Em relação à zona costeira deverá apontar-se que são os terrenos Mesozoicos e Cenozoicos que ao atingirem a costa, dão origem às famosas arribas do litoral algarvio. As provenientes do Miocénico marinho, sendo mais sensíveis aos processos erosivos e telúricos e também aos excessos do uso, apresentam hoje formas bem mais caprichosas e rendilhadas (Alvor, Ferragudo, Lagos, Armação de Pera e Albufeira) do que aquelas que o Jurássico formou e constituem os planaltos de Sagres e S. Vicente.

É aliás a presença simultânea na panorâmica litoral destas arribas de diferentes origens, recortes e tonalidades, que define as pequenas praias e dão à costa do Barlavento algarvio uma riqueza invulgar e bem característica.

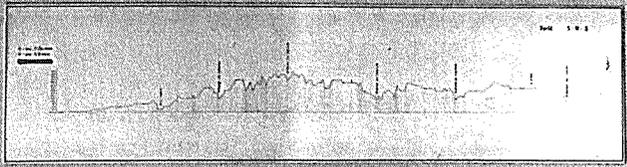
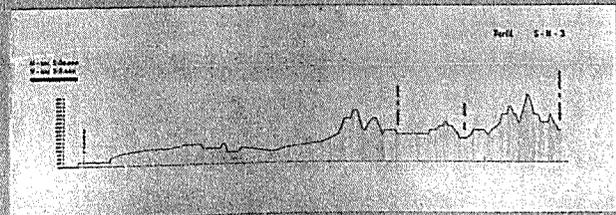
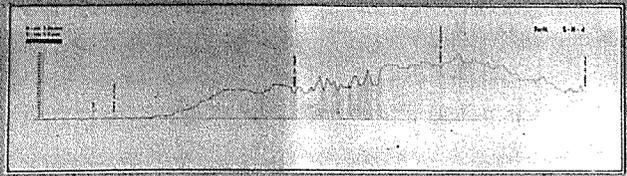
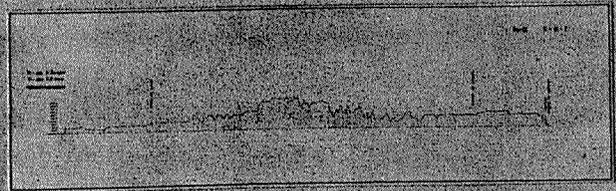
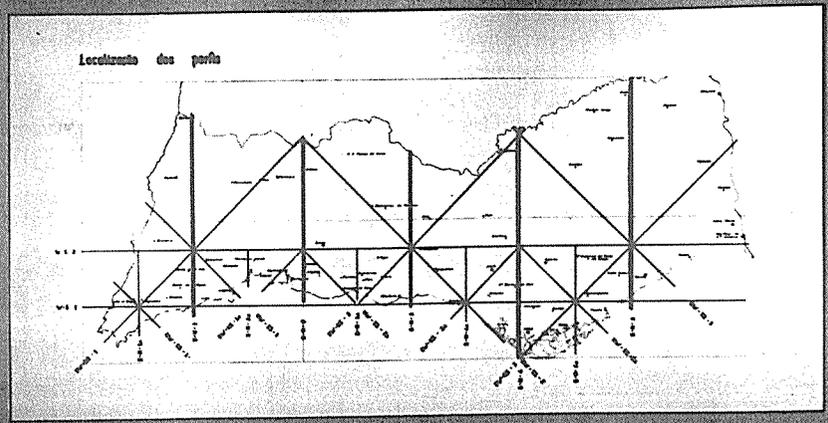
ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

De Albufeira para Nascente, até à foz do Guadiana, as costas baixas e arenosas das formações mais recentes, conjuntamente com alguns terrenos do Cretácico, constituem as áreas de mais intenso cultivo.

As condições especiais a que ficam sujeitas as construções sobre os xistos por força da direcção dos seus extractos, devem condicionar a sua implantação nesses terrenos.

Nos amplos aluviões litorais, nos depósitos de Quarteira e Cacela e sobretudo nos sapais da Ria de Faro, são notáveis algumas associações vegetais e a fauna que as acompanha. Sob este aspecto não pode passar-se em claro e deixar sem menção especial a flora herbácea e sub arbustiva que reveste ainda longas superfícies dos ventosos planaltos de S.Vicente e de Sagres, acantonada entre as rochas do Jurássico médio e superior, constituindo valor sem paralelo na fitossociologia europeia.

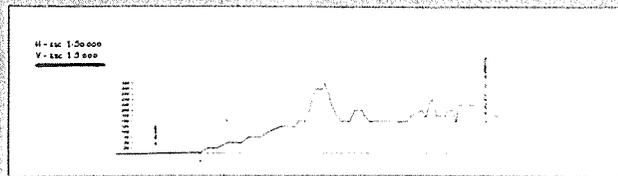
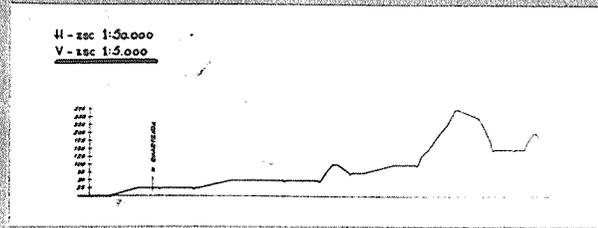
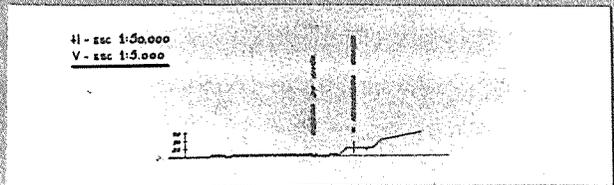
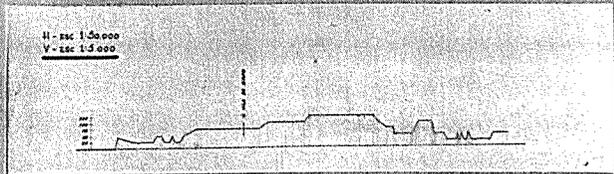
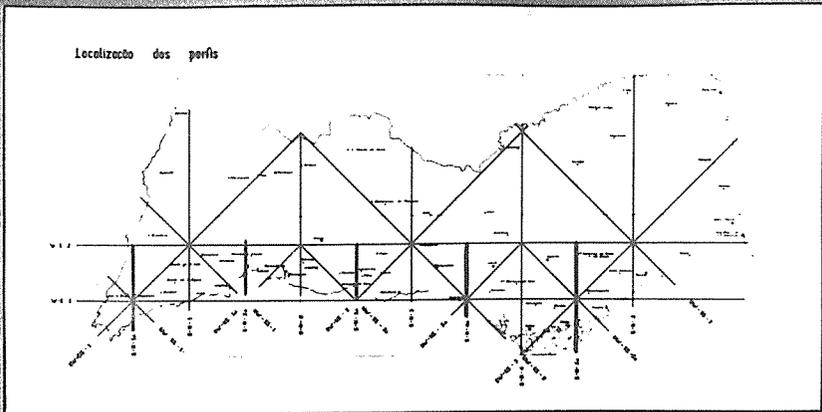
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

É sobretudo o relevo da província que diferencia, portanto, na zona baixa -
algarvia, quatro tipos de paisagem: Barlavento, Centro, Sotavento e os are-
ais da Costa Litoral a Nascente. O primeiro que abrange as regiões a Po-
ente, entre o Oceano e Monchique, menos abrigadas dos ventos frios do Norte
e mais expostas à humidade dos ventos maresiros, caracteriza-se por uma fei-
ção atlântica. A zona central, situada entre Monchique e o meridiano de
Salir, é abrigada do Norte, Nascente e Poente, abrindo-se francamente ao
Sul o que lhe confere condições mais temperadas. A zona oriental ou Sota-
vento, principalmente no interior, encontra-se exposta aos fluxos diurnos
de Leste, frios no Inverno e quentes no Verão, o que dão origem a um clima
mais continental. O litoral arenoso a Nascente, sujeito a grande erradia-
ção e a maiores humidades, apresenta características junto ao solo que o
individualizam em relação às demais áreas algarvias e recomendam condicio-
namentos especiais à construção para a libertar dessas condições.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

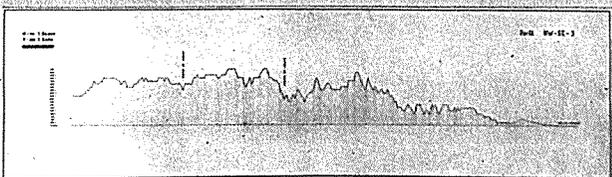
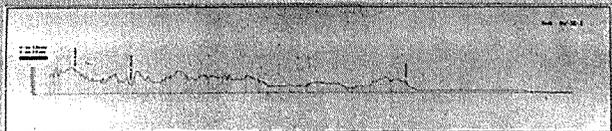
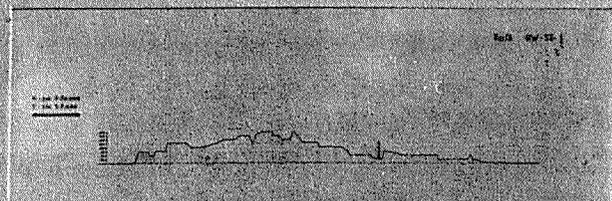
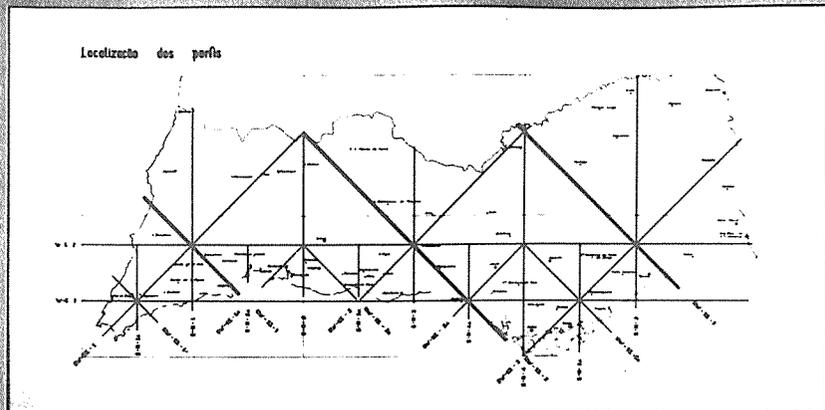
A região a Norte deste sector está mais exposta aos Nordeste, o que não su
cede com os dois precedentes que se encontram protegidos deste rumo pelos ma
ciços de Monchique e Caldeirão.

A zona Faro-Olhão encontra-se abrigada de todos os quadrantes de Norte pe -
los relevos mais próximos de Monte Figo e Alportel.

Pode dizer-se que toda a província está vulnerável aos ventos dos quadran -
tes do Sul, com excepção do sector interior que corresponde à fracção da ba
cia do Guadiana.

Estas circunstâncias conferem características distintas às zonas baixas cor
respondentes. De facto, parece que a importância da radiação directa nos
dois primeiros sectores, mesmo no período de veraneio - e também no inverno
quando sopra o Nordeste - dão-lhe condições mesológicas de certa estabilida
de, enquanto que o sector de Vila Real apresenta características mais extre
mas.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



Nas vertentes da Serra do Caldeirão - e o topónimo o confirma - nascem quase todos os veios de água que fertilizam o Sul do Alentejo, pelo Mira, o sector central e o Sotavento algarvios. A Serra de Monchique dá origem aos ribeiros que alimentam o Barlavento e a baía de Lagos. Nesta, o Arade forma-se a partir da confluência de águas dos dois maciços: a ribeira de Arade que nasce no Caldeirão e o Alferce que irrompe de Monchique. Daqui descarregam ainda mais directamente e com certo volume sobre o litoral, o Alvor e o Arão desde a linha de separação dos xistos com a foiaite.

Pode dizer-se que os grandes colectores de água algarvios são o Guadiana, a Ria de Faro e o Arade.

Enquanto que no Barlavento dominam as pequenas bacias hidrográficas, à excepção das já referidas, que desaguam no mar definindo pequenas praias recorta-

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

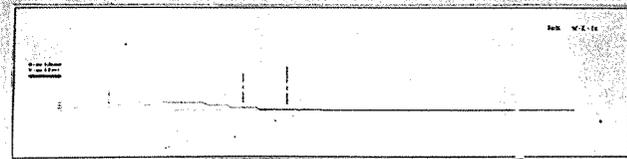
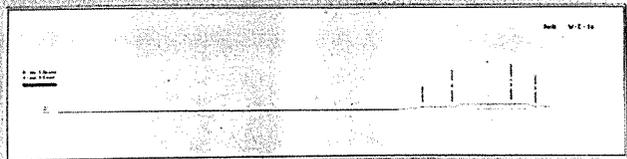
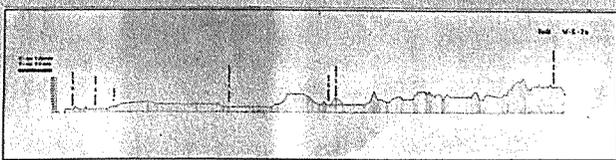
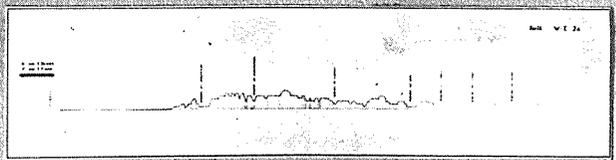
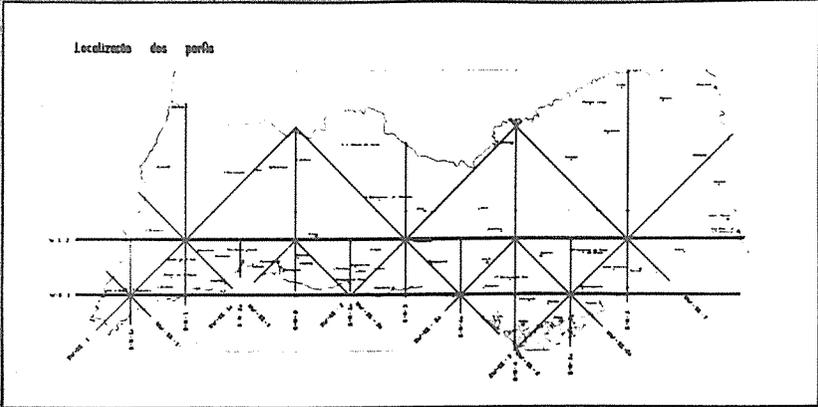
das, no Sotavento confluem paticamente sobre o Guadiana e na chamada Ria de Faro a maior parte dos veios que nascem respectivamente no maciço do Caldeirão e nas Serras de Alportel e Monte Figo.

Se os extensos areais de Quarteira, Faro e Cacela devem a sua existência à erosão que o mar provoca junto aos litorais de Barlavento, se a devem antes a depósitos de outra origem telúrica ou a ambos conjuntamente o que é certo porém é que esses depósitos são mais de origem marítima do que resultantes da erosão anterior. No entanto é de crer que esta última, alguma coisa tenha contribuído para o engrossamento dos correios da Ria de Faro a partir da erosão das terras brandas de montante.

A observação dos cursos de água desta zona permite definir com clareza a região da Ria de Faro, bem demarcada desde as alturas de Alportel pelas Ribeiras de Aljibre e Quarteira a Poente e pela Ribeira de Alportel até Tavira

estendendo-se até Monte Gordo. Entre estas duas linhas, os cursos de água descem no sentido N.S. até ao mar, divagando todas elas segundo a linha da costa sobre as ilhas da Barreta, de Armona e de Tavira que constituem a primeira barreira frente ao Atlântico. Na região de Lagos-Portimão verifica-se a importante confluência de quatro cursos de água: Ribeira de Bensafrim, Odeaxere, Arão, Alvor e Arade. No Barlavento os três principais cursos de água tomam sempre a orientação SE - NW (Ribeira de Seixe, Aljezur e Carrapateira) definindo pequenas enseadas sobre as arribas. No Sotavento os cursos seguem a direcção Poente - Nascente até afluírem no Guadiana. Os veios de água da zona dos xistos são mais ravinados do que nas outras regiões devido a um rápido escoamento superficial, enquanto que para Sul os cursos de água revelam um maior contributo de água de infiltração. Este facto exige do planeamento soluções e precauções perfeitamente distintas. Assim, enquanto que aos cursos de água de predominante escoamento superficial poderão ser indicadas soluções de retenção mecânica, àqueles cuja água de afluência

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



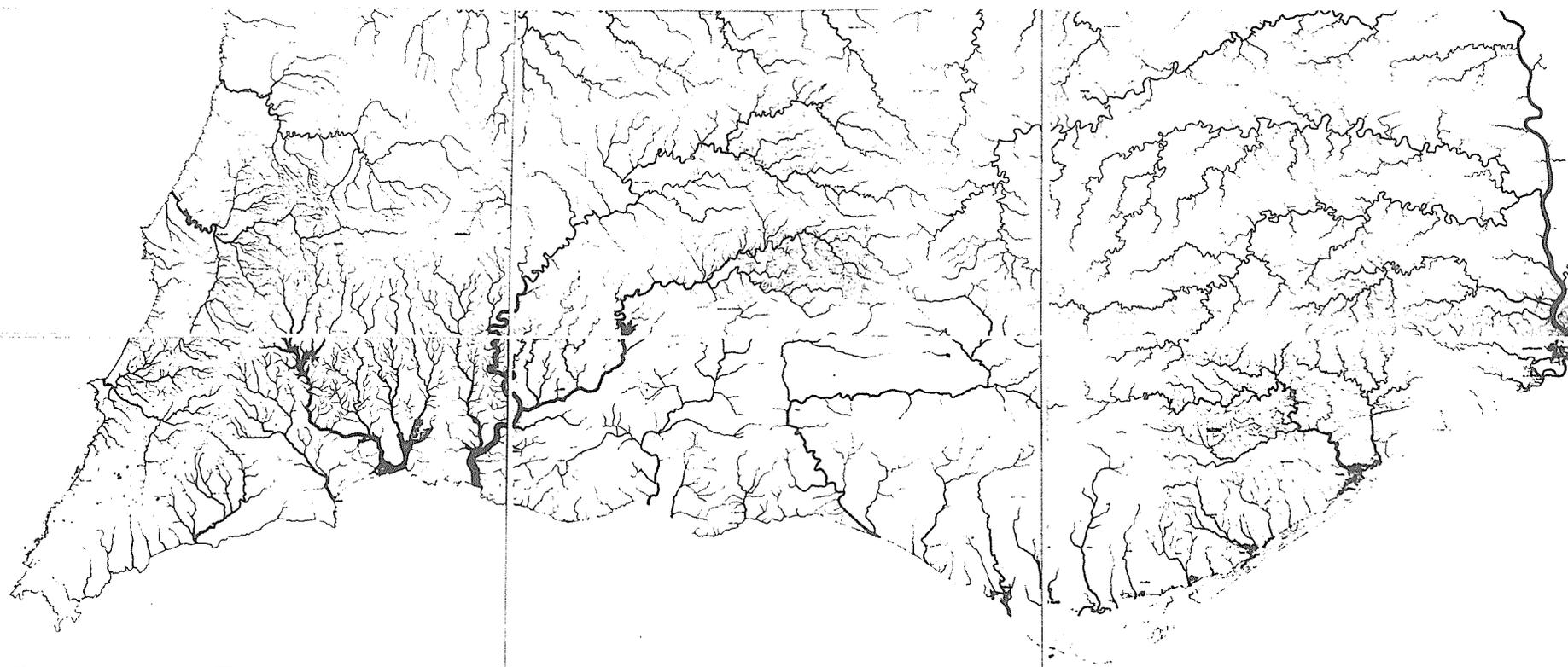
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

é principalmente de infiltração, deverá garantir-se a permeabilidade marginal mediante uma conservação fundamentalmente de origem biológica.

A Barlavento, as linhas de água, ainda que submetidas ao regime geral, concentram a sua principal origem nas grandes altitudes de Monchique e nas águas subterrâneas próprias da sua especial formação geológica. As da zona do Caldeirão parecem sofrer de bifurcação proveniente quer do acesso SW dos ventos mareiros que sobem os talwegues do Arade, e que portanto se orientam para Alcoutim, quer pela depressão do sector central de S. Marcos da Serra de NW SE alargando para SE o contributo pluviométrico desta elevação.

Estas considerações fundamentam-se não só na observação da rede fisiográfi-

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

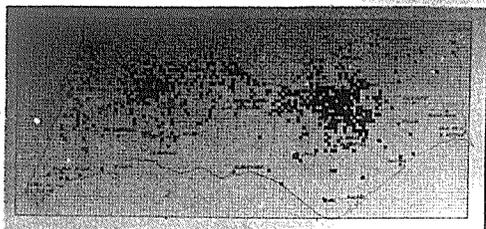
ca, como ainda no estudo do Eng^o. Ag. Reis Cunha sobre "O Clima do Algarve":

Duma forma geral, portanto, pode dizer-se que as linhas de água nas suas múltiplas ramificações constituem um denso recticulado, ainda que em regime torrencial, sobre o qual se deverá fundamentar um indispensável repovoamento vegetal, indicando claramente uma ordem de prioridade nesse revestimento e uma forma de actuação, a partir dos vestígios de formações vegetais de tipo climácico ainda existentes.

No entanto, dada a importância dos núcleos urbanos afectados pela zona de Monchique, as linhas de água que dependem deste maciço parecem dever merecer uma precedência especial.

Esta distribuição de regimes e de ramificações em zona serrana e nas zonas

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



baixas costeiras, reflectirá ainda as respectivas soluções de compartimentação - que aliás os aspectos da paisagem humanizada, mesmo que degradada, ainda reflectem. Mais naturalística na serra, mais formal e geométrica na zona cultural das baixas.

A irregularidade do regime hidráulico torna mais sensíveis as linhas de água a todas as fontes de poluição, daqui provindo o especial cuidado que deverá exercer-se para a evitar. Também as formas da fauna e da flora que encontram na continuidade biológica de um curso de água a garantia da evolução do seu ciclo, não deverão ser alteradas por intromissões inconsideradas. Assim se poderá garantir que as aluviões litorais mantenham as características de atracção que actualmente ainda possuem.

Obstruções por construção, mesmo provenientes de albufeiras, deverão ter em conta a respiração dos vales e a sua necessidade de revestimento vegetal. A forma como se desenham longitudinalmente as linhas de água que atravessam o Algarve, constitue inspiração para outras obras de retenção de água, factor que neste caso é considerado limitante. Esta observação ditará portan-

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

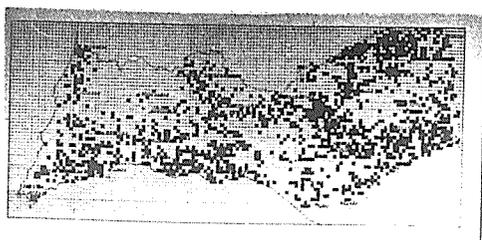
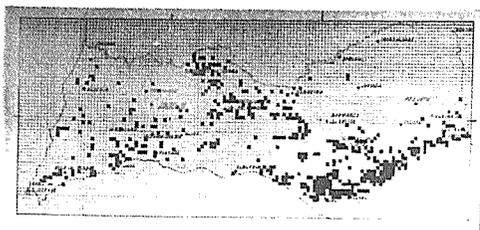
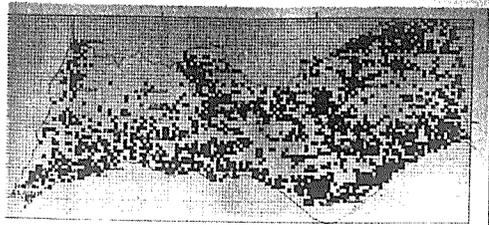
to conformação de cortinas de compartimentação, distribuição de povoamentos, técnicas de lavoura, e outros tipos de ocupação do solo no seu desenvolvimento.

Parece de particular interesse, em relação ao maciço de Monchique, principalmente no seu substrato eruptivo mais impermeável, o estabelecimento de pequenas barragens de retenção, enquanto que ao Carbónico parecem mais recomendáveis, nos tractos de paisagem mais degradada, a construção de barragens permeáveis de correcção torrencial.

Tanto estas obras como as lagoas de formação natural que ocorrem no Algarve, poderão vir a constituir elementos de atracção e equipamento de recreio que suscitem uma penetração para o interior, além de operarem, concomitantemente, uma conservação, valorização e maior potencialidade dos núcleos do litoral.

Paisagisticamente, o ordenamento do litoral deverá iniciar-se a montante das primeiras ramificações das principais linhas de água. Esta constitue ele -

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



mento imprescindível de todo o desenvolvimento. Portanto tudo aquilo que afecte o seu aproveitamento ou restrinja as possibilidades de captação, é contrário ao verdadeiro progresso da província.

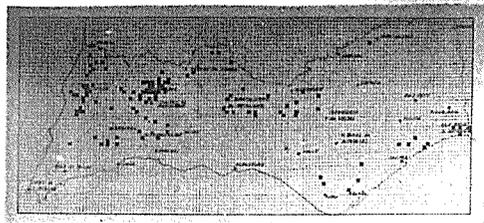
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

No que respeita à distribuição geral das origens da água no solo algarvio, determinaram-se os locais das fontes e nascente existentes. Verificou-se que são sobretudo abundantes nos terrenos de maior altitude, em Monchique e especialmente no Caldeirão, e acompanham a distribuição do pentamestre chuvoso. Nas áreas mais baixas e na hemibacia do Guadiana poucas existem.

A situação dos dois núcleos de mais elevada densidade correspondem portanto aos dois polos de maior intensidade de queda pluviométrica. No entanto, e apesar de ao polo do Caldeirão corresponder uma menor pluviosidade do que em Monchique, é aí que se regista a maior densidade de fontes e nascentes. Para lá destes dois núcleos, as fontes dispersam-se pelo território paralelamente à distribuição das chuvas, ainda que ofereça uma certa descontinuidade em relação a Monchique.

Parece portanto que esta diferença de intensidades deverá poder correlacionar-se com a existência de águas subterrâneas que se revelam pelo contributo pluviométrico.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



Por outro lado, a distribuição dos poços na Província complementa a distribuição de fontes e nascentes anteriormente apontada. É muito mais densa a presença de poços no Sotavento do que no Barlavento, em distribuição inversa da pluviometria. Este facto poderá relacionar-se com o predomínio de escoamento superficial a Barlavento e de água de percolação a Sotavento.

Se se examinar a distribuição dos poços com e sem engenho, verifica-se que os poços sem nora se relacionam mais intimamente com a água destinada a uso directo, associado portanto à demografia rural e aos terrenos mais pobres de pecuária extensiva, enquanto que os poços com engenho se distribuem em terras planas de maior intensificação cultural, de forma a permitir a rega por gravidade, mais usada até aqui na exploração hortícola.

Verifica-se que a distribuição dos tanques na superfície do Algarve é mais densa a Barlavento, o que confirma a dominância nessa zona do escoamento superficial e a necessidade de adopção de soluções artificiosas para o armazenamento, permitindo também o dobrado do relevo a rega por gravidade.

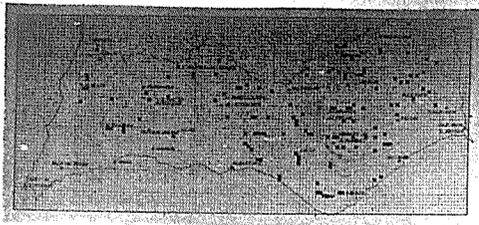
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

Este aspecto parece reforçar o critério já emitido de que, em linhas gerais, é de recomendar o predomínio de albufeiras de armazenamento a Barlavento.

Também a distribuição das azenhas - que é complementar no território algarvio à distribuição dos tanques - realça o mesmo conceito e permite julgar, em confronto com a topografia, os perfis longitudinais dos cursos de água respectivos, uma vez que a estes engenhos se associa sobretudo uma continuidade de caudal.

Assim, no decorrer do tempo, o homem buscou no meio físico os recursos primários necessários à sua vida. E esta exploração, no caso agora de estudo dos recursos hídricos, foi conduzida de diversas maneiras consoante o relevo, a natureza do solo e o clima.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



Seja qual for o aspecto do meio que se analise, o relevo aparece como factor permanente de diferenciação de aptidões.

Porém, sem o contributo da radiação solar a vida não se opera. Daqui a importância que desempenha, após a água, a determinação dos níveis de radiação que mais fortemente caracterizam as condições mesológicas.

Da mesma forma que às diferentes latitudes correspondem distintas incidências de radiação, também os vários escalões orográficos determinam níveis de radiação de desigual intensidade.

À escala deste Estudo Preliminar recorreu-se, para a determinação das radiações diferenciais, às indispensáveis definições dos declives e das orientações do terreno. (Para maiores escalas de trabalho dever-se-ão usar gamas mais especificadas de declives e orientações mais pormenorizadas, consoante os microrelevos). Este estudo incidiu, em especial, na faixa meridional a sul do paralelo de S. Bartolomeu de Messines porque nessas áreas se incluem os locais de maior pressão demográfica e de maior intensidade cultural. A

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

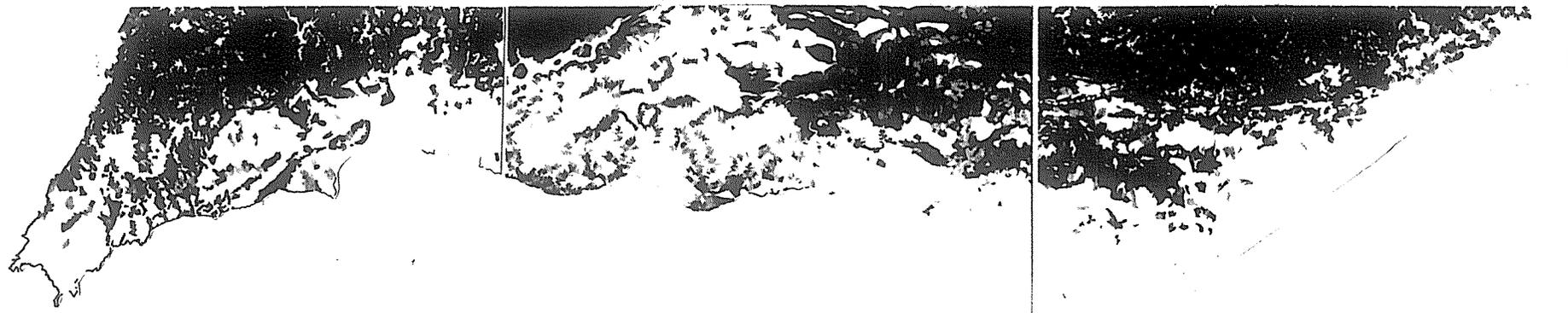
Norte deste paralelo fazem-se sentir sobretudo diferenças de altitude, pedológicas e aproveitamentos doutra natureza.

No que respeita aos declives usaram-se quatro escalões compreendendo as inclinações inferiores a 4%, de 4 a 7, de 7 a 16 e superiores a 16%. Tal distinção, permitiu separar a faixa costeira de mais intensa ocupação, das regiões da Serra, a partir de uma base fisiográfica. Aliás, é evidente a escassa representação dos declives intermédios em relação com os escalões marginais. Daqui, o tornar-se mais nítida a separação assinalada.

Os declives mais abruptos da Serra expõem os solos sensíveis por sua própria natureza e já esqueléticos, à acção dos agentes erosivos.

A este respeito assinala-se a faixa de declives inferiores correspondente aos melhores solos agrícolas, em parte provenientes das meteorizações de montante. Daqui resulta também uma retenção de radiação recebida na zona serrana, enquanto que a planície está sujeita a variações diurnas mais bruscas de intensa erradiação.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

Porém, a intensidade da radiação recebida não depende, evidentemente, apenas do declive, mas da orientação das respectivas encostas.

É na proximidade das regiões onde a sequência dos declives se estabelece escalonadamente que se localizam os grandes aglomerados da costa.

Parece portanto que a proximidade destes declives intermédios favorece a ocupação em mancha, pela continuidade do movimento das brisas que aí se verificam, proporcionando deste modo mais favoráveis condições de conforto em largas áreas.

Nas diferenciações abruptas de declive predomina uma ocupação habitacional linear, a qual procura nessa estreita banda a estabilidade climática possível.

A observação do relevo sob este prisma permite verificar que é ao sector central da província e em plena zona de menor declive, que dominam as manchas mais extensas expostas aos rumos Sul. Este facto confere, sobretudo

a este sector, e em conjugação com a sua natureza pedológica condições especiais para a exploração de produtos de qualidade.

A grande diferenciação de orientações na área serrana evidenciará situações de alternância que condicionarão o respectivo revestimento. Assim, as hidroséries e xeroséries correspondentes, ou de equilíbrio paralelo, em confronto com as gradações de altitude, sua utilização e compartimentação apoiar-se-ão naquela alternância.

No que aos grandes agregados populacionais diz respeito, também se constata haver nas proximidades ao rumo N-NO perdomínio da exposição Leste e Oeste, criando condições gerais de encanamento de circulação das massas de ar dominante e desta forma assegurando o arejamento dos aglomerados.

Esta circunstância, tão importante para a sanidade urbana quando escasseiam os esgotos ou são insalubres ou desagradáveis os cheiros provenientes da indústria da pesca, mais actual se torna quando a poluição é originada nos aglomerados modernos pelos gases de combustão. Garantir tal drenagem atmos-

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

férica, conduzida e purificada pelos espaços verdes nas proximidades dos agregados urbanos, constitui também uma das preocupações do planeamento a essa escala.

Da conjugação dos elementos de orientação e do declive obtém-se gradientes de níveis de radiação, apurados através do chamado índice "Ex" assim diferenciados nos 5 escalões:

90	=	de radiação directa muito deficiente
90 a 100	=	" " " moderadamente deficiente
100 a 105	=	" " " intermédia
105 a 110	=	" " " elevada
> 110	=	" " " muito elevada.

Estes valores de índice "Ex" em conjugação com os demais elementos de inqué

rito, fornecem a possibilidade de definição de aptidões, sob o ponto de vista ecológico, consoante as suas potencialidades rurais urbanas e de equipamento. Nas rurais integram-se progressivamente as agrícolas, as pastoris e as de coberto arbustivo e arbóreo .

Assim, o zonamento em cada um destes meios, analisados a escalas crescentes de trabalho, permite diferenciar os tipos de habitat nos agregados urbanos , ao mesmo tempo que define uma localização mais própria para os espaços indicados ao diferente equipamento.

No que respeita à exploração agrícola do solo, e ainda em conjugação com outros elementos fundamentais do inquérito, é possível demarcar áreas de aptidão de culturas de qualidade, reticulados correctivos de compartimentação e áreas complementares de uso agrícola. Em relação às áreas silvo-pastoris, e dentro dos condicionamentos próprios delimitam-se as superfícies mais aptas ao coberto denso e aquelas que, em clareira, são mais adequadas à pastorícia.

Para diferenciar aptidões dentro dos nucleos urbanos houve que localizá-los e

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

HABITAT CONCENTRADO

	ÁREAS LIMITES	N-TOTAL DE		ÁREAS LIMITES	N-TOTAL DE		ÁREAS LIMITES	N-TOTAL DE	
	OCUP.	CONSID.	CAS. OBSERV.	OCUPADAS	CONSIDER.	CAS. OBSERV.	OCUPADAS	CONSIDER.	CAS. OBSERV.
MUITO FORT. CONC.									
	62	130							
	256	512							
	17	935							
	55	2228		42	714				
	64	3520		64	1701		39	17	663
	5	415		5	485		64	5	1300
	83	872		97	1019		5	829	
	16	1328		16	1562		103	10	1733
	1	14		1	15				79
	4	35		15	38		79		195
	4	50		4	60		4		316
TOTAL LIVRE INTERM. CONC.	T1	1494		T1	1214		T1		1567
	T2	5416		T2	4300		T2		5402
	M	3455		M	2757		M		35045
	154			154			203		
MUITO FORT. CONC.	267	1028						257	257
	1024	2048						1024	1024
	82	780		15	975		82		1170
	256	3072		256	2458		18		2881
	17	101		17	3876		17		4608
	53	2147		228	2324		144		1248
	64	3342		64	14342		64		7857
	5	115		5	680		5		1223
	23	242		130	1428		125		1313
	16	368		16	2176		16		2000
	1	4		1	12		1		23
	4	10		4	30		23		58
	4	16		4	48		4		92
TOTAL LIVRE INTERM. CONC.	T1	2828		T1	6543		T1		5373
	T2	10944		T2	20650		T2		20140
	M	6886		M	130945		M		127565
	96			391			361		
	250	10341		645	188565		644		16200

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

HABITAT CONCENTRADO - Nº MÈDIO DE CASAS POR K²

Alj.-Monc. 5.66	S.Mc.-Sal. 3.72	Ameix.-Alc. 2.97
Sagr.-Por. 10.43	A. Per.-Loul. 14.88	Far.-V. Rl. 15.36

HABITAT LINEAR

1.83	1.13	0.35
2.18	3.61	4.51

HABITAT DISPERSO

4.27	2.22	0.40
4.58	3.83	2.93

GRAUS DE INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO

Alj.-Monc. 0 2 55 83 14 154						S. Mc.-Sal. 0 0 42 97 15 154						Ameix.-Alc. 0 0 39 165 79 283					
Sagr.-Por. 4 12 53 23 4 96						A. Per.-Loul. 0 15 228 136 12 39						Far.-V. Rl. 1 18 194 125 23 25					

+256 65-256 17-64 5-16 1-4 TOTAL

0 1 13 39 8 61						0 0 10 40 5 55						0 0 0 5 5 10					
0 1 28 14 1 44						0 0 67 43 5 115						0 4 72 24 3 103					

0 0 1 103 195 299						0 0 1 95 163 285						0 0 0 10 150 180					
0 0 25 39 221 385						0 2 42 104 103 251						0 0 29 105 85 219					

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

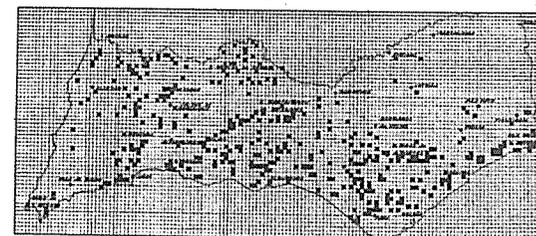
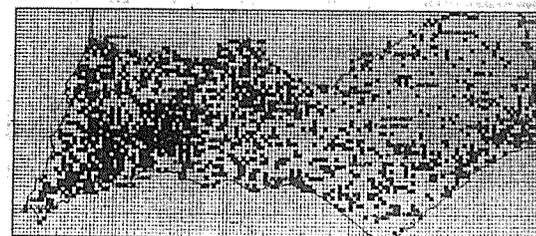
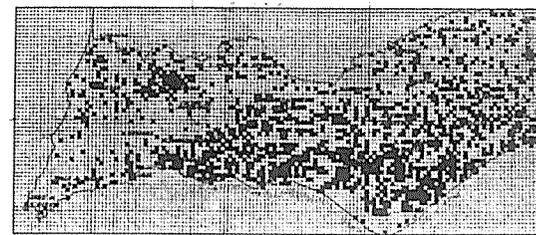
36

grandes concentrações de altas densidades, no litoral a Sul, e pequenas concentrações, embora numerosas, nos três sectores norte da Província.

Da mesma forma, também o habitat linear segue uma distribuição idêntica, em valor absoluto, à da distribuição da construção em todo o território algarvio, crescendo a sua representação de Alcoutim para Alportel e depois, de Sagres a Vila Real, reflectindo de igual modo a riqueza crescente dos diferentes sectores, como já se apontou.

Sob o aspecto quantitativo, pode observar-se que os maiores adensamentos lineares se verificam nos sectores da orla litoral Sul e os adensamentos lineares medianos são mais próprios do Norte da Província.

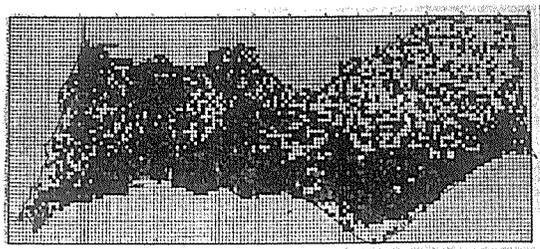
Observando agora as percentagens do habitat linear em relação aos demais tipos de ocupação, - mais significativas portanto como caracterizadoras da estrutura urbana - verifica-se que não tem relevância de presença no sector serrano de Ameixial - Alcoutim. Representa porém 1/5 da ocupação no sector de Faro - Vila Real, onde atinge a maior preponderância. Todavia, ain-



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

da se faz sentir com certo peso nos restantes sectores, embora com ligeiro decréscimo no de Sagres - Portimão.

Esta semelhança de variação com a que foi já observada quando do estabelecimento da diversificação dos tipos de habitat, confirma a existência de uma forte correlacção entre o desenvolvimento linear e a utilização das bandas de inversão", como correctivos necessários de natureza microclimática aos condicionamentos gerais a que estão sujeitos estes sectores.



O último termo de relação do espaço interior com o exterior, depois de analisada a orientação do sítio de implantação e a macroestrutura dos aglomerados, diz respeito propriamente à orientação dominante das fachadas das construções existentes. Para este efeito, consideraram-se as quatro orientações principais que absorveram os intermédios.

Assim, e a partir dos mesmos elementos quantitativos, fez-se o cômputo para cada um dos seis sectores já referidos. Consideraram-se as exposições principais a SE, E-W, a Sw e N-S.

Verificou-se que o número de construções por unidade de superfície expostas a SE acompanha sensivelmente a densidade demográfica e cresce portanto de Alcoutim para Aljustrel e de Sagres para V.Real, tendo uma variação de representação de 1,80 construções por Km quadrado até 13,88 construções por Km quadrado.

É esta a exposição mais comum em toda a Província. De facto, mais de metade da edificação algarvia é assim orientada. Como se conjuga também, tal ex-

posição, com a orientação do terreno mais ocupada, esta observação confirma a importância que tem a transparência atmosférica matutina na economia da radiação.

No sector Aljustrel - Monchique 60% da construção expõe-se a SE. No sector de S. Marcos - Salir, onde esta orientação apresenta o mínimo, atinge todavia 46%. No Sector Ameixial - Alcoutim 57%, no de Sagres - Portimão 60%, no de Armação de Pera - Loulé 57% e no de Faro - V. Real 63%.

Não deve ser alheio a esta preferência de exposição a interposição dos grandes relevos existentes a Nascente e Poente conduzindo a uma alteração dos períodos de radiação directa. Ao grande predomínio desta orientação também não é de por de lado, a possível utilização dos ventos gerais de NW para o arejamento transversal das construções em toda a Província.

As edificações expostas a E-W têm uma fraca representação por unidade de superfície, sendo particularmente deficientes os sectores orientais e ligeiramente mais notáveis os sectores intermédios.

A importância relativa desta exposição em presença dos demais atinge o máximo no sector S. Marcos - Salir com o valor de 7% e o mínimo em Faro - V. Real apenas com 1%, 2% em Aljustrel - Monchique, 3% nos sectores de Armação de Pera - Loulé e Ameixial - Alcoutim e 4% em Sagres - Portimão.

Esta disposição com tão fraca representação deverá possivelmente encontrar justificação em particularidades ocasionais do relevo, e na procura de um prolongamento da luminosidade diurna.

Após a dominante exposição das construções a SE, são as exposições a SW as mais representadas na Província.

A sua presença por unidade de superfície cresce com a densidade demográfica de Alcoutim para Poente e de Sagres até Loulé, ainda que fortemente representada no sector de Faro - V. Real, havendo 1,41 construções por Km² no primeiro até 6,89 e 6,24 nos dois últimos sectores.

Pode dizer-se que 1/3 de construção algarvia possui esta exposição.

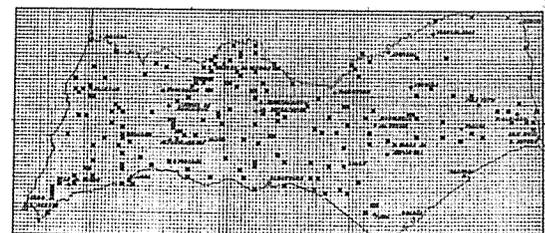
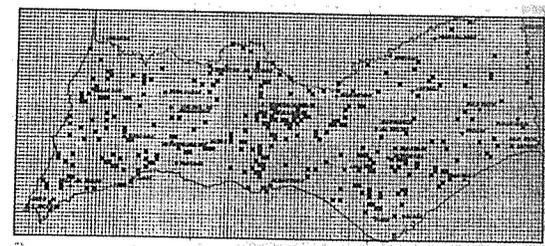
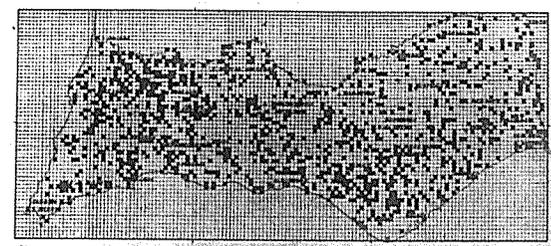
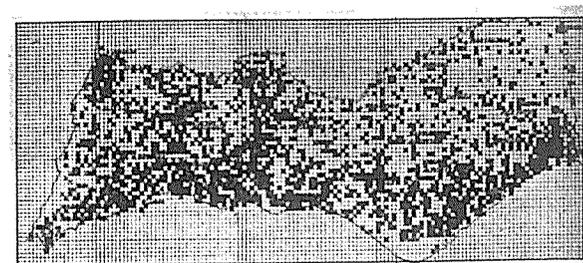
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

No sector Aljustrel - Monchique há 33% nestas condições, nos dois sectores centrais 32%, no sector Ameixial - Alcoutim 39%, Sagres - Portimão 29% e em Faro-V.Real há 26%.

Apesar de uma grande uniformidade de distribuição deste tipo de exposição em todo o Algarve, a sua maior representação no terço médio do litoral Sul e no sector Ameixial - Alcoutim permite correlacioná-la com uma menor queda pluviométrica e portanto considerá-la como a exposição mais convenientemente adoptada àqueles locais onde são menos de temer infiltrações de água provenientes dos ventos transportadores de chuva.

No que respeita às construções expostas a Sul verifica-se que a sua representação quantitativa é fraca, sobretudo nos sectores de Ameixial - Alcoutim, Aljustrel - Monchique e Sagres - Portimão com valores, respectivamente de 0,17, 0,37 e 0,72 construções por Km².

No sector S.Marcos - Salir atinge o valor de 1,05, em Faro - V.Real 1,43 e Arnação de Pera - Loulé 1,57.



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

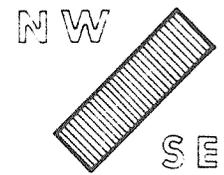
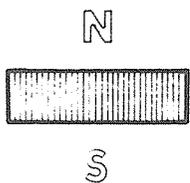
Quanto à representação percentual são os sectores centrais os mais ricos, 13% a Norte e 7% a Sul, seguindo-se-lhes os sectores orientais com 4 e 6% e os occidentais com 3 e 4%.

Parece haver uma correspondência entre as orientações das encostas a N e as exposições das casas a Sul. Os valores mais elevados nos sectores do centro poderão representar uma procura de maior luminosidade em virtude da já referida interposição dos relevos a Noroeste e Poente.

Em resumo, poderá dizer-se que 60% da construção algarvia é exposta a Sudeste, 30% a Sudoeste, 7% a Sul e 3% a Nascente - Poente ainda que com as oscilações locais atrás referidas.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

ORIENTAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES



ÁREAS OCUPADAS	LÍMITES CONSIDER.	N.º TOTAL DE CASAS OBSERV.	TOTAL DE CASAS / SUPERF. TOTAL	ÁREAS OCUPADAS	LÍMITES CONSIDER.	N.º TOTAL DE CASAS OBSERV.	TOTAL DE CASAS / SUPERF. TOTAL
1	17	153	100%	2	17	34	100%
64	64	365	100%	64	64	128	100%
5	5	160	100%	5	5	30	100%
13	137	336	100%	6	16	63	100%
16	208	512	100%	16	16	96	100%
1	21	32	100%	1	1	18	100%
21	83	80	100%	18	1	45	100%
4	84	128	100%	4	4	72	100%
103	103	345	100%	T1	T1	62	100%
356	356	1216	100%	T2	T2	296	100%
2295	2295	7895	100%	M	M	189	100%
17	65	130	100%	17	17	408	100%
32	321	321	100%	64	64	972	100%
256	256	312	100%	5	5	556	100%
17	17	323	100%	24	24	100	100%
19	720	720	100%	5	5	100	100%
64	1216	1216	100%	16	16	296	100%
5	120	252	100%	1	1	23	100%
21	201	201	100%	4	4	36	100%
16	24	48	100%	T1	T1	522	100%
1	73	17	100%	T2	T2	1868	100%
4	116	68	100%	M	M	1195	100%
11	219	310	100%	62	62	1385	100%
732	732	2180	100%	135	135	2165	100%
4755	4755	1385	100%				
705	705	2165	100%				

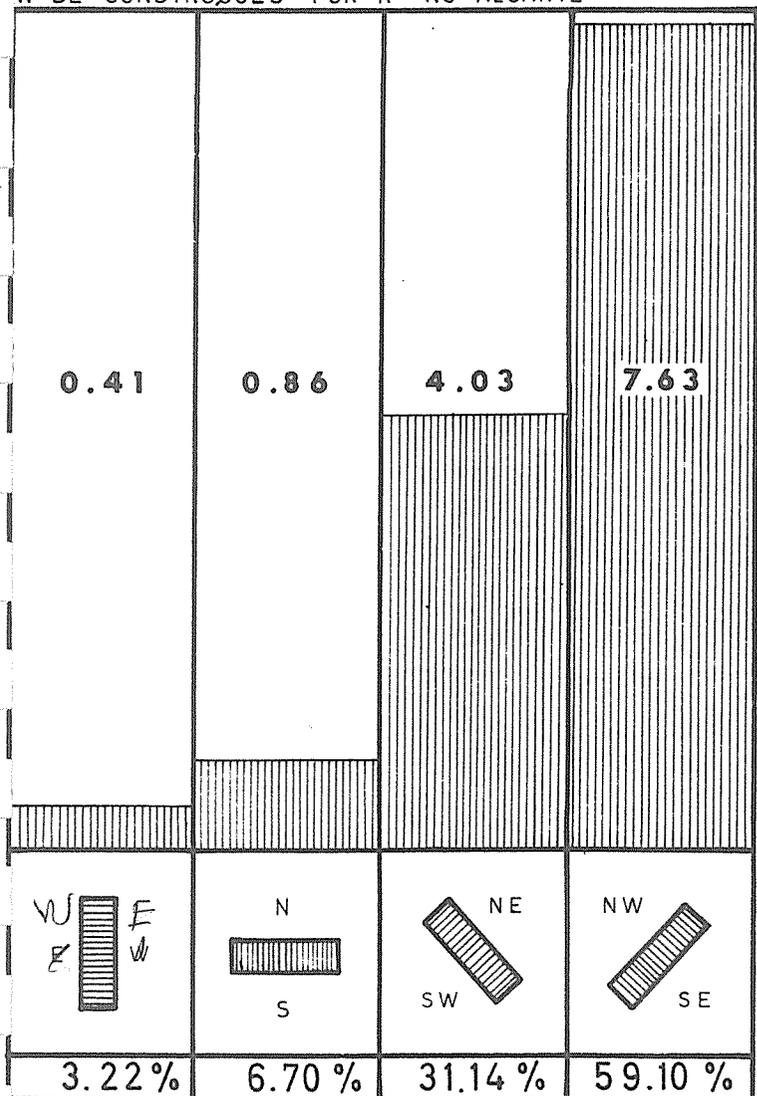
ÁREAS OCUPADAS	LÍMITES CONSIDER.	N.º TOTAL DE CASAS OBSERV.	TOTAL DE CASAS / SUPERF. TOTAL	ÁREAS OCUPADAS	LÍMITES CONSIDER.	N.º TOTAL DE CASAS OBSERV.	TOTAL DE CASAS / SUPERF. TOTAL
3	65	195	100%	28	17	476	100%
482	482	482	100%	64	64	1134	100%
768	768	768	100%	5	5	625	100%
731	731	731	100%	125	16	1313	100%
1742	1742	2112	100%	1	1	107	100%
2752	2752	260	100%	4	4	428	100%
660	660	104	100%	T1	T1	1208	100%
1386	1386	268	100%	T2	T2	4220	100%
2112	2112	189	100%	M	M	2714	100%
104	104	416	100%	260	260	2714	100%
1690	1690	11	100%				
6048	6048	210	100%				
3869	3869	233	100%				
65	65	585	100%	1	1	257	100%
1445	1445	641	100%	1024	1024	1024	100%
2304	2304	910	100%	65	65	910	100%
1224	1224	2247	100%	256	256	3584	100%
2916	2916	17	100%	17	17	2907	100%
4608	4608	8060	100%	64	64	6926	100%
580	580	12736	100%	5	5	10944	100%
1218	1218	880	100%	16	16	725	100%
1856	1856	1848	100%	1	1	1565	100%
131	131	2816	100%	58	58	2384	100%
328	328	58	100%	4	4	59	100%
524	524	145	100%	1	1	59	100%
2520	2520	232	100%	T1	T1	4736	100%
9292	9292	11	100%	T2	T2	17576	100%
5906	5906	210	100%	M	M	11176	100%
9775	9775	700	100%	440	440	11525	100%
				700	700	13890	100%

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

Nº DE CONSTRUÇÕES POR K² NO ALGARVE



Nº DE CONSTRUÇÕES POR K² NOS SECTORES



Alj.—Monc.	S:Mc.—Sal.	Ameix.—Alc.
0.30	0.59	0.12
0.71	0.69	0.23

Sagr.—Por. A.Per.—Loul. Far.—V.Rl.



3.25	2.52	1.41
4.29	6.89	6.24



0.37	1.05	0.17
0.72	1.57	1.43



6.34	3.66	1.88
8.94	12.70	13.88

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

A CAPACIDADE DE USO DO SOLO E O POVOAMENTO

CLASSES A·B	OCUPAÇÃO DOS SOLOS EM SITUAÇÃO EXTREME E QUANDO INDISCRIMINADAMENTE ASSOCIADOS A OUTROS DE QUALIDADE INFERIOR											
	AREA NO SECTOR KM ²	% DESTES SOLOS NA AREA DO SECTOR	Nº DE CONSTRUÇÕES POR HA	SOLOS NA OCUPAÇÃO %	AREA NO SECTOR KM ²	% DESTES SOLOS NA AREA DO SECTOR	Nº DE CONSTRUÇÕES POR HA	SOLOS NA OCUPAÇÃO %	AREA NO SECTOR KM ²	% DESTES SOLOS NA AREA DO SECTOR	Nº DE CONSTRUÇÕES POR HA	SOLOS NA OCUPAÇÃO %
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA QUALIDADE EM SITUAÇÃO EXTREME	ALJEZUR - MONCHIQUE				S. MARCOS DA SERRA - SALIC				ANEIXIAL - ALCOENTIM			
	0	0%	0	0	0	0%	0	0	0	0%	0	0
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA QUALIDADE ASSOCIADOS A OUTROS	115	18,9%	0,11	10,4%	141	14,1%	0,15	12,6%	20	2,2%	0,27	3,65%
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA QUALIDADE EM SITUAÇÃO EXTREME	SAGRES - PORTIMÃO				A. DE PERA - LOULE				FARCO - V. DE S. ANTONIO			
	3	0,4%	0,18	0	39	4,4%	0,23	7,6%	77	9,3%	0,45	1,3%
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA QUALIDADE ASSOCIADOS A OUTROS	332	50,3%	0,18	13,5%	621	70,5%	0,24	17,3%	334	47,0%	0,38	9,1%

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

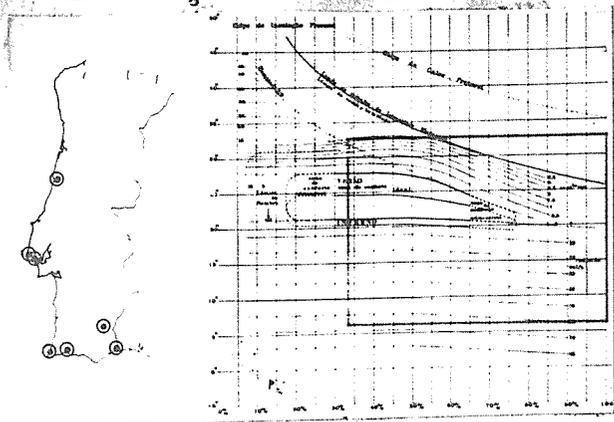
ESTUDO PRELIMINAR

Como se disse, o estudo do clima regional algarvio em -
contra-se perfeitamente analisado, a partir dos dados meteorológicos oficiais
no estudo sobre "O Clima do Algarve" da autoria do Eng^o. Agron^o. F. Reis Cu-
nha. As conclusões que se apuraram deste estudo permitiram uma visão glo-
bal das condições meteorológicas gerais da província e nos diversos sectores
que foram sendo analisados.

Por outro lado, o estudo que se levou a efeito em relação aos índices de ex-
posição, correspondeu a uma análise a escalão mais local das condições micro-
climáticas dos vários tratos de terreno.

O estudo comparativo das condições de conforto humano (segundo Olgay) a que
depois se procedeu, permitiu estabelecer uma correcção aos índices correspon-
dentes ao litoral dos sectores orientais, ao mesmo tempo que definiu as con-
dições mais propícias à vida humana naqueles locais que o estudo foi recomen-
dando e onde existem dados microclimáticos apurados.

No que respeita às observações comparativas das condições de conforto humano



Procurou-se evidenciar algumas características através da verificação dessas condições em determinados locais do país.

Daf o haver-se registado grãficamente aquelas condições nas três estações do litoral algarvio (S. Vicente, Praia da Rocha e Vila Real de S. António) e nas mais continentais de Monchique e de Mértola.

Dados idênticos se obtiveram a partir das estações de Figueira da Foz, Cabo da Roca e Monte Estoril, apenas para efeitos comparativos.

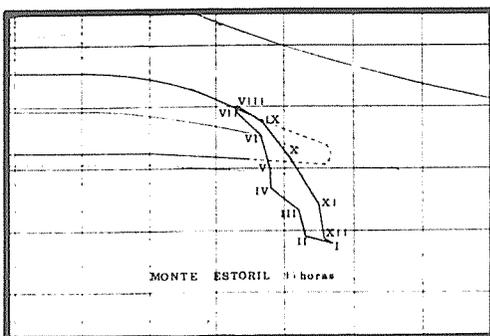
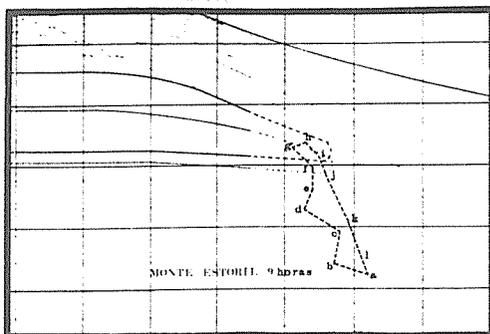
A análise dos climogramas que definem as condições de conforto humano no litoral algarvio, mostra que no sector mais ocidental é muito escasso o período de tempo em que a sombra se torna necessária. Mesmo durante os meses de veraneio, de Junho a Outubro, apenas das 11,30 até cerca das 17 ou 18 horas se exige o abrigo de uma sombra. Conhecida a limpidez do céu, que garante os níveis de radiação, manifesta-se com evidência a qualidade deste sector para uma permanência de vida no exterior. Tal verificação confirma a vocação desta zona como região de recreio e contacto com a natureza ("wild life",

" hiking " etc.). Além disso, as condições naturais da vegetação nesta área e a sua riqueza florística, que de resto reflectem as características do meio, oferecem como se sabe ambiente ideais para estes tipos de recreio.

Nas praias e durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, ocorre o facto especial de coincidir com os períodos diurnos de necessidade de correcção climática de refrescamento, o período que medeia entre as 11,30 e as 13,30 e o das 16,30 às 18 horas que corresponde às horas habituais dos banhos de mar. Apenas a intensidade do vento poderá afectar estas condições ideais, quando ultrapassar o efeito correctivo de conforto.

Ainda que o número de dias de céu limpo seja de cerca de 80/ano, os de céu totalmente coberto são apenas da ordem dos 16/ano. Isto mostra que neste sector, dados os níveis de radiação necessários para se alcançarem condições de conforto, estas são possíveis de usufruir durante todo o ano em 80 dias e parcialmente em 269 dias.

As características de conforto recomendam que, naqueles locais onde essas



condições se aproximem das verificadas na estação de S. Vicente, se utilizarem vãos amplos de forma a garantir os níveis de radiação convenientes. Apenas os efeitos mecânicos de excessiva intensidade do vento directo poderão como se disse constituir factor importante de depreciação desta zona.

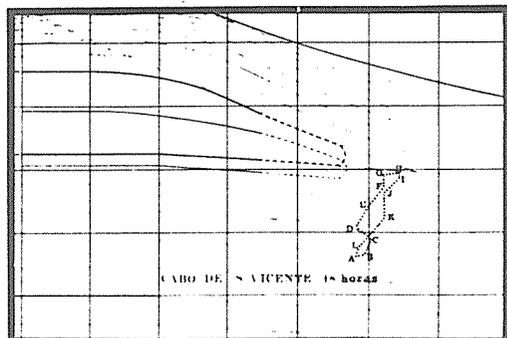
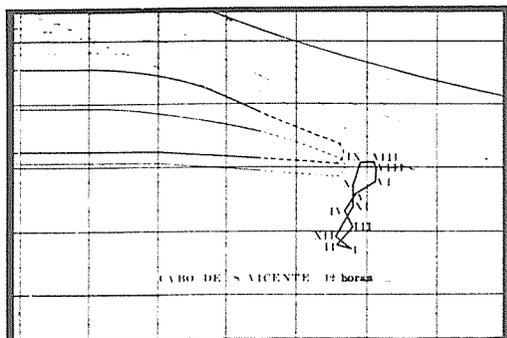
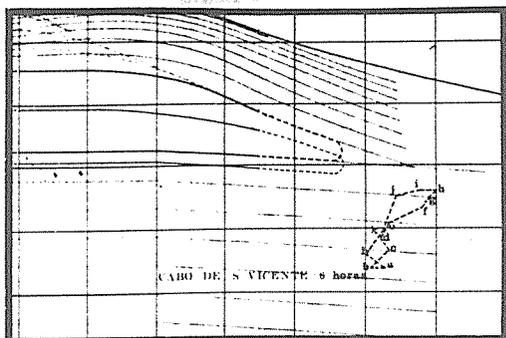
No sector definido pelo climograma da Praia da Rocha verifica-se que de Maio a Outubro é necessária a sombra a partir das 8 horas da manhã até ao fim do dia. Os efeitos dos excessos de radiação prolongam-se pela madrugada até à 1 hora da manhã, em Julho e Agosto. Nestes meses as horas com maior necessidade de refrescamento são das 14,30 às 16 horas. Os níveis de radiação exigidos para o restabelecimento do conforto são amplamente cobertos no resto do ano, pois apenas se verificam 6 dias de céu totalmente coberto. Porém, como o restante período anual é parcialmente encoberto, com apenas 37 dias de céu limpo, não se observa a frequência de continuidade de condições de conforto como a que se verificou no sector ocidental. Contudo, a inércia da radiação que se manifesta de Maio a Outubro permite supor que tal fenómeno se manterá e corrija os períodos encobertos nos restantes meses do ano.

Durante a noite, e de meados de Junho a meados de Outubro, será necessário - garantir uma ventilação até cerca da 1 hora da manhã, conseguida através de processos artificiais ou vãos de pequenas dimensões que impeçam a intro - missão de excessos de radiação.

As condições de conforto existentes neste sector permitem o uso normal das praias de Maio a Outubro desde as 8 da manhã à 1 da noite enquanto que na região de S. Vicente este período se limita das 12 às 18 horas.

No sector de Vila Real de Santo António e durante os meses de Outubro a meados de Abril são necessários durante as manhãs mais elevados níveis de radiação do que os exigidos nos sectores precedentes. Os períodos de tempo que medeiam entre Abril e Junho e o mês de Outubro, constituem os períodos mais confortáveis. Durante Julho, Agosto e Setembro só o vento poderá contrabalançar os excessos de temperatura e de humidade, de resto nem sempre suficiente em parte do dia e da noite para o restabelecimento das condições de conforto. Por esta razão se entende que na zona costeira será necessário corrigir esta deficiência de conforto, procurando coeficientes de turbulên-

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



54

cia mais elevados. Por isso se recomenda a construção em altura. Quanto mais alta, mais este efeito se fará sentir. Esta edificação, deverá, pelas mesmas razões, ser construída sobre pilares e com altura preferivelmente superior a um piso, de forma a afastar-se das deficientes condições junto ao solo.

Para promover este gradiente necessário à turbulência será preciso que este tipo de habitat se implante envolvido por maciços arbóreos que garantam a adequada variação de temperatura. Para isso estabelece-se como mínimo desejável entre construções um afastamento de cerca de 80 m, com maciço arbóreo contínuo. Esta disposição proporcionará a sombra recomendável dos espaços exteriores.

Das 7 da manhã às três da madrugada nos meses de Julho, Agosto e Setembro existe uma necessidade de refrescamento, aliás confirmada pela intensa procura dos banhos de mar. Porém, o uso normal das praias poderá fazer-se igualmente em Junho das 8,30 às 23,30, em Abril do meio dia ao pôr do sol, em Maio das 15 às 17 e em Outubro das 13,30 às 17 horas.

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

No sector definido pelo climograma da Praia da Rocha recomenda-se o predomi-
nio de iluminação difusa nos aglomerados urbanos. As zonas permeáveis de-
vem separar-se das áreas pavimentadas.

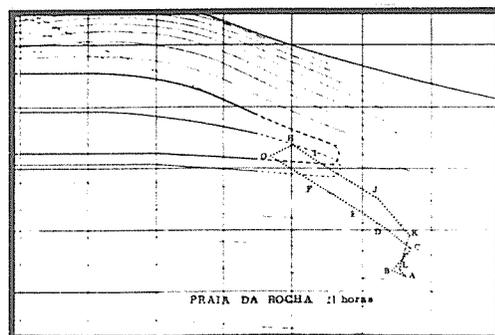
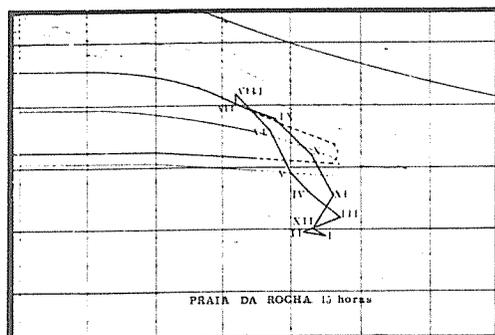
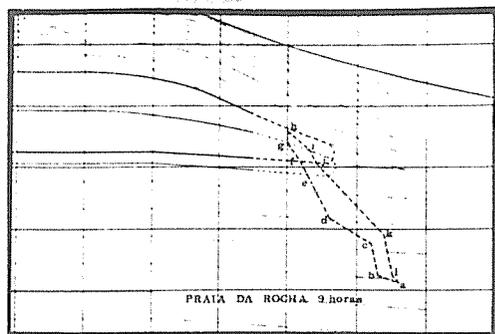
A análise dos elementos referentes ao sector definido pelo climograma de S.
Vicente aconselha a procurar-se favorecer a iluminação directa, quer pela
abertura dos vãos da construção quer pelo revestimento vegetal dos espaços
exteriores de porte arbustivo.

Quanto a materiais de construção e sua utilização aconselham-se os dominan-
temente isoladores, mas também com volante térmico no sector de Vila Real
de Stº. António, para garantir o conforto durante os meses de Inverno e de
forma a permitir um fácil arejamento em Julho, Agosto e Setembro.

No sector da Praia da Rocha são necessários materiais com características
de isolamento e de volante térmico para o período de Outubro a Abril.

No sector definido pelo climograma de S. Vicente recomenda-se o uso de mate

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



55

riais com grande capacidade de volante térmico e o estabelecimento de grandes vãos.

O climograma relativo a Mértola - única estação meteorológica da região de nordeste interior - apresenta características completamente distintas, obviamente, das do litoral a Sul. Assim, a zona de conforto diurna aparece sempre descontínua, a não ser nos meses de Maio e de Outubro, em que a partir das 11 e 13 horas respectivamente, se encontram condições favoráveis à sombra. Estas diferenças diurnas, características da continentalidade, acompanhadas por uma necessidade de níveis de radiação mais elevados, tornam mais melindrosos os problemas de implantação dos aglomerados populacionais buscando-se nos microclimas situações de correcção ao clima geral, tendentes a obter uma termo-estabilização diurna pela opção de locais onde as brisas de vale as reduzam ou as situações em encosta atenuem. Noutras circunstâncias será a procura dos ventos gerais nos locais de encanamento mais adequados ou à sua protecção ou ao arejamento. Como se viu o Vale do Guadiana tem desempenhado função importante na localização dos agregados populacionais.

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

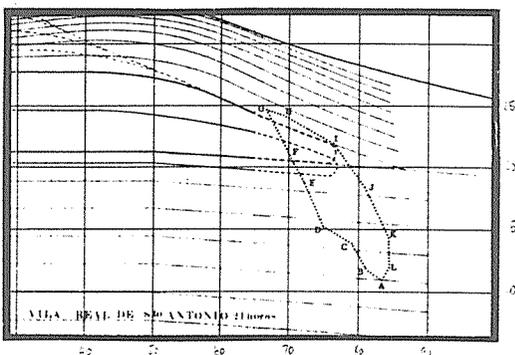
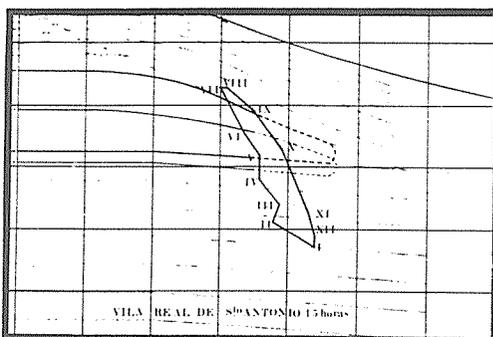
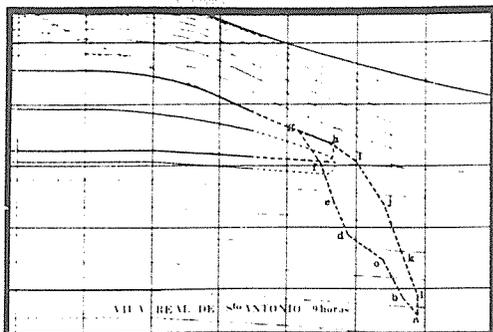
A característica continental reclama nestas latitudes não só o uso de materiais isoladores como ainda dotados de um elevado volante térmico. Recomenda-se que as construções permitam um arejamento fácil, temporário, sendo natural a necessidade de recurso a processos artificiais de condicionamento atmosférico, principalmente utilizáveis entre Julho e Agosto.

As necessidades de radiação matutina para o estabelecimento do conforto tornam mais recomendáveis também para este sector, exposições que recebam mais directamente o impacto solar a estas horas do dia. As áreas urbanas impermeáveis têm vantagem em separar-se das superfícies não pavimentadas.

É conveniente notar que o climograma de S.Vicente fornece indicações com aplicação exclusiva a uma estreita faixa litoral da costa Oeste atlântica, apenas até ao fecho de Sagres-Monchique.

O climograma das Caldas de Monchique revela que os meses de Abril, Maio e Outubro, Novembro são os que apresentam características de maior continentalidade, de maiores variações diurnas. Possuem condições de conforto os

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



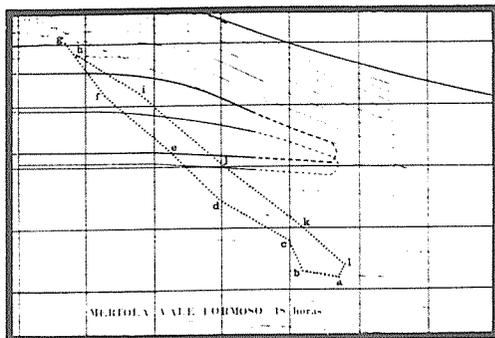
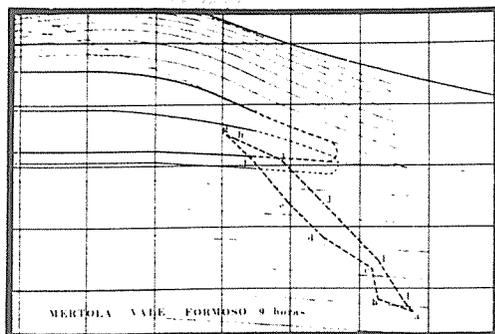
meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro sendo mais suave a transição para os períodos com necessidade de arejamento; os meses de Julho e Agosto. De resto desde meados de Junho a Setembro é necessário o movimento do ar durante a tarde e até à noite para proporcionar condições de perfeita conforto. É principalmente para satisfazer as condições climáticas de Inverno que é recomendável o uso de materiais com grande volante térmico nas construções desta região, visto que durante o verão apenas parece ser necessário o emprego de materiais isoladores e o uso de vãos permitindo arejamento temporário.

A utilização criteriosa da vegetação, de preferência de folha caduca, deverá promover nos aglomerados urbanos uma correcção termo-estabilizadora.

Finalmente, deve assinalar-se que os elementos que as estações meteorológicas facultam e que a análise dos climogramas revela, não permite generalizações arbitrárias extensivas a zonas que por certo apresentarão peculiaridades locais.

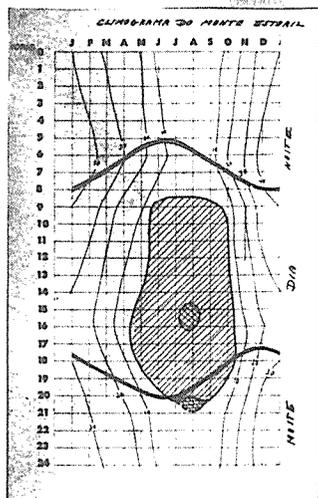
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

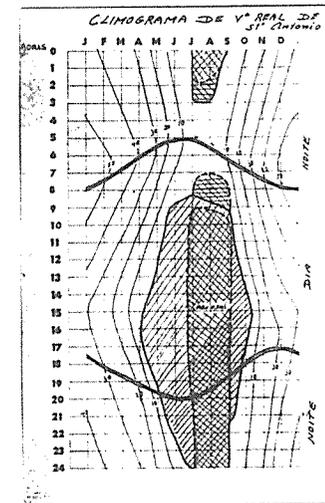
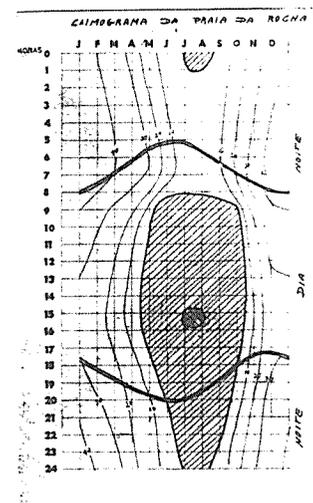
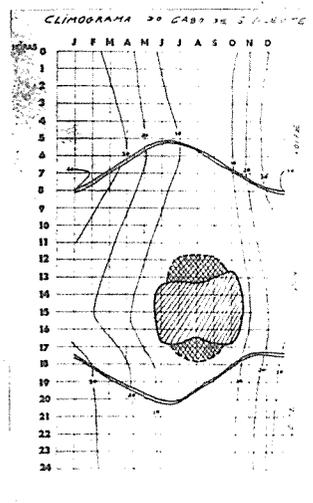
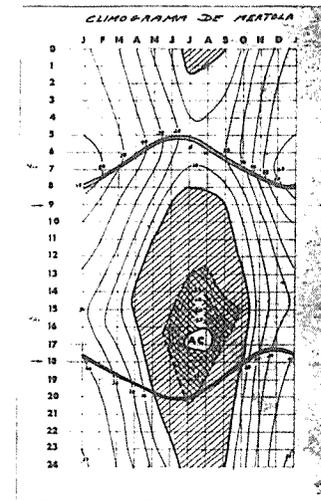
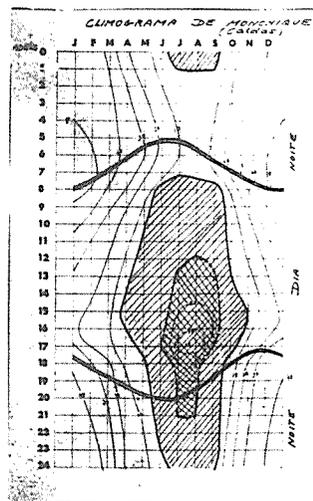


ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



x



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

DIREÇÃO DE ORGANIZAÇÃO DO
DISTRITO DO PORTO

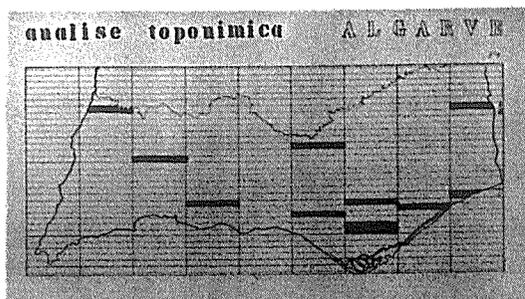
Recebido em 8.19.67

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

IV - O USO E DOAÇÃO DA PAISAGEM NATURAL E HUMANIZADA

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



A presença humana na paisagem permanece ao longo dos tempos sob variadíssimas formas.

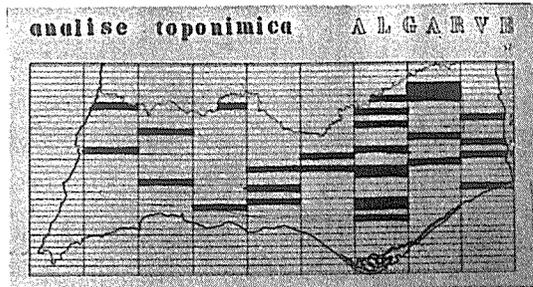
Reconhecido que essa presença reflecte o conjunto de características do homem que a coloniza e das condições do meio em que vive, pareceu útil ao inquérito paisagístico, procurar nas designações dos aglomerados populacionais existentes alguns elementos porventura confirmativos de observações efectuadas, correlacionando-os com os obtidos a partir doutros aspectos de análise detectáveis a esta escala.

Procedeu-se assim a uma análise toponímica do Algarve, agrupando-se todas as designações de locais conforme o sentido a que tais designações correspondem.

Embora se reconheça não ter sido possível aprofundar convenientemente este sector do inquérito - a vastidão da matéria e o tempo disponível não o permitiu - considera-se já útil haverem-se apurado algumas correlações que esclareceram aspectos em dúvida e reforçaram convicções.

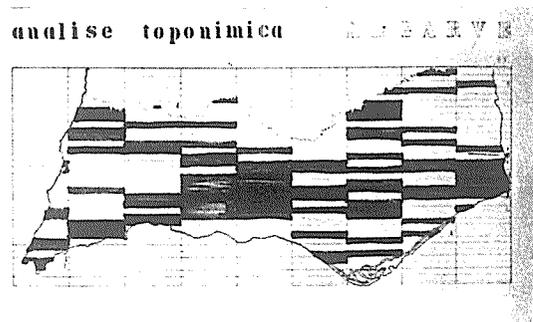
ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

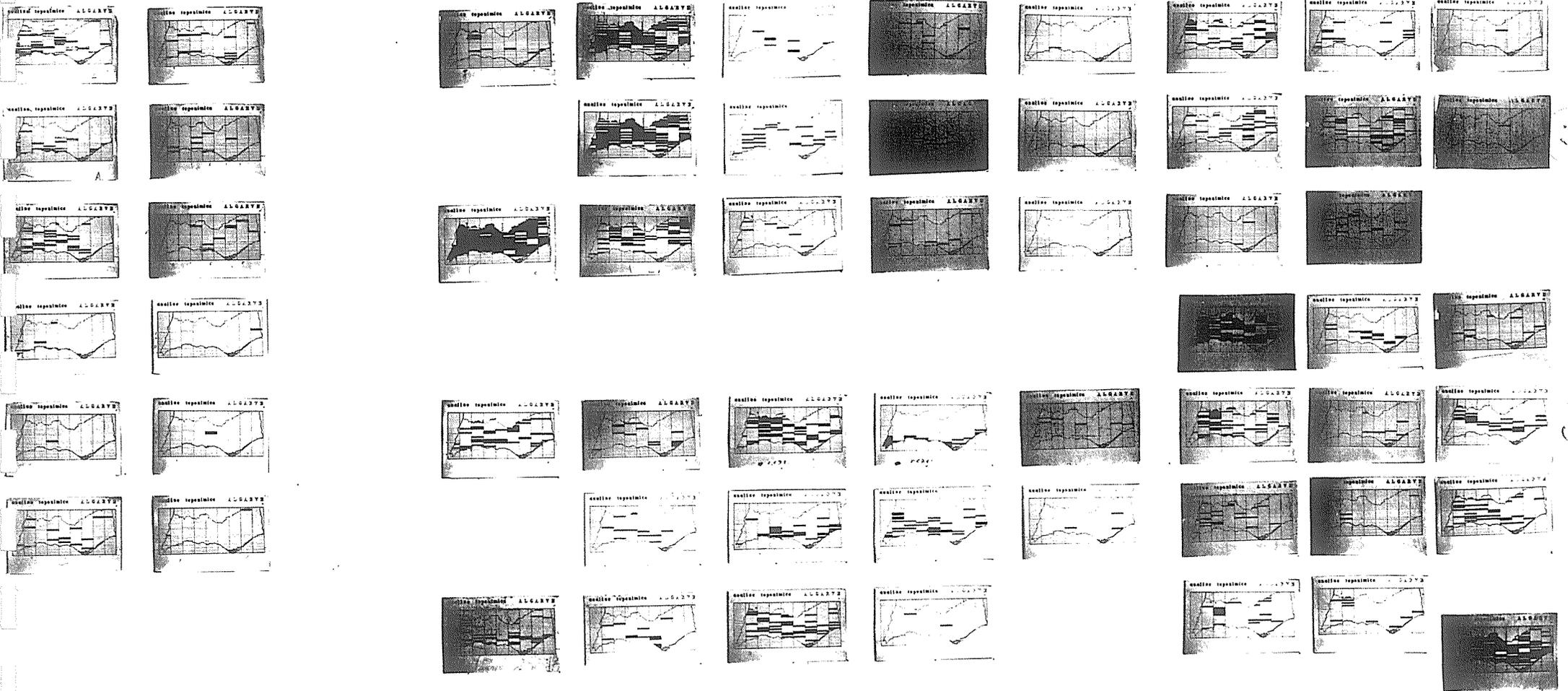


57

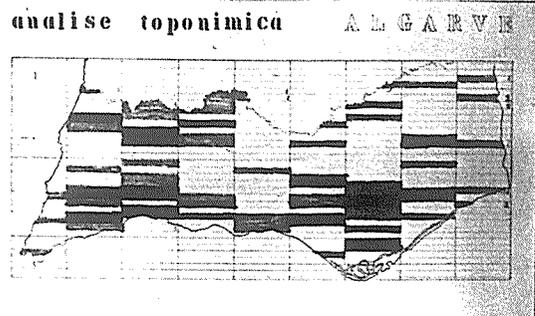
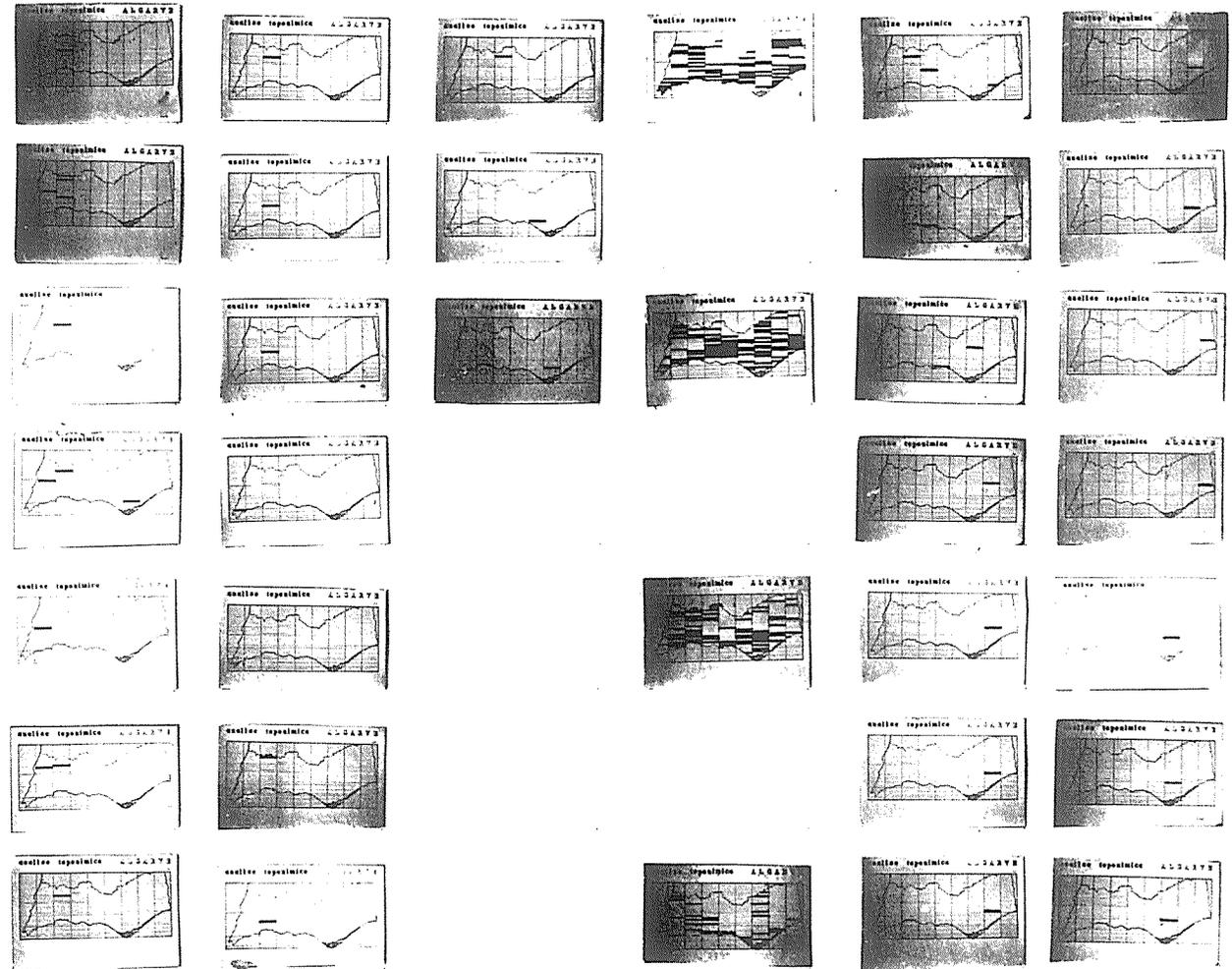
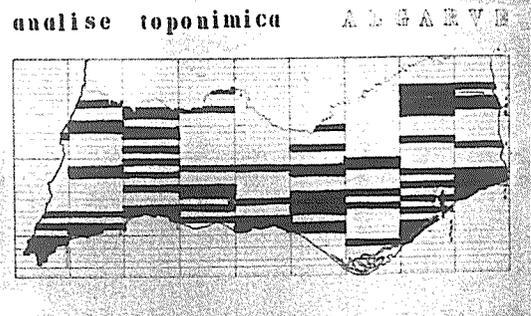
Aliás, todo o material do inquérito que neste Estudo Preliminar se aponta, -
constitue ainda matéria de trabalhos subsequentes, fonte de novos acertos ou
aberturas a outros campos de investigação sobre a paisagem algarvia.



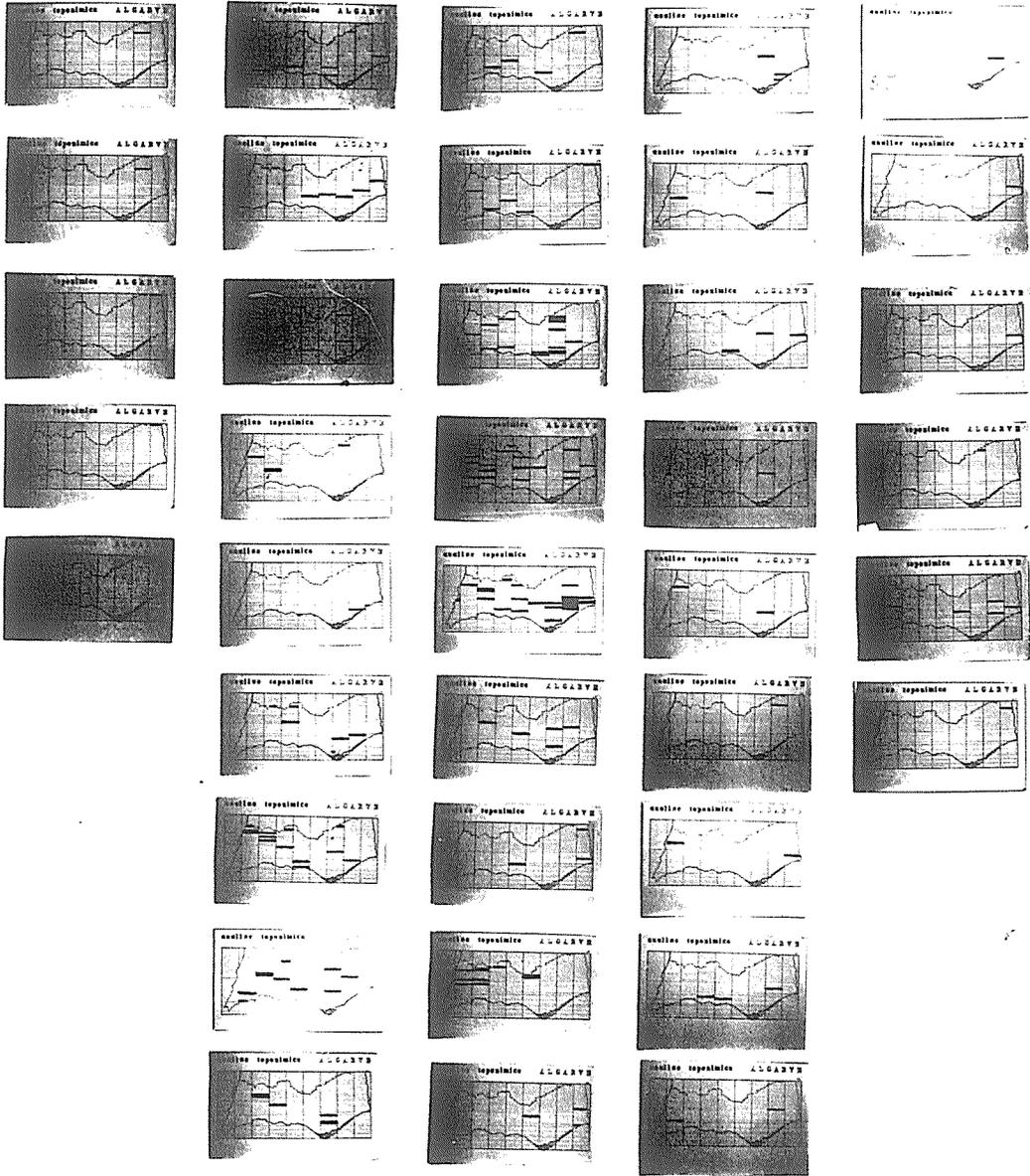
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR



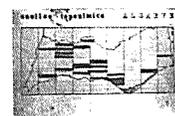
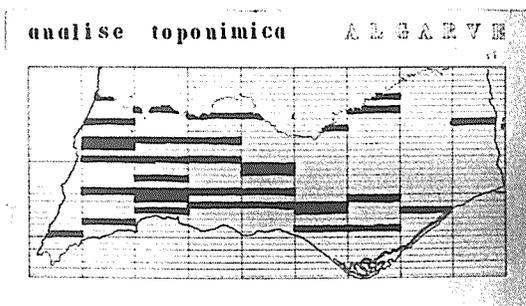
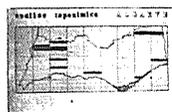
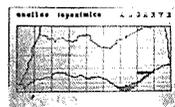
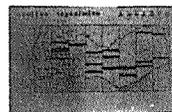
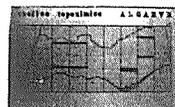
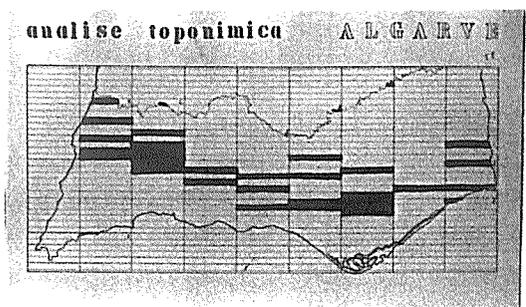
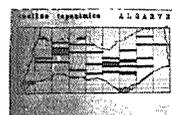
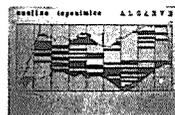
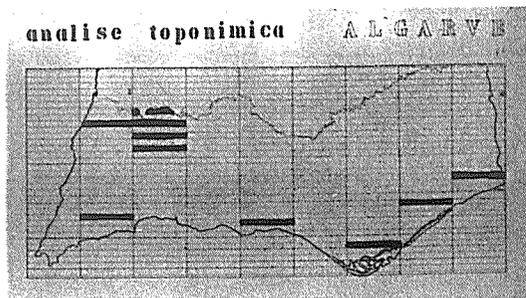
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



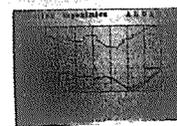
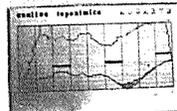
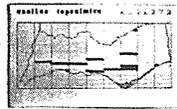
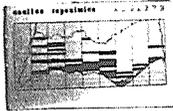
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR



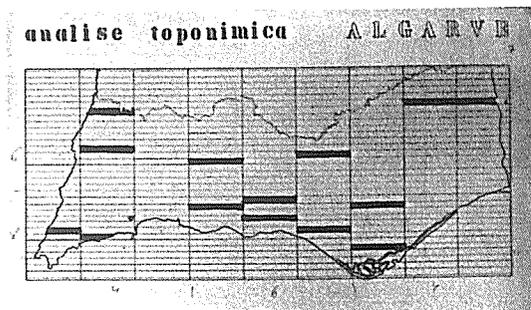
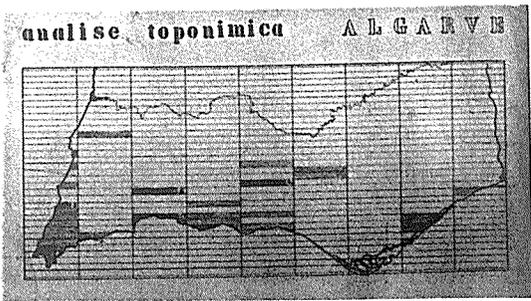
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR



DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

- - Sob o ponto de vista da divisão administrativa verifica-se que os conselhos de solo mais ricos são os de VilaReal, Olhão, Faro, Albufeira e Lagoa.

Destes apenas os de Faro-Olhão apresentam uma distribuição populacional mais evoluída com representação dos sectores secundário e terciário. Esta também uma das razões que levaram a estimular os núcleos de concentração do secundário e terciário nestes sectores, mais presentes no concelho de Vila Real onde um excesso demográfico em superfície aconselha a sua concentração nos novos núcleos propostos libertando consequentemente o solo agrícola de possíveis focos de alastramento.

Quanto aos conselhos de Portimão e Lagos, ainda que menos ricos que os precedentes (10 a 20% em solo de boa qualidade) onde também se nota já a presença dos sectores secundário e terciário e onde as potencialidades paisagísticas o recomendam, estimulam um acréscimo demográfico a partir da criação de expansões sobre os núcleos existentes com a largueza que as potencialidades aconselham.

O elemento fundamental de planeamento que respeita à exploração económica do solo agrícola, foi fornecido pelo relatório referente ao Esboço da Carta Geral de Ordenamento Agrícola do Algarve, elaborado pela equipe do Eng.º João Cabral para efeito da sua inserção no planeamento geral da Província. Os dados do valor relativo do solo algarvio, permitiram estabelecer nos centros urbanos com capacidade de desenvolvimento revelados pela análise fisiográfica, áreas de expansão ou novos núcleos tendo em conta a riqueza dos solos das zonas complementares a esses centros.

Os caminhos seguidos em ambos os estudos - fundamentando-se em valores permanentes do meio e tendentes não só a uma conservação mas ainda promoção do fundo de fertilidade, mediante orientação de base ecológica - fez convergir conclusões e propostas de ordenamento que de uma maneira geral tendem a identificar-se.

Uma maior pormenorização do ordenamento agrário da Província, através do respectivo relatório final, possibilitará certamente um enriquecimento da classificação da paisagem nas fases seguintes a este Estudo Preliminar pro-

veniente das conclusões definitivas a que esse trabalho conduzir.

De qualquer modo, e de posse dos elementos já facultados pelo ordenamento agrícola, apuraram-se as áreas de utilização actual e potencial em regadio, agrícola de sequeiro, e os terrenos mais pobres que necessitam de intervenção mais ou menos profunda.

Delimitados os dois primeiros tipos de solo deverá proceder-se, em fase subsequente ao Estudo Preliminar do Ordenamento Paisagístico, à pormenorização necessária com vista a uma equilibrada distribuição das áreas de coberto natural, florestal e pastagem. Nessa fase ^{se} entrará então em conta com as conclusões que a Carta de Ordenamento Agrícola virá a estabelecer sob esta matéria.

A par daquela delimitação ficaram definidas as áreas cujo actual revestimento desempenha função de valor como complemento dos solos de uso agrícola ou que, pela natureza da sua cobertura, são dignas de conservação dado o seu interesse cultural, fitossociológico ou botânico.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

Solicitou-se logo de início à Sociedade de Geografia, através da Sub-Comissão de Protecção da Natureza, um estudo de inquérito e classificação das zonas que deveriam ser consideradas zonas de respeito no referente aos valores fitossociológicos, zoológicos e geológicos. Na impossibilidade de obtenção desse contributo na presente fase, houve então que estender o âmbito de acção do trabalho, de forma a inquirir-se "in loco" quais as áreas de maior interesse sob o ponto de vista da fitossociologia e da botânica.

E como a fauna anda sempre associada à vegetação, que lhe proporciona alimentação e abrigo, foi a prospecção lançada sobre os valores vegetais existentes que permitiu estabelecer as bases sobre que assentará a conservação e promoção daquela. Assim, por exemplo, a protecção que se propõe, aliás com o máximo vigor, dos rochedos junto à costa - locais de eleição no que respeita à existência de espécies botânicas de interesse mundial - abarca necessariamente a protecção da avifauna que nesses mesmos rochedos nidifica ou repousa antes de prosseguir a sua rota migratória do Norte da Europa ao Sul da África.

60

De igual modo e por idênticas razões é de exigir a protecção da zona Sagres - S. Vicente, de alguns sapais e faixas costeiras, e de zonas do interior. Entre estas últimas convém destacar a zona da serra de Monchique na qual ainda hoje restam alguns exemplares botânicos cujas espécies são verdadeiras raridades naturais, conforme ficou sobejamente demonstrado no estudo de prospecção levado a cabo pelo Eng.º Agrónomo Malato Beliz, que agora se ocupou também desta prospecção que abrange toda a Província. A zona do Promontório Sagres-S. Vicente constitui "um conjunto natural sem paralelo em todo o mundo", estudado desde há muito por cientistas de quase toda a Europa, nele se encontraram "associações vegetais reconhecidas como novas para a ciência", não se conhecendo também no País, "área mais apropriada do que a do Promontório de Sagres-S. Vicente para a realização de estudos ecológicos sobre xerofitismo", que "é, hoje, um dos problemas de capital importância em relação a países em que a secura é factor limitante do desenvolvimento da cobertura vegetal".

Sob o ponto de vista zoológico, a região em estudo "é um local de densa concentração de espécies migradoras, sendo uma importante rota de migração para as aves que nidificam na Europa Ocidental e vão estabelecer os seus quartéis de

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

Inverno em África". De facto, parece "que em Agosto e Setembro a maior corrente migratória para as aves terrestres europeias passa através da Península em direcção a Sagres-S.Vicente" o que demonstra ser esta região "uma das mais importantes para o escoamento da avifauna da Europa Ocidental"

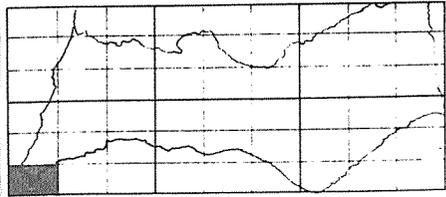
Afigura-se que as transcrições acima feitas, extraídas do Boletim Informativo n.ºs. 3-4 da Liga de Protecção da Natureza e subscritas pelo actual Director da Faculdade de Ciências de Lisboa, Professor G.F.Sacarrão e pelo Professor C.M.Tavares da mesma Faculdade, Catedráticos de Zoologia e de Botânica, - a quem expressamos o nosso reconhecimento pelo auxílio dado nesta matéria - serão por certo suficientes para justificar as reservas que se exigem à ocupação desta zona do Algarve.

Por isso se propõe que as áreas assinaladas como de interesse biocenótico neste Estudo Preliminar, sejam áreas de muito especial atenção por parte das entidades responsáveis pelo planeamento regional e pela fiscalização do cumprimento do plano.

Em trabalhos subsequentes de desenvolvimento deste Estudo será necessário estabelecer princípios que conduzam à definição concreta, das zonas de maior interesse científico e dos elementos regulamentares indispensáveis à sua salvaguarda.

Convém no entanto referir desde já que exigirá particular cuidado a protecção dos vestígios das alianças climáticas da quercion fagíneae e da Oleo Cetracion que se encontram bem representadas em todo o Algarve, embora o seu facies mais característico diga respeito sobretudo à segunda destas alianças com suas Palmeiras anãs, Zambujeiros, Alfarrobeiras e grandes povoamentos de Pinheiro Manso. A Quercion fagineae encontra-se especialmente ainda presente no alto da Serra de Monchique acima de 700 metros através da *Rhododendron ponticum*, da *Quercus Canariensis* e outras espécies raríssimas, conforme foi já demarcado no estudo referido.

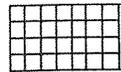
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



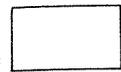
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000



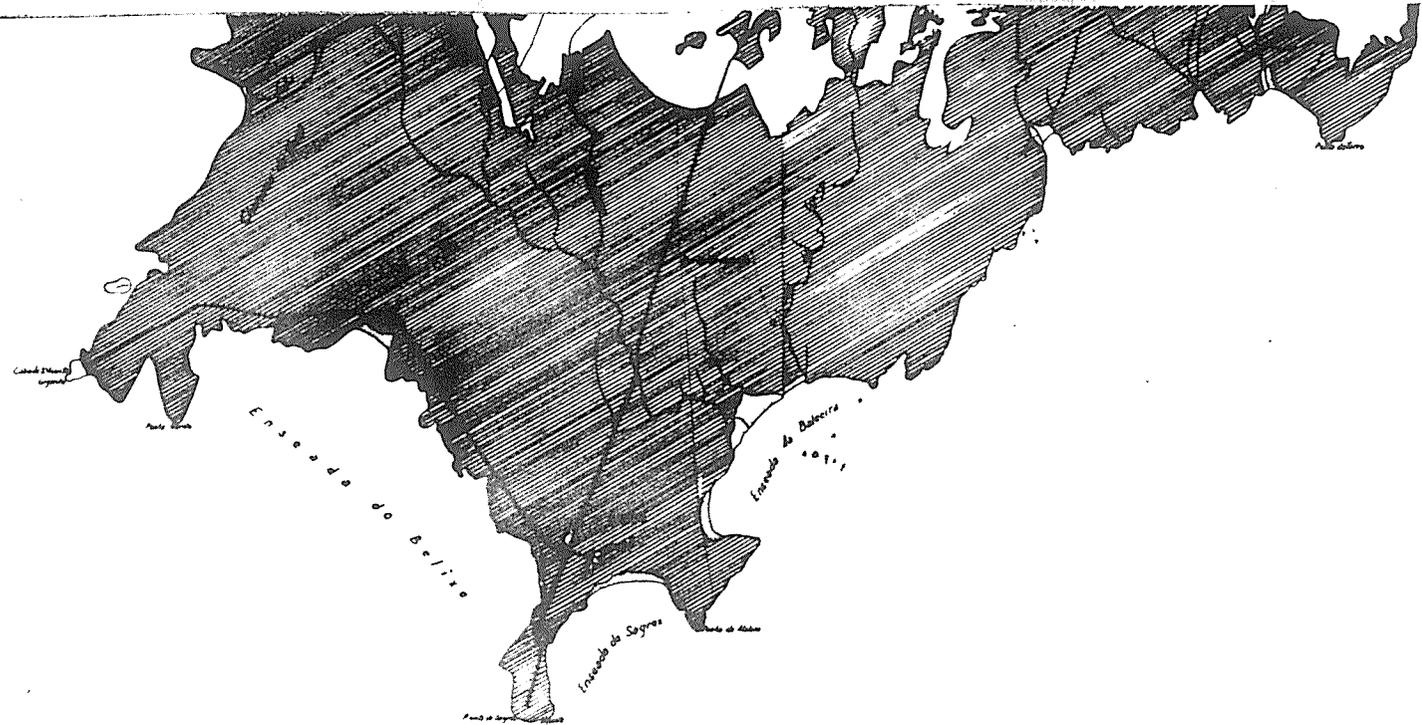
*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

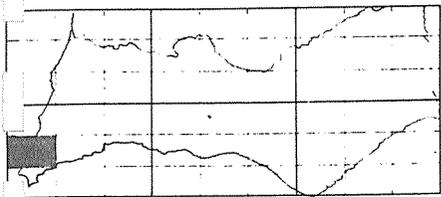


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*



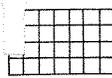
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

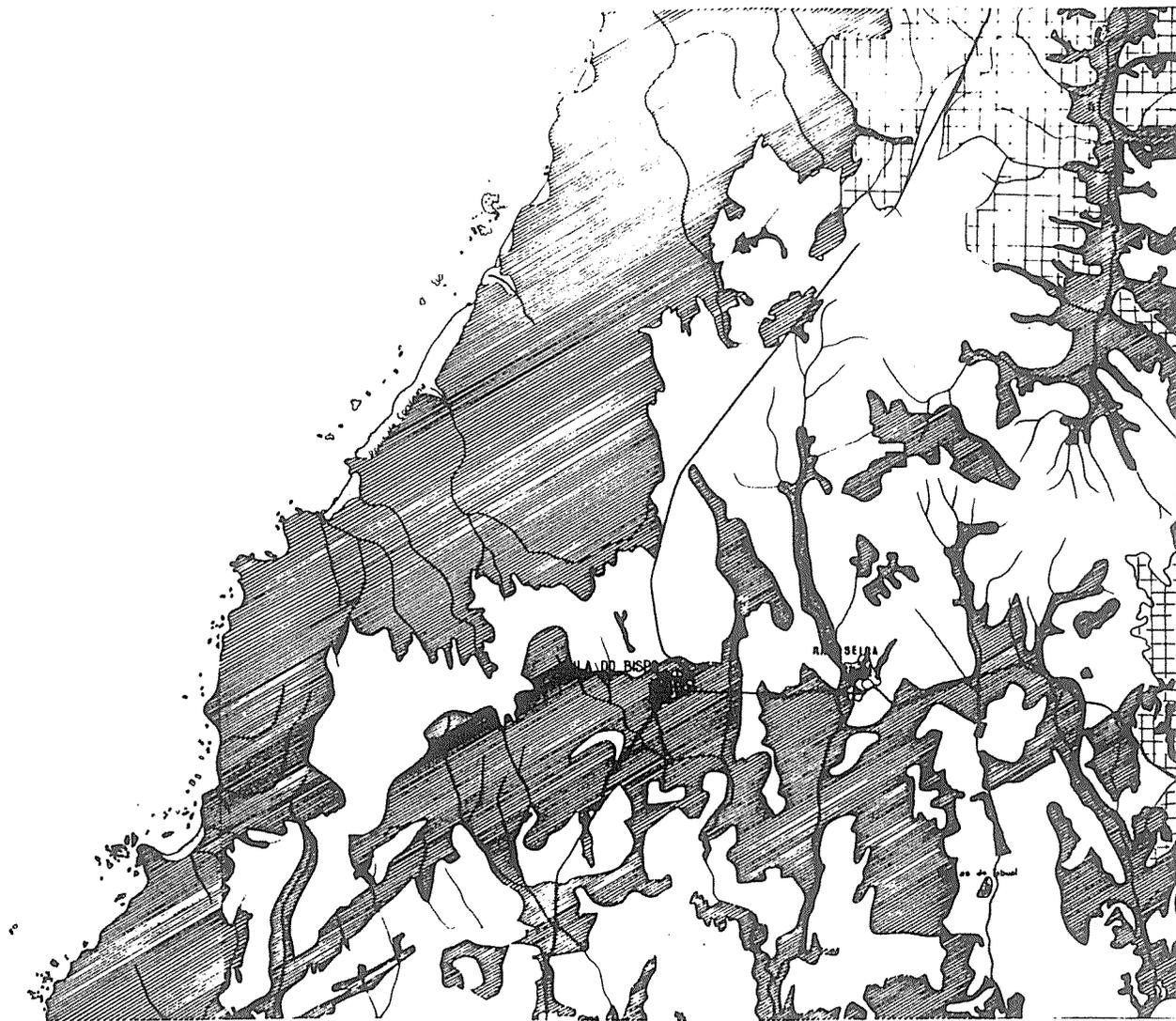


ARTA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000

 *Áreas de vegetação com interesse*

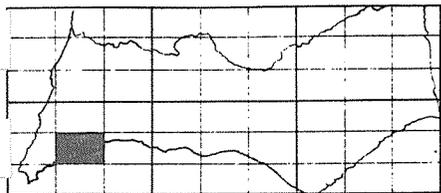
 *Áreas de vegetação desequilibrada ou em degradação*

 *Áreas de vegetação em solos pedregosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

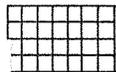
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



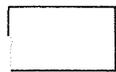
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
Escala 1 : 50000



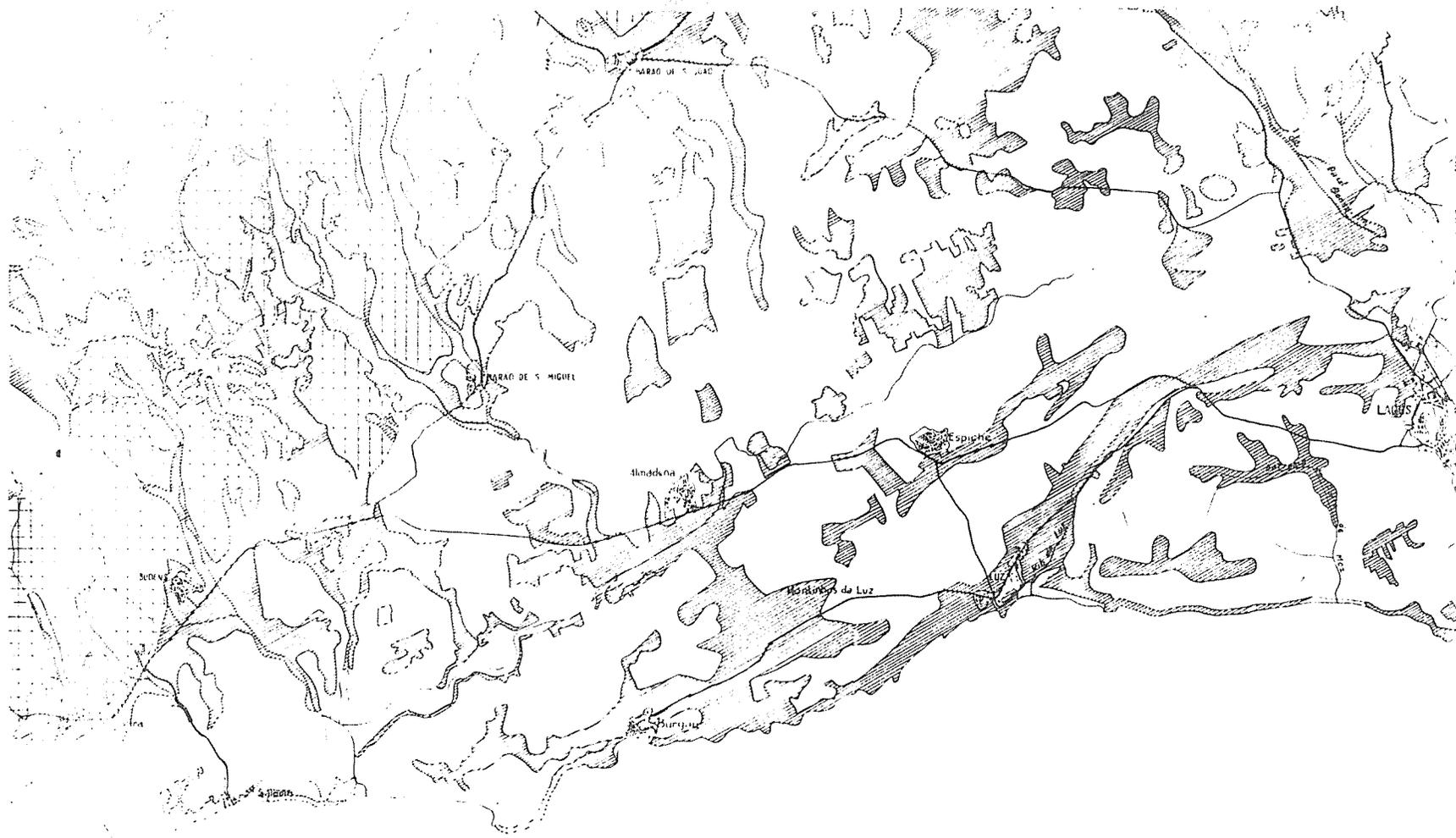
*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

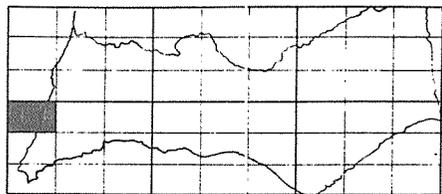


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*

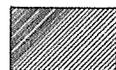


ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

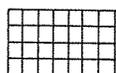
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



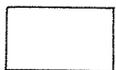
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000



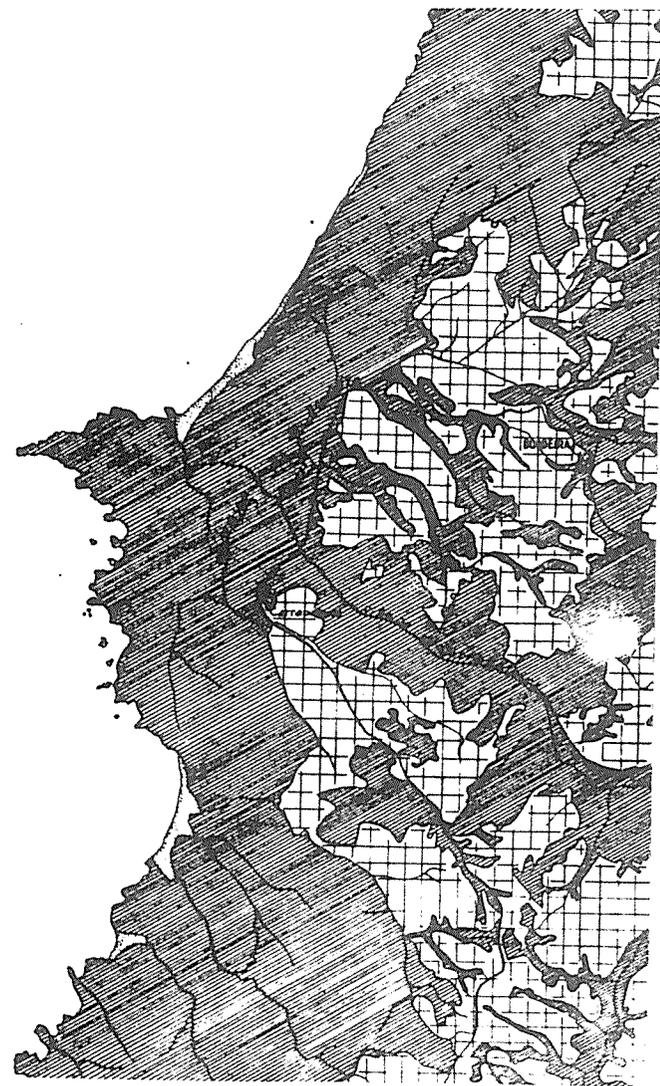
*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

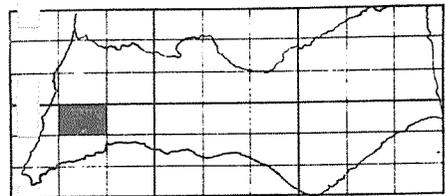


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*



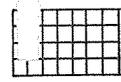
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

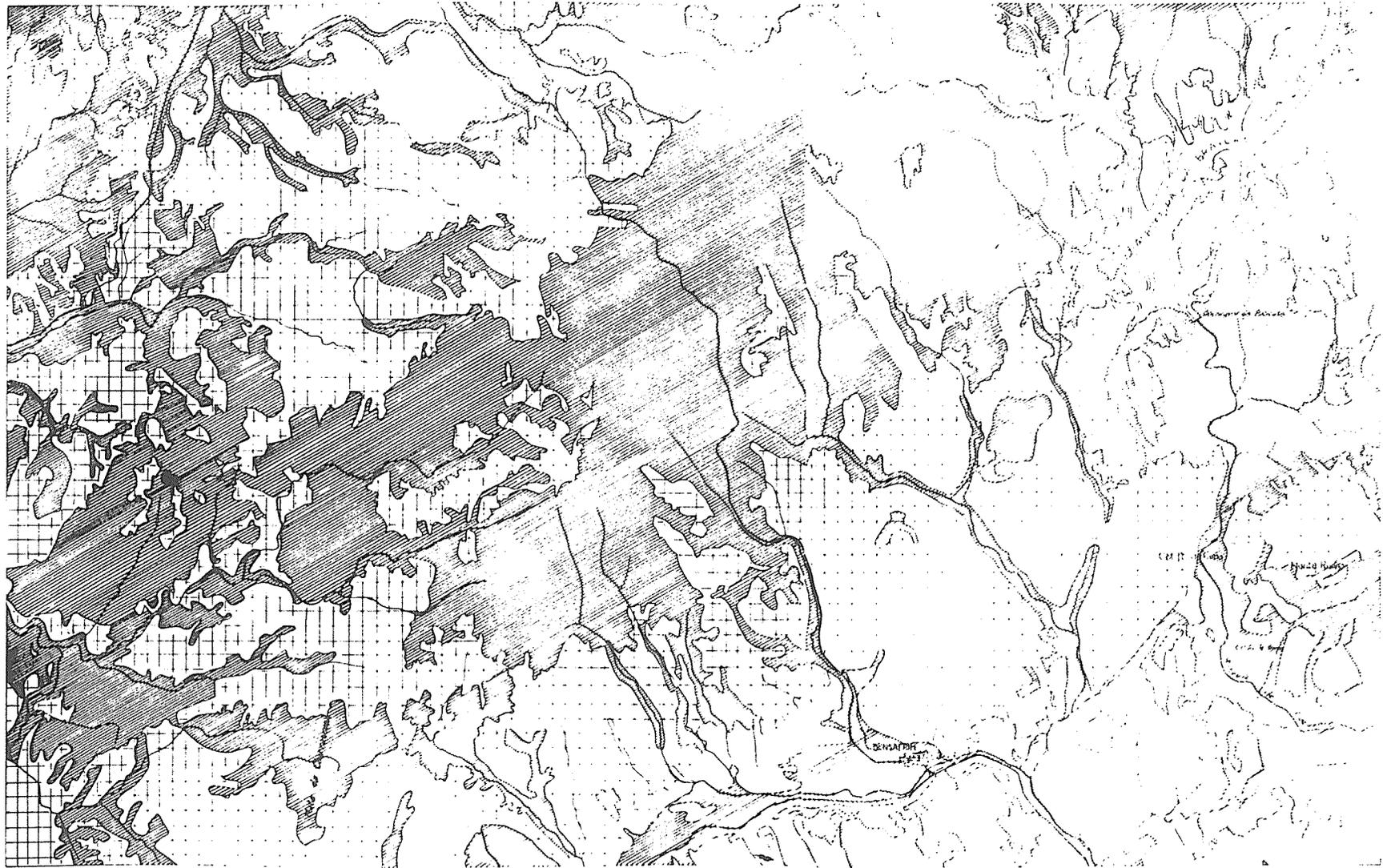


CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000

 *Áreas de vegetação com interesse*

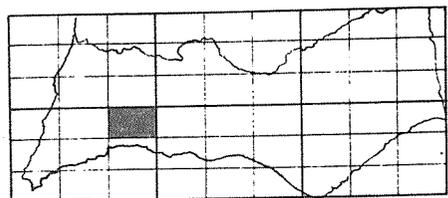
 *Áreas de vegetação desequilibrada ou em degradação*

 *Áreas de vegetação em solos pedregosos ou incultos*



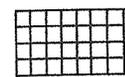
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

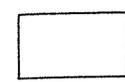
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000

 *Áreas de vegetação com interesse*

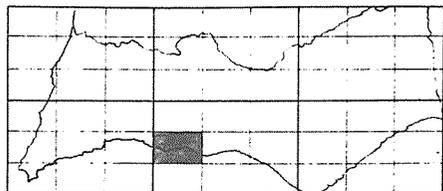
 *Áreas de vegetação desequilibrada ou em degradação*

 *Áreas de vegetação em solos pedregosos ou incultos*

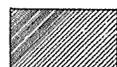


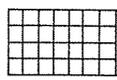
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

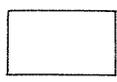
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000

 *Áreas de vegetação com interesse*

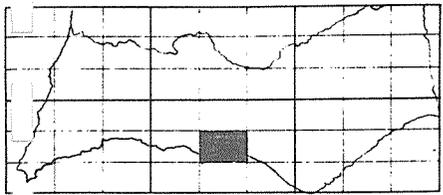
 *Áreas de vegetação desequilibrada ou em degradação*

 *Áreas de vegetação em solos pedregosos ou incultos*



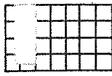
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000

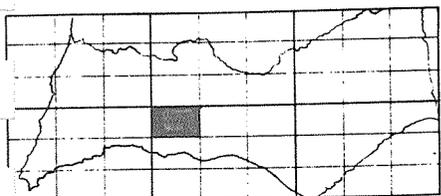
 *Áreas de vegetação com interesse*

 *Áreas de vegetação desequilibrada ou em degradação*

 *Áreas de vegetação em solos pedregosos ou incultos*

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

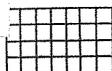
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



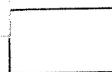
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000



*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

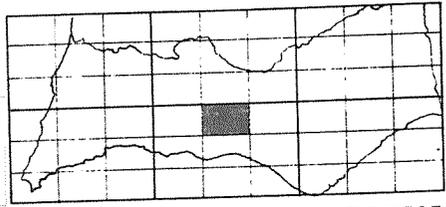


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*

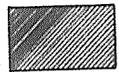


ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

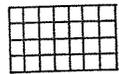
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



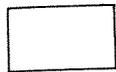
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000



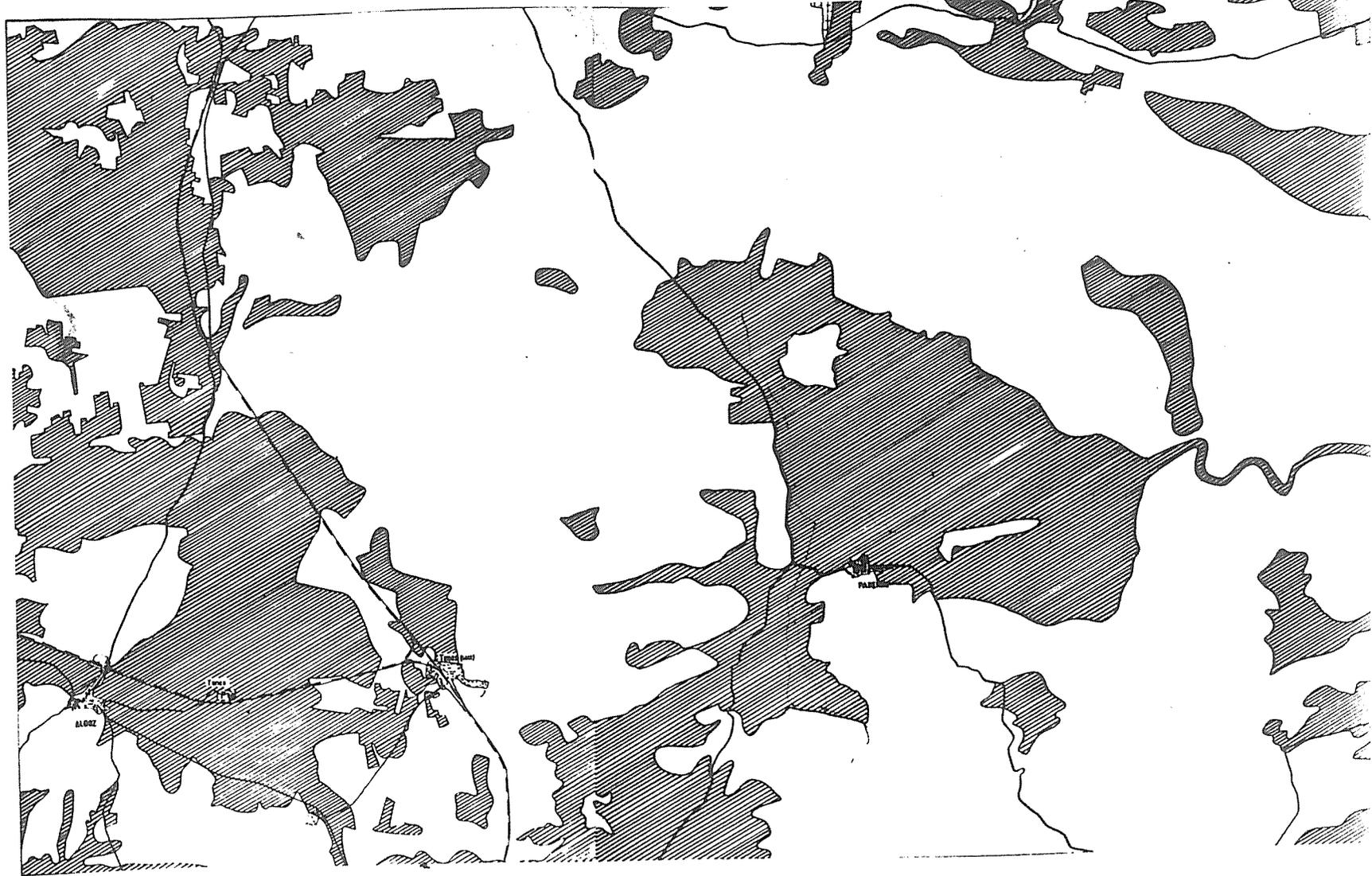
Áreas de vegetação
com interesse



Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação

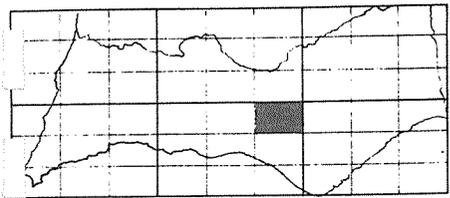


Áreas de vegetação
em solos pedre-
gasos ou incultos



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

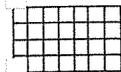
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



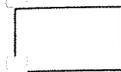
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
Escala 1 : 50000



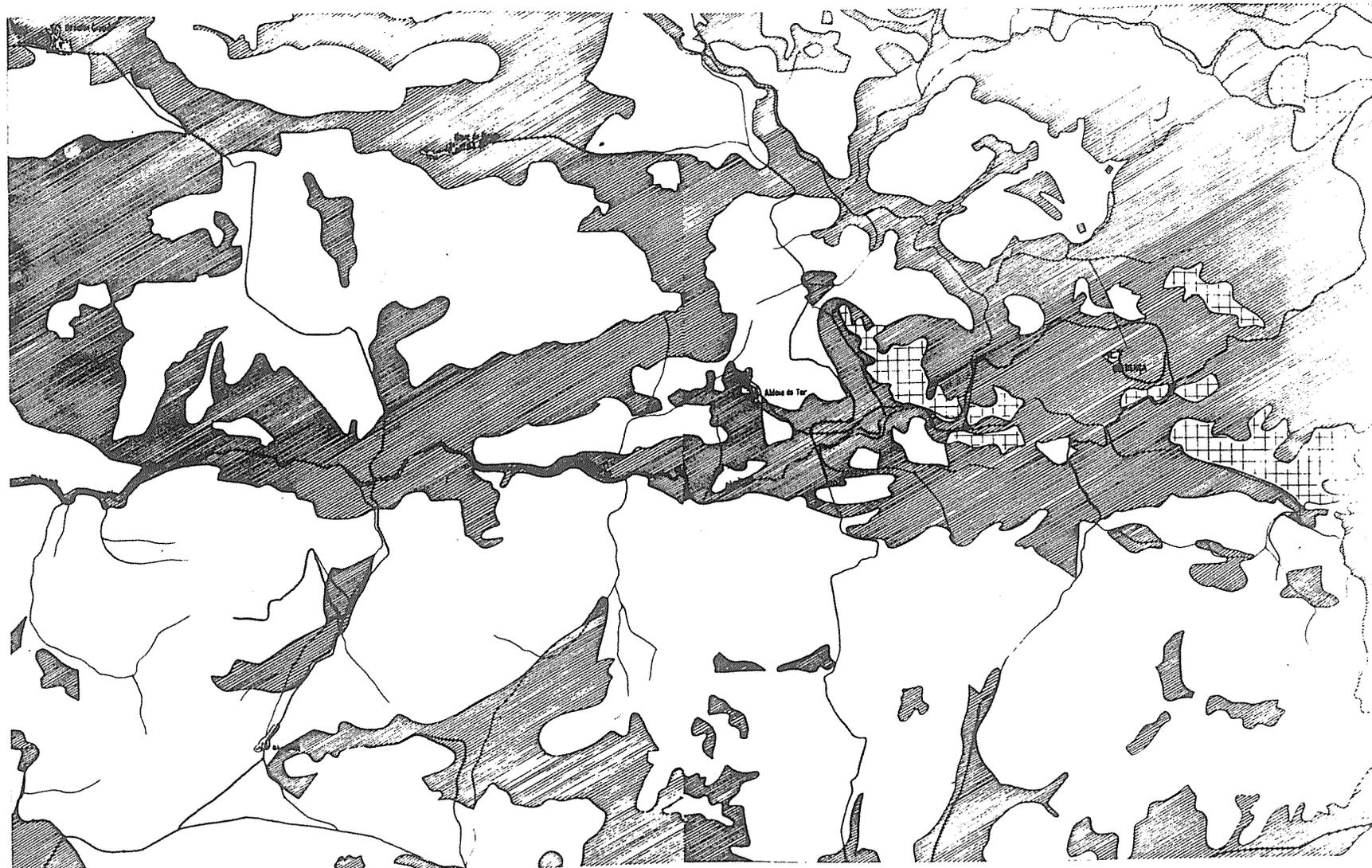
Áreas de vegetação
com interesse



Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação

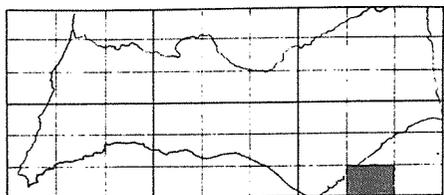


Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos

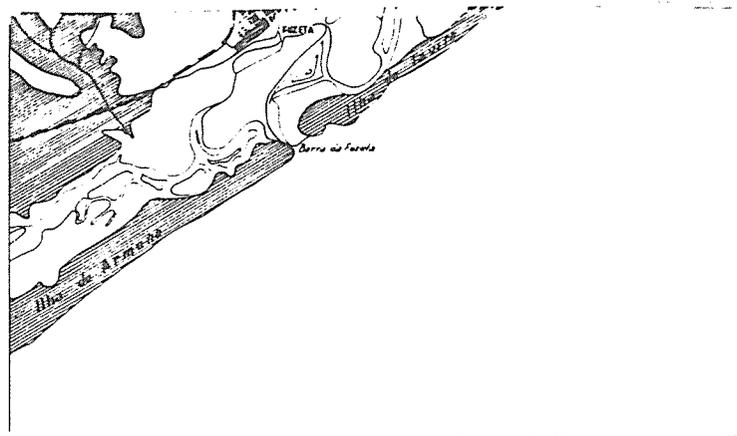


ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

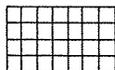
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



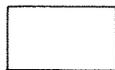
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000



*Áreas de vegetação
com interesse*



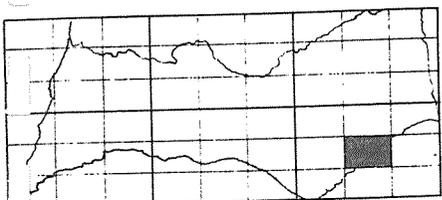
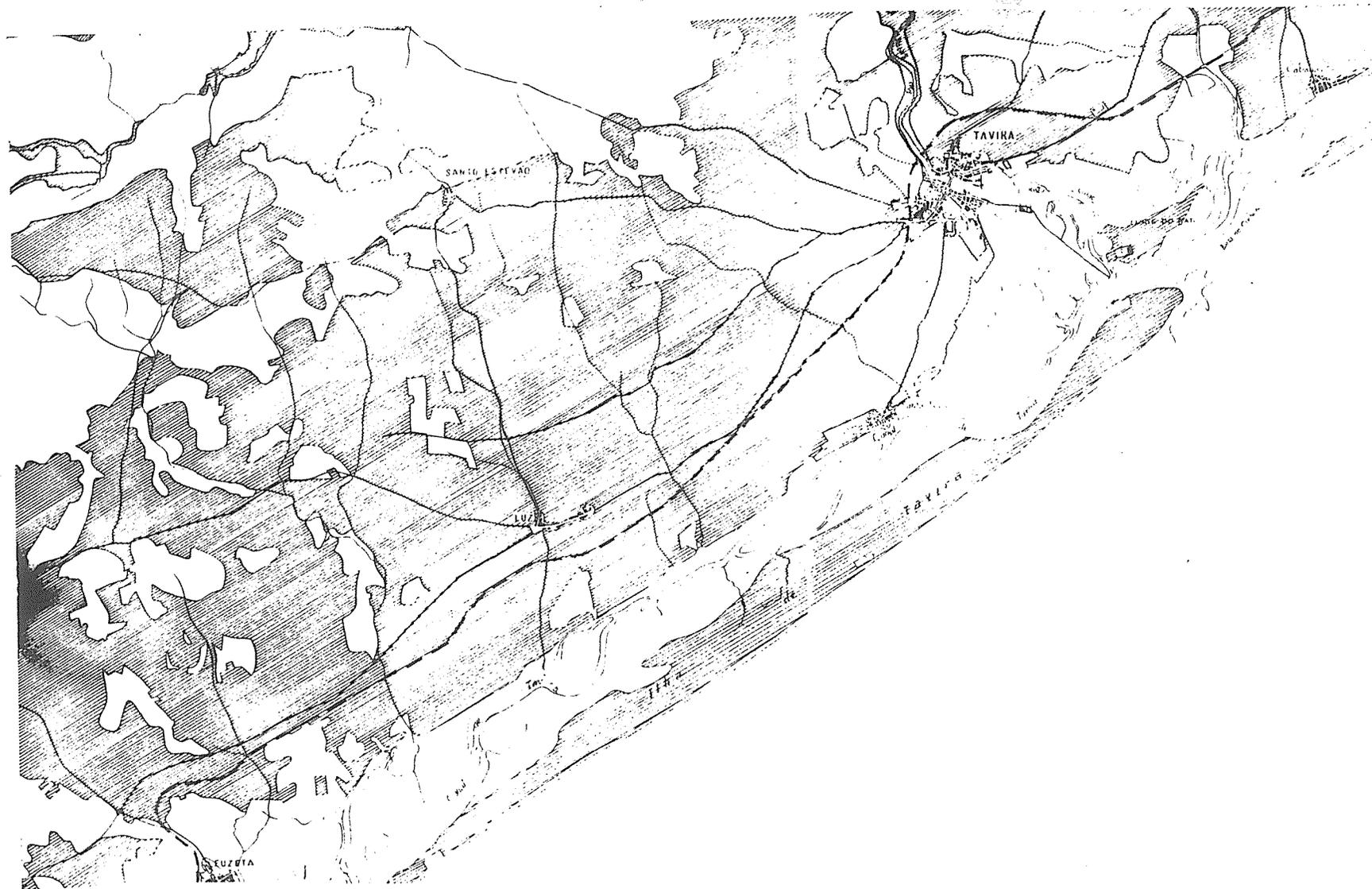
*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*



*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

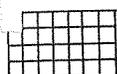
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000



*Áreas de vegetação
com interesse*



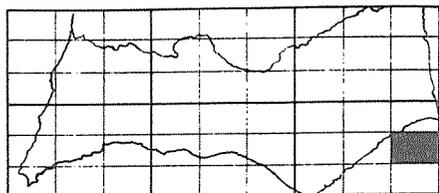
*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*



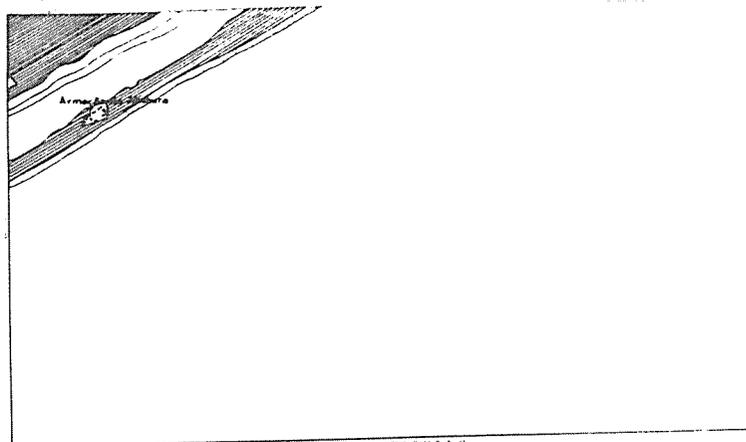
*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

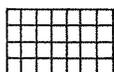
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



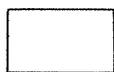
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000



*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*



*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

determinar a sua expansão previsível.

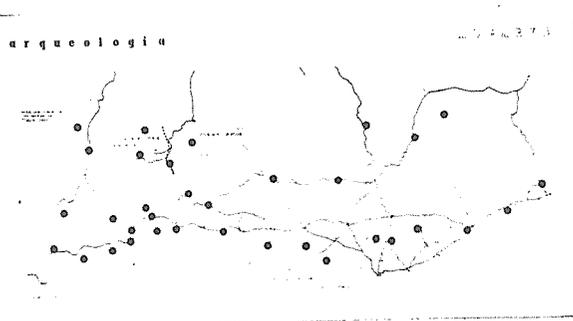
Para avaliar a aptidão urbana da província determinaram-se todos os centros de encontro e distribuição que a análise fisiográfica revelou.

Dentro dos escalões de análise seguida, a um nível peninsular corresponde à Hemibacia do Guadiana um "peso" de tal maneira elevado que a sua implantação e área de influência se faz sentir em núcleos secundários com maior ou menor força consoante o respectivo valor parcelar. Também a opção de um critério de concentração contraposto a um critério diaspórico delimita mais precisamente aqueles núcleos que se encontram imediatamente sujeitos aos estímulos de expansão e desenvolvimento. Aferidos os seus valores com base na relação entre as capacidades de produção do solo e valor pluviométrico das bacias, por intermédio das expressões de dedução empírica:

$$CE_1 = \frac{(A_p + A_t) Q_m}{1.440.000} \text{ para os centros de encontros litorais}$$

$$e CE_2 = \left(\frac{A_p}{A_t}\right)^2 \times \frac{3}{200} \times c_p \text{ para os centros do interior}$$

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



e ainda em função de dados provenientes de estudos paralelos (cf. "Planeamento Urbanístico da Região do Algarve") de capacidades urbanas globais da Província, estabeleceram-se núcleos de importância correspondente. Quando o seu valor justificou uma representação cartográfica à escala do presente trabalho, serviu para previsão de expansão dos núcleos mais importantes. Aquelas áreas com menores potencialidades mas com possível desenvolvimento apenas se assinalam com o valor da sua expansão superficial.

Como a localização teórica destes centros é pontual, o seu "peso" tende a distribuir-se nas superfícies com capacidade receptiva mais afins, ainda que o seu raio de influência seja, como é evidente, proporcional aos respectivos pesos. De qualquer forma, porém, constata-se uma correspondência entre os núcleos existentes e a importância relativa aos índices numéricos obtidos. Este processo, que a experiência dos séculos confirma autorizou o prosseguimento de trabalho.

Assim os centros de encontro mais notáveis de Lagos-Portimão, de Faro-Olhão e Tavira-V.Real constituem como que respostas aos valores ecológicos das

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

respectivas bacias de influência. Aqui, o pormenorizado estudo de ordenamento agrário constitue elemento de fundamental importancia para o planeamento da paisagem, pois permite seleccionar, dentro da área agrícola, as zonas de exploração intensiva e as áreas complementares agrícolas, garantindo a potencialidade manifestada pelos valores dos centros.

As áreas de exploração intensiva obrigam a uma grande compartimentação onde as linhas de água, a rede viária e os diferentes índices Ex, delimitarão o grande recticulado e onde os microventos, aliás normalmente confirmados pelas divisões cadastrais e de pequena compartimentação, ajudarão a complementar.

As áreas florestadas, as destinadas à caça e à pastoreia definem-se não só pelos elementos enumerados para a área agrícola, mas ainda pelo nível de degradação do solo e suas possibilidades de reconstituição, condicionamentos de habitat cinegético, valor de radiação para o capital vivo das explorações e nível de sombra nos maciços florestais, valores estes que os índices Ex. esclarecem.

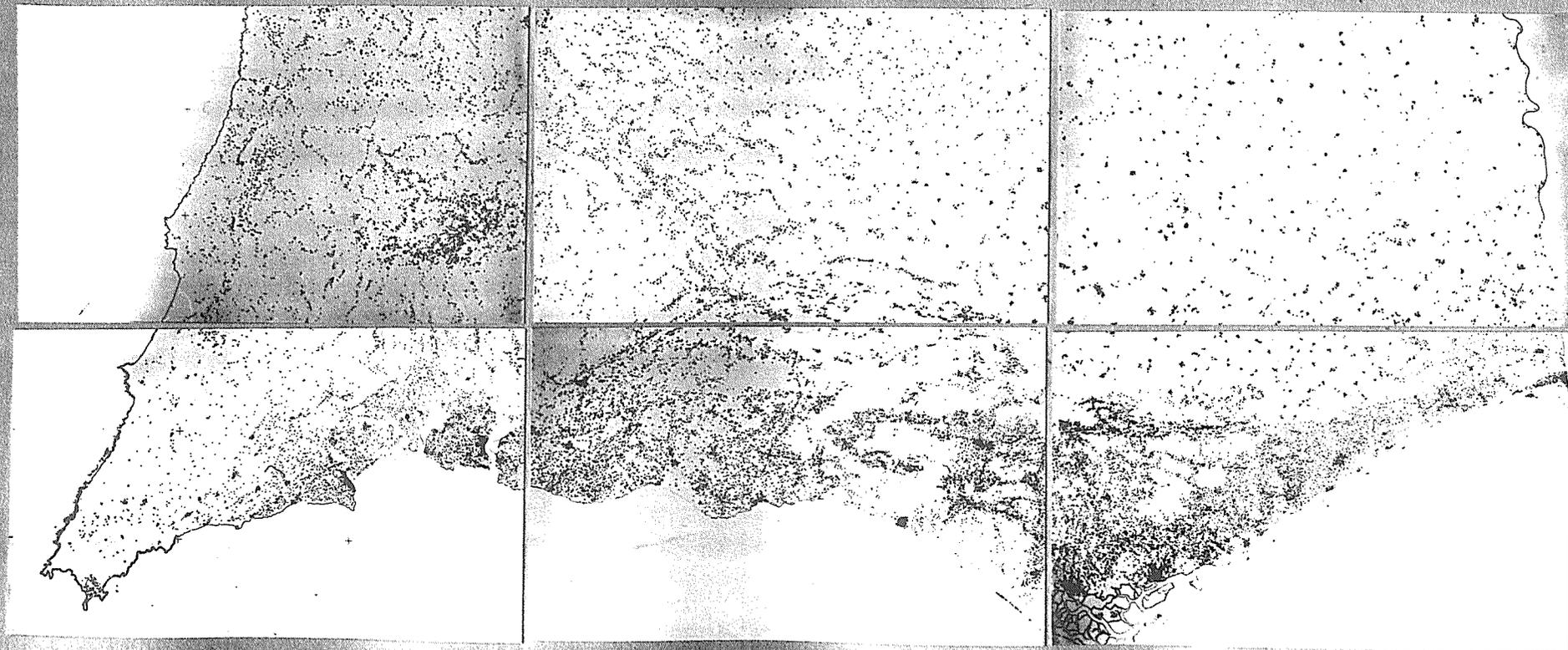
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

III - A PAISAGEM HUMANIZADA COMO REFLEXO DA EXPERIÊNCIA

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

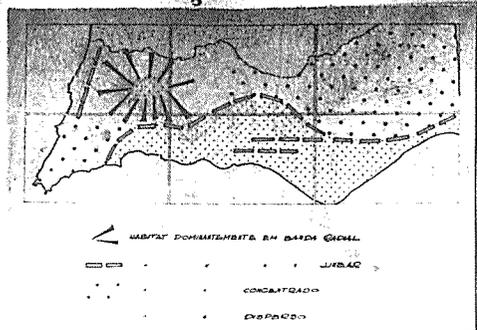
Como confirmação das razões ecológicas determinantes da ocupação urbana, verifica-se que aqueles pontos de aglomeração correspondem a locais onde se faz sentir a presença humana desde os tempos mais remotos. Os pontos teóricamente assinalados, resultantes dos valores das baías e hemibaias confinantes atrás referidas, caem na grande maioria dos casos, sobre locais notáveis de presença pré-histórica cujo conhecimento o Dr. Veiga Ferreira gentilmente facultou. Referindo apenas os mais importantes centros do litoral apontam-se os silos e cetárias de Lagos e Portimão, os castros e balneários romanos a Norte de Faro e Olhão, e as cidades romanas e pré-romanas de Tavira e Castro Marim. Assinala-se também a importante estação arqueológica de Vila Nova de Cacela, e a de Quarteira, a vila romana de Albufeira, o castro de Porches, as estações a Sul de ^{Budens e de} Bordeira, a gruta pré-histórica a Noroeste de Aljezur, em Brunheiras, que coincidem todas elas com os índices mais elevados dos centros de encontro do litoral. Também no interior os sinais de permanência da ocupação humana se situam em pontos notáveis que a análise teórica determinou.

No que respeita ao povoamento actual, o território algarvio pode considerar-se dividido em duas grandes áreas: a zona serrana, a Norte duma linha que se inicia em Castro Marim e passa sucessivamente por Alportel, Salir, S. Bartolomeu de Messines e São Marcos da Serra onde a ocupação é sobretudo de tipo concentrado, e uma outra a Sul dessa linha onde a ocupação se faz segundo uma mais rica diversificação de tipos de habitat.

Nesta última, poderão considerar-se duas manchas nitidamente marcadas pela linha que une Lagos-Portimão a S. Bartolomeu de Messines. Aliás esta demarcação prolonga-se segundo a linha divisória primeiramente referida, e corresponde a uma estreita "banda de inversão" intensamente procurada o que dá ao conjunto uma forma linear. Aspectos identicos repetem-se, em situações semelhantes, nos maciços de Alportel.

Ainda se verifica que a Sul desta "banda de inversão" predomina a ocupação em superfície, à excepção do sector central demarcado entre São Bartolomeu de Messines, Albufeira, Quarteira e Loulé, confirmando o que a seu tempo se referiu acerca das condições mesológicas criadas pelo relevo.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



A poente de São Bartolomeu - Portimão-Lagos, sensivelmente no sector de Barlavento poderão distinguir-se três tipos principais de povoamento: o primeiro que a partir da densa mancha de ocupação de Monchique irradia em estreita ligação com os talwegues que daí fluem; um outro tipo, em banda larga que se desenvolve paralelamente à linha litoral Poente, compreendendo a zona planáltica da costa, e ainda um terceiro que abrange a área agreste do Promontório Sagres - S. Vicente a qual repete, de certo modo, o aspecto do habitat serrano.

Tais observações levam a recomendar que as novas implantações se integrem nestes diferentes tipos locais, de forma a manterem-se as características de implantação relacionadas com a ecologia e que satisfazem as recomendações expressas no programa de Estudo, com excepção de ocupação dispersa que contraria esse programa e se afigura desactualizado em relação às possibilidades de transporte e comunicação de hoje.

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

Com o intuito de esclarecer as possíveis razões que justificam a ocupação do território e a forma como se operou, analisaram-se sucessivamente sobre o km quadrado a intensidade de ocupação, a localização no relevo, os tipos de habitat, as orientações das construções e a sua relação com o valor do solo.

Os escalões utilizados na diferenciação de ocupações referidos ao Km quadrado são os seguintes:

- | | | |
|------------------------|---|------------------------|
| - não ocupado | | |
| - de 1 a 4 construções | - | livre |
| - " 5 a 16 " | - | intermédio |
| - " 17 a 64 " | - | concentrado |
| - " 65 a 256 " | - | muito concentrado |
| - mais de 256 " | - | fortemente concentrado |

As maiores concentrações observam-se sobretudo em Portimão, Lagos e V. Real de St.º António e ainda em Monchique, Faro, Olhão, Tavira, S. Braz de Alportel e Loulé. Uma larga orla não construída rodeia a zona urbana de Monchique. Nota-se uma correspondência muito evidente entre as áreas menos ocu-

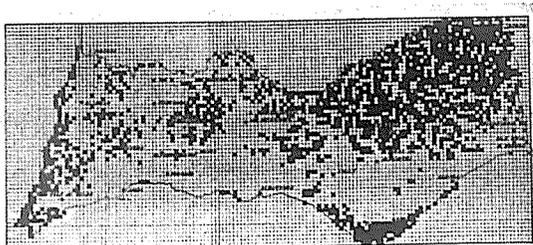
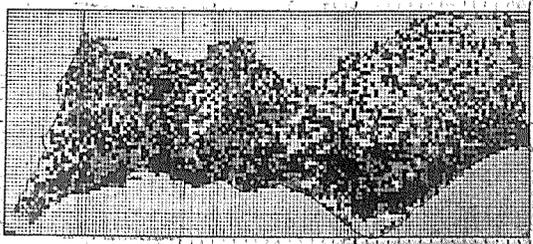
padas e aquelas onde foi assinalada a existência de poços sem nora o que ali de a uma extensificação das explorações e a um fundamento de base pecuária das mesmas.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO POR SECTORES

SECTOR HA.	ALJEZUR - MONCHIQUE		S. MARCOS DA SERRA - SALÍR		AMEIXIAL - ALCOUTIM		253000
		61.000		74.000		118.000	
N.º CASAS EM ENCOST.	6004	83,7%	4872	93,0%	3754	92,8%	14635
N.º CASAS TERRENO PLANO	1172	16,3%	371	7,0%	295	7,2%	
TOTAL CASAS POR SECTOR		7181		5.243		4049	
SECTOR HA.	SAGRES - PORTIMÃO		A. DE PERA - LOULÉ		FARO - V. REAL		237000
	66.000		88.000		83.000		
N.º CASAS EM ENCOST.	8235	72,0%	18384	93,6%	17228	90,4%	43947
N.º CASAS TERRENO PLANO	31145	27,4%	1265	6,4%	1835	9,6%	
TOTAL CASAS POR SECTOR		11349		19.649		19063	
TOTAIS	127000 14244		162000 23259		201000 27482		TOTAIS

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR



Se a distribuição do habitat humano em relação aos micro relevos encontra, na sua generalidade, as justificações de implantação que vêm sendo assinaladas, cabe agora a vez de observar o que se passa em escalões mais baixos de relevo em relação às orientações das encostas onde as construções se implantam.

Houve então que proceder à análise dos edifícios existentes relacionados com os rumos de orientação das respectivas encostas. A partir desta análise de situação, quantificou-se a cada um dos oito rumos principais a intensidade de ocupação por Km quadrado.

Para efeitos deste estudo dividiu-se a província em seis sectores que se correlacionam com as regiões já definidas anteriormente (paralelo a N. de Bordeira, Alte, Castro Marim separando a área serrana da faixa costeira e os meridianos de Estombar-Alferce e Querença-Ameixial).

Analisa-se em primeiro lugar o sector de Aljezur Monchique: a encosta mais densamente ocupada é a encosta orientada a SE. Para os rumos a um e outro-

lado as densidades de ocupação vão descendo até ao rumo N. A orientação resultante neste sector é a SSE.

No sector interior de São Marcos da Serra - Salir mantém-se o SE como a encosta mais densamente povoada. Porém, nota-se uma ligeira inflexão a E e a SW, valores que são suplantados pelos de NE e W respectivamente, decrescendo então daí para N. A orientação resultante é a SE.

No sector Ameixial - Alcoutim, que abrange a encosta do Guadiana, é o rumo NE o mais densamente ocupado, ainda que imediatamente seguido pelo rumo SE. A partir deste, mais se acentuam ainda as depressões já notadas no sector central a E e SW, e a anulação progressiva dos rumos a N e principalmente a NW. A orientação resultante é ainda a SE.

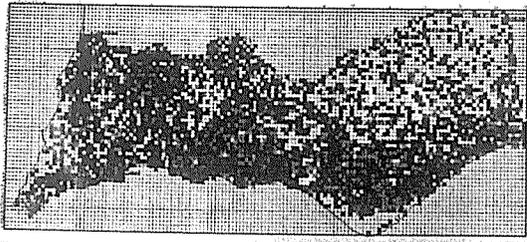
Quanto ao sector Sagres - Portimão mais uma vez são os flancos SE os mais densamente ocupados, decrescendo a sua ocupação para N e para W, surgindo porém um acréscimo de densidade nos rumos a NW. A orientação resultante é nitidamente a SE.

No sector litoral Armação de Pera - Loulé, a distribuição das densidades, apresenta uma orientação simétrica em relação ao rumo S com ligeiro acréscimo a NE. A orientação resultante ocupa a posição entre o S e SSE.

Finalmente no sector Faro - V. Real é o rumo a S que ganha preponderância, mantendo-se a simetria em relação a este rumo e uma assimetria aos rumos a N com predomínio de ocupação a NE. A orientação resultante é SSE.

Em relação ao conjunto de toda a província é o rumo SE o mais densamente ocupado decrescendo para um e outro lado até N. A orientação resultante é SSE.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



Intensidade de ocupação segundo a orientação das encostas

Rumos	Densidade	% do total	Densidade	% do total	Densidade	% do total
	D - Sector Aljezur - Monchique		E - Sector S.Marcos da Serra-Salir		F - Sector Ameixial - Alcoutim	
N	0,43	4%	0,46	7%	0,20	6%
NE	0,74	7%	0,91	13%	0,65	20%
E	1,27	12%	0,84	12%	0,38	12%
SE	2,66	27%	1,26	19%	0,58	18%
S	1,65	16%	1,18	18%	0,51	16%
SW	1,35	13%	0,62	9%	0,33	10%
W	0,97	9%	0,74	11%	0,36	11%
NW	0,71	7%	0,54	8%	0,12	4%
	A - Sector Sagres - Portimão		B - Sector Armação Pera-Loulé		C - Sector Faro - V.Real	
N	0,49	4%	1,27	6%	0,85	4%
NE	1,20	9%	2,05	9%	2,10	10%
E	2,42	19%	1,78	8%	2,31	11%
SE	2,78	22%	4,65	22%	3,97	19%
S	1,37	10%	3,93	18%	5,67	27%
SW	1,46	11%	4,23	20%	3,04	14%
W	1,25	10%	1,63	7%	1,88	9%
NW	1,47	11%	1,27	6%	0,90	4%

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

No que respeita à percentagem de construções edificadas sobre encostas expostas a um determinado rumo, em relação ao total de construções por cada sector, observa-se que a sua distribuição relativa aos vários rumos e nos diferentes sectores segue uma ordem de importância paralela às densidades de ocupação acima apontadas.

Em resumo pode dizer-se que os sectores de Aljezur - Monchique, Armação de Pera - Loulé e de Faro - V.Real têm um predomínio de ocupação cuja resultante se situa no rumo entre S e SSE. Por outro lado nos sectores de Sagres - Portimão, de S.Marcos da Serra - Salir e Ameixial - Alcoutim, o rumo preferido é SE.

É de assinalar a coincidência existente entre as orientações das encostas mais procuradas e o tipo de habitat respectivo. De facto, verifica-se um paralelismo entre o tipo do habitat concentrado sobretudo característico dos sectores mais agrestes (Sagres - Portimão, S.Marcos da Serra - Salir e Ameixial - Alcoutim) e o rumo SE das encostas mais procuradas, parecendo indicar que nestes sectores se apresenta como nota caracterizadora dominante os dados de um

clima mais geral enquanto que nos três restantes sectores - onde a procura faz sentir sobre as vertentes expostas entre S e SSE, são os relevos os determinantes fundamentais dessa escolha. Porém, uma análise mais aprofundada parece indicar que uma deslocação dos rumos escolhidos para Nascente se deverá justificar pela latitude, maior limpidez e transparência atmosférica matutina, conjugadas evidentemente com os horários habituais da vida predominantemente rural.

Portanto em relação às orientações resultantes assinaladas verifica-se que nos quatro sectores ocidentais as encostas mais frequentemente procuradas expõem-se a SE. Nos dois sectores orientais a Sotavento, domina no litoral a orientação a S enquanto que no interior a maior percentagem de ocupação é a NE dos relevos assim detectáveis, minorando prontamente o arrefecimento noturno pela procura das primeiras radiações da manhã. Iniciando também a sucção do ar fresco das baixas do Guadiana para adoçar, dentro do possível as horas do pôr do Sol.

Se tanto a Norte como a Sul da Província as ocupações das encostas a NW

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

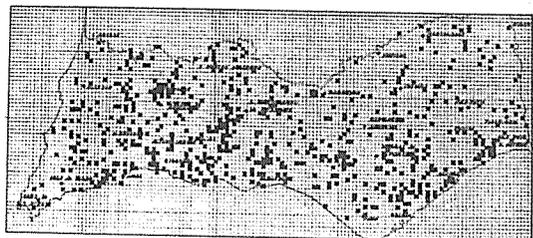
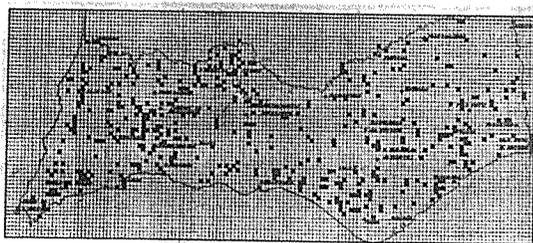
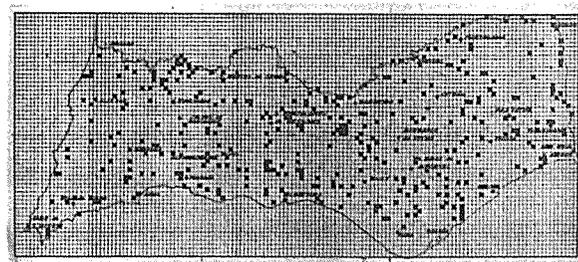
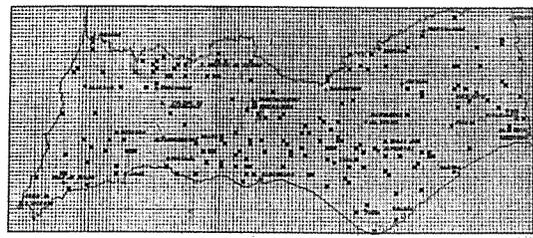
33

crecem nitidamente de Nascente para Poente do território algarvio, esse a-
créscimo dever-se-à explicar por uma influência atlantica termoestabilizadora
reforçada pelos ventos gerais e pela situação em bandas de inversão que os re-
levos proporcionam.

Inversamente a ocupação dos rumos a NE cresce de Poente para Nascente tanto
na facha litoral como no seu interior, possivelmente para contrabalançar uma
influência crescente continental e mediterrânica.

Observa-se que o habitat mais denso, corresponde, sobretudo na zona interior
da província, a uma ocupação semelhante à distribuição geral que se apontou ,
enquanto que as ocupações menos densas parecem não reflectir tão acentuadamen-
te essas tendências.

A análise das áreas ocupadas por diferentes graus de densidade de construção ,
mostra nitidamente por outro lado, a diferenciação dos tipos de povoamento pre-
dominantemente urbano e rural. O primeiro verifica-se em especial nos secto-
res de Armação de Pera - Loulé e de Faro - V.Real.



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

Observando-se cada sector de per si constata-se que:

No sector Aljezur - Monchique o tipo de habitat mais livre escolhe o SW enquanto que o povoamento concentrado e o muito concentrado prefere o SE. O habitat de concentração intermédia distribue-se regularmente pelos quadrantes a Sul. A ocupação a N, NE e NW é reduzida.

No sector S. Marcos da Serra - Salir o habitat mais livre escolhe preferivelmente as orientações a E, SE e S e o concentrado a SE e a S. A ocupação a N é muito reduzida.

No sector Ameixial - Alcoutim o habitat mais livre escolhe o NE, o E e o SE, enquanto que o concentrado prefere NE e SE. O intermédio ocupa as encostas a NE, SE e S.

A baixa do Guadiana para a qual o habitat predominantemente se volve, desempenha neste sector do interior elemento estabilizador semelhante àquele que o mar exerce nos sectores litorais.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

CONSTRUÇÕES SOBRE ENCOSTAS

SW

ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.			ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.			ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.		
TOTAL LIVRE INTERM. CONC. MUITO FORTE CONC. CONC.	ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.	ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.	TOTAL LIVRE INTERM. CONC. MUITO FORTE CONC. CONC.	ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.	ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.	TOTAL LIVRE INTERM. CONC. MUITO FORTE CONC. CONC.	ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.	ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.
7	17	119	4	17	68	4	17	68
	64	281		64	102		64	102
	5	448		5	236		5	236
40	5	200	24	5	120	17	5	83
	16	420		16	352		16	179
	1	640		1	384		1	272
49	1	49	19	1	19	23	1	23
	4	123		4	48		4	58
	1	196		1	70		1	92
T1		368	T1		207	T1		176
T2		1284	T2		716	T2		630
M		2220	M		4615	M		378
N.º = 100			N.º = 100			N.º = 100		
2	65	130	4	65	260	65	65	260
	256	512		256	642		256	642
9	17	153	60	17	1024	17	17	1024
	64	365		64	2430		64	2430
	5	576		5	3840		5	3840
17	5	85	58	5	290	29	5	145
	16	179		16	609		16	355
	1	272		1	428		1	464
42	1	42	17	1	19	17	1	17
	4	100		4	48		4	45
	1	163		1	76		1	68
T1		410	T1		1589	T1		1068
T2		1528	T2		8868	T2		3988
M		968	M		3738,5	M		2525
N.º = 100			N.º = 100			N.º = 100		
13	17	221	11	17	187	13	17	221
	64	527		64	446		64	527
	5	832		5	724		5	832
38	5	190	35	5	175	35	5	175
	16	394		16	308		16	308
	1	608		1	560		1	608
33	1	33	26	1	26	29	1	29
	4	83		4	65		4	83
	1	132		1	104		1	132
T1		444	T1		388	T1		272
T2		1572	T2		1368	T2		932
M		1008	M		878	M		602
N.º = 100			N.º = 100			N.º = 100		
1	65	65	4	65	260	11	65	715
	256	642		256	642		256	1700
12	17	204	56	17	1024	17	17	435
	64	480		64	2268		64	2228
	5	703		5	3514		5	3520
17	5	85	47	5	235	52	5	310
	16	179		16	494		16	651
	1	272		1	752		1	992
32	1	32	23	1	23	25	1	25
	4	80		4	58		4	63
	1	128		1	92		1	100
T1		386	T1		1475	T1		1985
T2		1424	T2		5422	T2		7428
M		935	M		3401	M		4775,5
N.º = 100			N.º = 100			N.º = 100		

S

ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.			ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.			ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.		
TOTAL LIVRE INTERM. CONC. MUITO FORTE CONC. CONC.	ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.	ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.	TOTAL LIVRE INTERM. CONC. MUITO FORTE CONC. CONC.	ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.	ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.	TOTAL LIVRE INTERM. CONC. MUITO FORTE CONC. CONC.	ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.	ÁREAS LÍMITES N.º TOTAL DE C.º DE CONDI. CAS OBSERV.
13	17	221	11	17	187	13	17	221
	64	527		64	446		64	527
	5	832		5	724		5	832
38	5	190	35	5	175	35	5	175
	16	394		16	308		16	308
	1	608		1	560		1	608
33	1	33	26	1	26	29	1	29
	4	83		4	65		4	83
	1	132		1	104		1	132
T1		444	T1		388	T1		272
T2		1572	T2		1368	T2		932
M		1008	M		878	M		602
N.º = 100			N.º = 100			N.º = 100		
1	65	65	4	65	260	11	65	715
	256	642		256	642		256	1700
12	17	204	56	17	1024	17	17	435
	64	480		64	2268		64	2228
	5	703		5	3514		5	3520
17	5	85	47	5	235	52	5	310
	16	179		16	494		16	651
	1	272		1	752		1	992
32	1	32	23	1	23	25	1	25
	4	80		4	58		4	63
	1	128		1	92		1	100
T1		386	T1		1475	T1		1985
T2		1424	T2		5422	T2		7428
M		935	M		3401	M		4775,5
N.º = 100			N.º = 100			N.º = 100		

ORDENAMENTO DE SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO DO PARQUE DA GARVE
ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

CONSTRUÇÕES SOBRE ENCOSTAS

NE

ÁREAS OCUPADAS	LIMITES CONSIDER.	N-TOTAL DE CAS. OBSERV.	TOTAL	ÁREAS OCUPADAS	LIMITES CONSIDER.	N-TOTAL DE CAS. OBSERV.	TOTAL	ÁREAS OCUPADAS	LIMITES CONSIDER.	N-TOTAL DE CAS. OBSERV.	TOTAL
5	17	85	100	9	17	153	100	9	17	153	100
64	5	203	100	64	5	365	100	64	5	365	100
5	19	320	100	5	19	570	100	5	19	570	100
19	16	95	100	23	16	241	100	23	16	368	100
16	1	292	100	27	1	27	100	27	1	27	100
1	4	304	100	4	4	68	100	4	4	98	100
4	11	22	100	11	11	39	100	11	11	156	100
11	12	55	100	12	12	108	100	12	12	342	100
12	37	712	100	37	37	1092	100	37	37	1212	100
37	M	457	100	M	M	673.5	100	M	M	777	100
2	65	130	100	1	65	65	100	1	65	65	100
65	17	321	100	17	17	161	100	17	17	256	100
17	5	516	100	5	5	256	100	5	5	578	100
5	19	119	100	19	19	570	100	19	19	1377	100
19	16	284	100	16	16	1377	100	16	16	2176	100
16	1	147	100	1	1	98	100	1	1	200	100
1	4	304	100	4	4	304	100	4	4	5	100
4	11	17	100	11	11	5	100	11	11	13	100
11	12	43	100	12	12	20	100	12	12	743	100
12	37	68	100	37	37	284	100	37	37	2756	100
37	M	386	100	M	M	769	100	M	M	1749.2	100
M	M	1232	100	M	M	2824	100	M	M	2480	100
M	M	794	100	M	M	1806.5	100	M	M	1749.2	100
M	M	1231	100	M	M	2480	100	M	M	2326.3	100

N

ÁREAS OCUPADAS	LIMITES CONSIDER.	N-TOTAL DE CAS. OBSERV.	TOTAL	ÁREAS OCUPADAS	LIMITES CONSIDER.	N-TOTAL DE CAS. OBSERV.	TOTAL	ÁREAS OCUPADAS	LIMITES CONSIDER.	N-TOTAL DE CAS. OBSERV.	TOTAL
4	17	68	100	5	17	85	100	2	17	34	100
64	5	162	100	64	5	203	100	64	5	81	100
5	19	236	100	5	19	320	100	5	19	128	100
19	16	35	100	11	16	55	100	11	16	55	100
16	1	73	100	16	1	116	100	16	1	166	100
1	4	112	100	1	4	176	100	1	4	176	100
4	11	12	100	11	11	22	100	11	11	22	100
11	12	30	100	11	12	28	100	11	12	50	100
12	37	48	100	12	37	44	100	12	37	80	100
37	M	115	100	M	M	131	100	M	M	109	100
M	M	416	100	M	M	340	100	M	M	384	100
M	M	263.5	100	M	M	345.5	100	M	M	246.5	100
1	65	65	100	1	65	65	100	1	65	65	100
65	17	161	100	17	17	161	100	17	17	221	100
17	5	256	100	5	5	256	100	5	5	527	100
5	19	34	100	19	19	34	100	19	19	823	100
19	16	82	100	16	16	128	100	16	16	60	100
16	1	98	100	1	1	200	100	1	1	126	100
1	4	304	100	4	4	304	100	4	4	192	100
4	11	17	100	11	11	5	100	11	11	5	100
11	12	20	100	12	12	13	100	12	12	20	100
12	37	65	100	37	37	200	100	37	37	743	100
37	M	96	100	M	M	284	100	M	M	1749.2	100
M	M	10	100	M	M	432	100	M	M	2756	100
M	M	10	100	M	M	11	100	M	M	11	100
M	M	25	100	M	M	44	100	M	M	11	100
M	M	40	100	M	M	28	100	M	M	11	100
M	M	159	100	M	M	486	100	M	M	11	100
M	M	320	100	M	M	1736	100	M	M	11	100
M	M	329.5	100	M	M	1121	100	M	M	11	100
M	M	315	100	M	M	1466.5	100	M	M	11	100

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

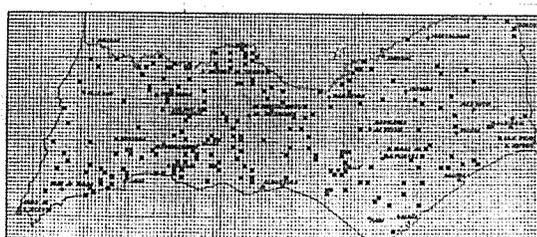
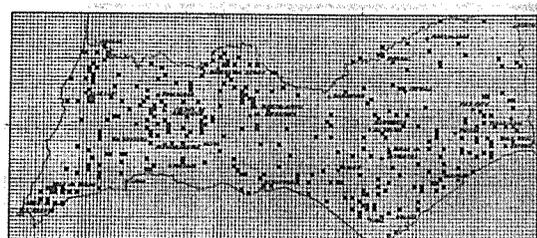
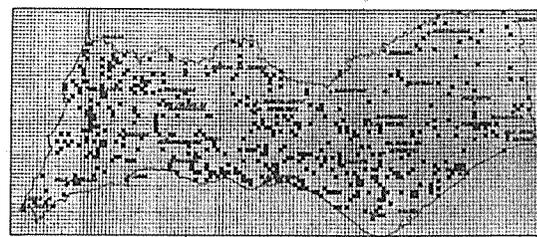
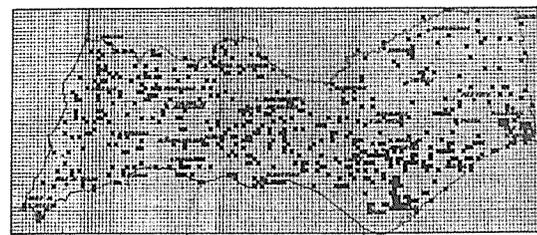
34

No sector Sagres - Portimão o habitat mais livre ocupa as encostas E, SE, S e SW sendo irrelevantes as ocupações aos outros rumos. No entanto, o habitat concentrado prefere o NW, o E e S. O muito concentrado expõe-se a E. O habitat da concentração intermédia prefere o E e o SE.

No sector Armação de Pera - Loulé o habitat em geral escolhe as orientações SE, S e SW com uma ligeira acentuação para SE no mais concentrado, sendo no entanto as orientações SE e SW as preferidas.

Finalmente no sector Faro - V.Real o habitat muito concentrado, livre, e intermédio, preferem em geral o S ainda que o habitat concentrado tenha igual presença a S e SE. Os quadrantes a N e NW são também aqui evitados.

As manchas das várias gradações de ocupação, quando consideradas nos três sectores de Sagres - Portimão, S. Marcos da Serra - Salir a Aljus - trel - Monchique mostram um certo "achatamento" N-S o que origina um alargamento na direcção Nascente - Poente. Pelo contrário, os sectores Armação de Pera - Loulé e Faro - V.Real apresentam um achatamento Nascente - Poente e-



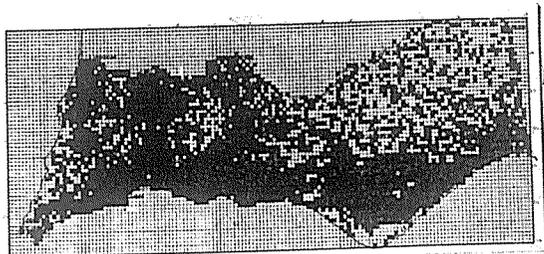
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

portanto essa deformação para Sul. Tais manchas podem considerar-se como resultantes das formas dos povoados situados num só relevo.

O sector de Ameixial - Alcoutim pode dizer-se que apresenta uma deformação mais acentuada para NE.

Quando os elementos detectados no decorrer deste inquérito encontraram na análise mesológica local uma justificação, o que, como se viu, frequentemente se constatou, serviram para corrigir os estudos de base teórica, oportunamente apurados, e deste modo enriquecidos pelo fruto da experiência.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



35

Analisando a distribuição na província dos três tipos estruturais de habitat (Concentrado, Linear e Disperso) verifica-se que o habitat concentrado aparece predominantemente para Nascente de uma linha que une S. Bartolomeu de Messines e Portimão. A Poente desta linha apresenta-se principalmente na mancha de Monchique.

O habitat linear desenvolve-se principalmente nos terrenos baixos e na depressão localizada entre S. Marcos da Serra e S. Bartolomeu de Messines, apertada entre os maciços do Caldeirão e de Monchique. Encontra-se igualmente representado numa orla que envolve a concentração de Monchique anteriormente assinalada.

O habitat disperso, fortemente representado na província à parte na zona serrana do maciço do Caldeirão, domina principalmente o Barlavento a Poente da linha de separação anteriormente referida.

As áreas desertas localizam-se predominantemente sobre o carbónico e nos terrenos modernos de Faro.

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

A representação do habitat concentrado em valor absoluto segue uma distribuição idêntica à do habitat em geral nos seis sectores considerados e portanto não é caracterizadora. Porém já é a percentagem da sua representação relativamente aos restantes tipos de habitat. Se, em intensidade de ocupação, o habitat concentrado ocupa valores necessariamente crescentes de Alcoutim para o litoral Poente e de Sagres para Nascente, essa presença mais acentuada é devida principalmente à capacidade de sustento dos solos dos diferentes sectores.

Observando porém as percentagens do habitat concentrado em relação aos tipos de ocupação, verifica-se que, no litoral Sul, dois terços da construção são deste tipo:

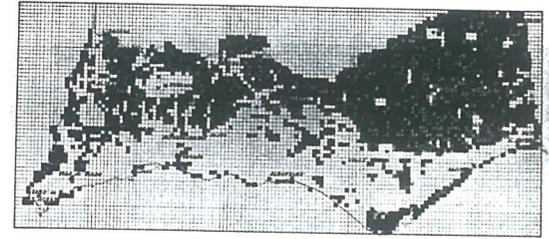
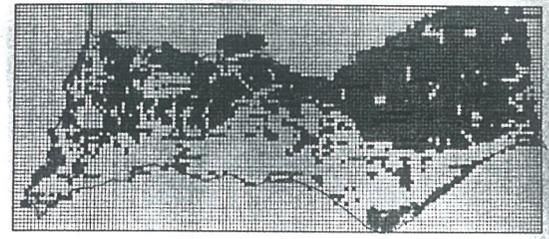
No entanto, nos sectores de Aljustrel-Monchique e São Marcos-Salir apenas metade da estrutura dos aglomerados é igualmente concentrado e no sector Ameixial-Alcoutim a quase totalidade da ocupação é densamente concentrada.

No que respeita aos aspectos quantitativos constata-se um predomínio de

Em relação aos solos de qualidade inferior, com grande representação em toda a Província excepto no sector Armação de Pera-Loulé, verifica-se que, tal como seria de esperar, a sua ocupação implica a proximidade de solos mais ricos. É por isso que no sector mais pobre, Ameixial-Alcoutim, 70,3% destes solos em condição estreme estão desocupados, descendo esta desocupação para 63,7% quando se considera a presença simultânea do solo pobre com outros tipos de terreno. Mesmo nos sectores litorais a Sul, a intensidade de ocupação é nestes solos a mais baixa.

Convém notar que uma observação minuciosa a maior escala permitirá constatar que, mesmo nas manchas de solos mais ricos e muito densamente ocupados, são os tratos de terreno pobre os normalmente ocupados pela construção.

A vocação para um revestimento arbóreo, arbustivo ou de pastagem, que a estes solos corresponde, e a sua presença dominante nos sectores Norte da Província, e também no de Faro - Vila Real, orientam mais uma vez a especialização de exploração que o planeamento deverá ter em conta



Analisando agora a distribuição das construções sobre as diversas qualidades de solo e suas associações, observa-se a existência de um maior número de construções naqueles em que se encontram associadas as três qualidades de solo anteriormente diferenciadas ou naqueles que, dispondo de água em maior abundância, exploram os solos de melhor qualidade, evidenciando a capacidade de competição numa paisagem equilibrada mesmo com os melhores tipos de solo. Nos sectores Norte, a presença dos solos de qualidade intermédia, na quasi ausência dos solos de boa qualidade, representam, nestes sectores, função idêntica aos de mais alta aptidão no litoral Sul, ainda que no sector Sagres-Portimão sejam também os solos de qualidade intermédia os mais ocupados.

Este facto poder-se-à atribuir à escassez de água disponível para os solos de boa qualidade. Deste modo, o armazenamento de água de escoamento superficial parece ter aqui a sua justificação como obra de fomento.

A ausência de construções verifica-se sobretudo em solos de qualidade inferior, com excepção do sector Sagres-Portimão em que, a uma maior percentagem de solos não ocupados correspondem os solos de qualidade intermédia associa-

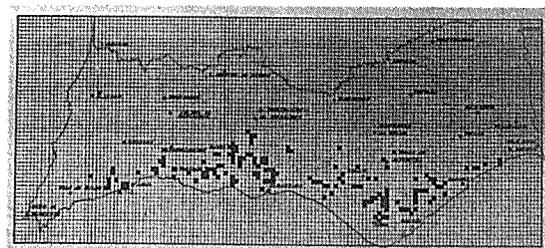
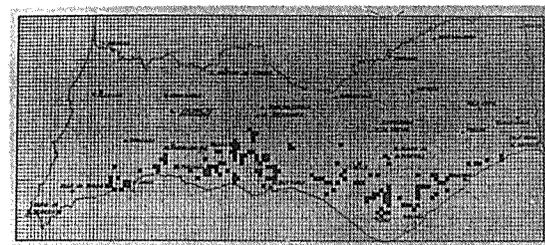
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

45

dos a outros tipos indiscriminadamente. O mesmo valor relativo desta ausência no sector Aljezur-Monchique poderá encontrar explicação no usufruto da floresta.

Os solos de boa qualidade e de valor intermédio, estremes ou associados entre si, ou os das três qualidades conjuntamente, do sector Faro-Vila Real encontram-se ocupados em sua totalidade, ainda que com diferente intensidade de ocupação. Este facto torna mais urgente a necessidade de uma concentração de ocupação urbana dos terrenos de pior qualidade neste sector, de forma a libertar da pressão demográfica aqueles outros solos que são base do seu sustento.

Verificou-se a existência de um paralelismo entre a distribuição dos solos, de boa e inferior qualidade, com o habitat linear. Isso resulta da localização relativa dominante destes dois tipos de solo e está, como se viu, relacionado com a situação da banda de inversão.



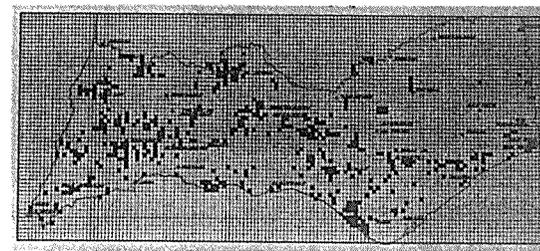
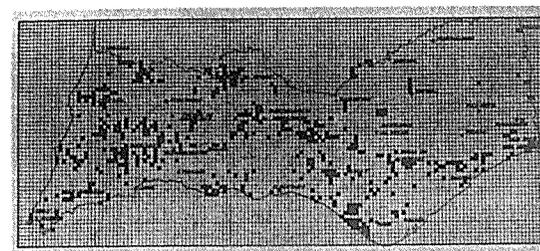
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

CLASSES A·B e C	OCUPAÇÃO DOS SOLOS EM MOSAICO											
	ÁREA NO SECTOR K.m ²	% DESTES SOLOS NA ÁREA DO SECTOR	N.º DE CONSTRUÇÕES POR H.A.	SOLO NÃO OCUPADO %	ÁREA NO SECTOR K.m ²	% DESTES SOLOS NA ÁREA DO SECTOR	N.º DE CONSTRUÇÕES POR H.A.	SOLO NÃO OCUPADO %	ÁREA NO SECTOR K.m ²	% DESTES SOLOS NA ÁREA DO SECTOR	N.º DE CONSTRUÇÕES POR H.A.	SOLO NÃO OCUPADO %
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA QUALIDADE E QUALIDADE MÉDIA EM SITUAÇÃO DE MOSAICO	ALJEZUR - MONCHIQUE				S.MARCOS DA SERRA - SALIR				AMEIXIAL - ALCOUTIM			
	1	0.001	0.10	0	0	0	0	—	0	0	0	—
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA QUALIDADE E QUALIDADE MÉDIA EM SITUAÇÃO DE MOSAICO	SAGRES - PORTIMÃO				A. DE PERA - LOULÉ				FARO - V.R.S.º ANTONIO			
	23	0.03	0.32	8	85	0.09	0.28	2.3	53	0.06	0.39	1.9

ESCALÕES DE INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO	OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA E INTERMÉDIA QUALIDADE EM MOSAICO						
	N.º DE CONSTR. KM ²	ÁREAS	N.º MÉDIO CONST.	ÁREAS	N.º MÉDIO CONST.	ÁREAS	N.º MÉDIO CONST.
		ALJEZUR - MONCHIQUE		S.MARCOS DA SERRA - SALIR		AMEIXIAL - ALCOUTIM	
+ 256	0	—	—	0	—	0	—
65 a 256	0	—	—	0	—	0	—
17 a 64	0	—	—	0	—	0	—
5 a 16	1	10	—	0	—	0	—
1 a 4	0	—	—	0	—	0	—
0	0	—	—	0	—	0	—
TOTAL	1	—	—	0	—	0	—
		SAGRES - PORTIMÃO		A. DE PERA - LOULÉ		FARO - V.R.S.º ANTONIO	
+ 256	1	256	—	0	—	0	—
65 a 256	1	160	—	3	480	2	320
17 a 64	6	240	—	39	1560	42	1680
5 a 16	14	140	—	31	310	7	70
1 a 4	1	25	—	9	225	1	25
0	2	—	—	2	—	1	—
TOTAL	25	—	—	84	—	53	—

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

CLASSES A·B e D·E	OCUPAÇÃO DOS SOLOS EM MOSAICO											
	AREA NO SECTOR K m ²	% DESTES SOLOS NA AREA DO SECTOR	N.º DE CONSTRUÇÕES POR H.ª	SOLO NÃO OCUPADO %	AREA NO SECTOR K m ²	% DESTES SOLOS NA AREA DO SECTOR	N.º DE CONSTRUÇÕES POR H.ª	SOLO NÃO OCUPADO %	AREA NO SECTOR K m ²	% DESTES SOLOS NA AREA DO SECTOR	N.º DE CONSTRUÇÕES POR H.ª	SOLO NÃO OCUPADO %
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA QUALIDADE E QUALIDADE INFERIOR EM SITUAÇÃO DE MOSAICO	ALTEIUR - MONCHIQUE				S. MARCOS DA SERRA - SALIR				AMEIXIAL - ALCOUTIM			
	80.0	0.1	0.10	10.8	85.0	0.1	0.14	6.2	21.0	0.01	0.13	35.0
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA QUALIDADE E QUALIDADE INFERIOR EM SITUAÇÃO DE MOSAICO	SAGRES - PORTIMÃO				A. DE PERA - LOULÉ				FARO - V. R. S.ª ANTONIO			
	103.0	0.1	0.10	23.7	129.0	0.1	0.16	29.8	72.0	0.06	0.29	5.5



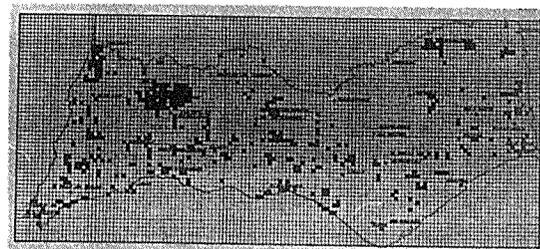
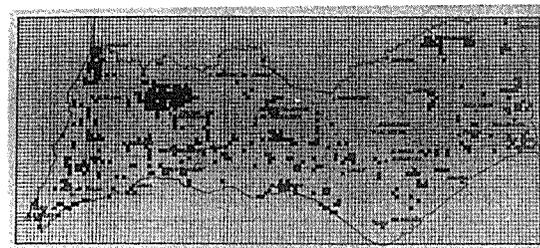
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

Escalações de Intendência de Ocupação	Ocupação de Solos de Boa e Inferior Qualidade em Mosaico					
	Áreas	Nº Médio Const.	Áreas	Nº Médio Const.	Áreas	Nº Médio Const.
	ALJEZUR — MONCHIQUE		S. MARCOS DA SERRA — SALIR		AMEIXIAL — ALCOUTIM	
+ 256	0	—	0	—	0	—
65 a 256	0	—	0	—	0	—
17 a 64	7	280	15	600	5	200
5 a 16	40	400	48	480	4	40
1 a 4	19	475	13	325	4	10
0	8	—	5	—	7	—
TOTAL	74	—	81	—	20	—
	SAGRES — PORTIMÃO		A. DE PERA — LOULÉ		FARO — V. R. S. ANTONIO	
+ 256	0	—	0	—	1	256
65 a 256	1	160	2	320	1	160
17 a 64	14	500	37	1480	34	1360
5 a 16	26	260	30	300	29	290
1 a 4	30	90	23	58,5	3	75
0	24	—	39	—	4	—
TOTAL	101	—	131	—	72	—

Classes C e D-E	Ocupação dos Solos em Mosaico											
	Área no Sector km ²	% Destes Solos na Área do Sector	Nº de Const. por H ²	% de Solo não ocupado	Área no Sector km ²	% Destes Solos na Área do Sector	Nº de Const. por H ²	% de Solo não ocupado	Área no Sector km ²	% Destes Solos na Área do Sector	Nº de Const. por H ²	% de Solo não ocupado
Ocupação de Solos de Qualidade Média e Qualidade Inferior em Situação de Mosaico	ALJEZUR — MONCHIQUE			S. MARCOS DA SERRA — SALIR			AMEIXIAL — ALCOUTIM					
	137,0	0,2	0,21	4,5	310	0,04	0,09	7,7	66,0	0,05	0,08	36,7
Ocupação de Solos de Qualidade Média e Qualidade Inferior em Situação de Mosaico	SAGRES — PORTIMÃO			A. DE PERA — LOULÉ			FARO — V. R. S. ANTONIO					
	96,0	0,1	0,11	26,4	95,0	0,1	0,17	24,5	47,0	0,05	0,10	10,6

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

ESCALÕES DE INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO N.º CONST. K.M ²	OCUPAÇÃO DE SOLOS DE INTERMÉDIA E INFERIOR QUALIDADE EM MOSAICO					
	ÁREAS	N-MÉDIO CONST.	ÁREAS	N-MÉDIO CONST.	ÁREAS	N-MÉDIO CONST.
	ALJEZUR-MONCHIQUE		SMARCOS DA SERRA-SALIR		AMEIXIAL-ALCOUTIM	
+ 256	0	—	0	—	0	—
65 a 256	3	+20	0	—	0	—
17 a 64	41	1040	1	40	8	320
5 a 16	65	650	19	190	10	160
1 a 4	19	475	4	10	14	35
0	0	—	2	—	22	—
TOTAL	134	—	26	—	60	—
	SAGRES-PORTIMÃO		Á DE PERA-LOULÉ		FARO-V.R. S.º ANTÓNIO	
+256	0	—	0	—	0	—
65 a 256	1	160	1	160	0	—
17 a 64	13	520	27	1080	15	600
5 a 16	21	210	31	310	22	220
1 a 4	32	80	12	30	5	125
0	24	—	23	—	5	—
TOTAL	41	—	94	—	47	—



ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

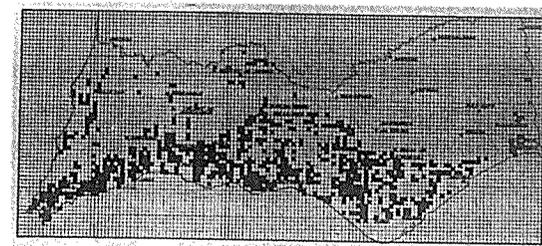
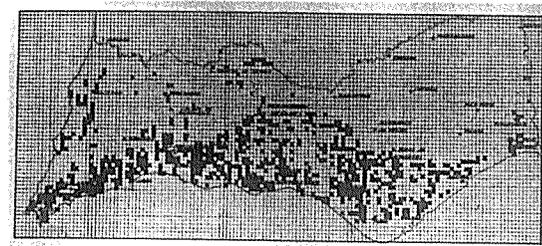
CLASSES
A.B,
C e
D.E

OCUPAÇÃO DOS SOLOS EM MOSAICO

CLASSES A.B, C e D.E	OCUPAÇÃO DOS SOLOS EM MOSAICO											
	ÁREA NO SECTOR K.M ²	% DESTES SOLOS NA CONSTRUÇÃO ÁREA DO SECTOR	N. DE SOLOS NA CONSTRUÇÃO POR H.A.	% DESTES SOLOS NA CONSTRUÇÃO ÁREA DO SECTOR	N. DE SOLOS NA CONSTRUÇÃO POR H.A.	ÁREA NO SECTOR K.M ²	% DESTES SOLOS NA CONSTRUÇÃO ÁREA DO SECTOR	N. DE SOLOS NA CONSTRUÇÃO POR H.A.	% DESTES SOLOS NA CONSTRUÇÃO ÁREA DO SECTOR	N. DE SOLOS NA CONSTRUÇÃO POR H.A.	ÁREA NO SECTOR K.M ²	% DESTES SOLOS NA CONSTRUÇÃO ÁREA DO SECTOR
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA QUALIDADE, QUALIDADE MÉDIA E QUALIDADE INFERIOR EM SITUAÇÃO DE MOSAICO	ALJEZUR - MONCHIQUE				S. MARCOS DA SERRA - SALIR				AMEIXIAL - ALCOUTIM			
	38	0.06	0.14	5.3	64	0.08	0.17	15.6	7	0.005	0.07	0.0
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA QUALIDADE, QUALIDADE MÉDIA E QUALIDADE INFERIOR EM SITUAÇÃO DE MOSAICO	SAGRES - PORTIMÃO				A. DE PERA - LOULÉ				FARO - V.R. S. ANTONIO			
	113	0.17	0.19	11.4	354	0.40	0.96	4.6	140	0.16	1.3	1.4

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

ESCALÕES DE INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO N.º CONST. x m²	OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA, INTERMÉDIA E INFERIOR QUALIDADE EM MOSAICO					
	ÁREAS	N.º MÉDIO CONST.	ÁREAS	N.º MÉDIO CONST.	ÁREAS	N.º MÉDIO CONST.
	ALJEZUR - MONCHIQUE		S. MARCOS DA SERRA - SALIR		AMEIXIAL - ALCOUTIM	
+ 256	0	—	0	—	0	—
65 a 256	0	—	0	—	0	—
17 a 64	9	360	22	880	0	—
5 a 16	16	160	24	240	5	50
1 a 4	11	275	8	20	2	5
0	2	—	10	—	0	—
TOTAL	38	—	64	—	7	—
	SABRES - PORTIMÃO		A DE PERA - LOULÉ		FARO - V. R. S. ANTÓNIO	
+ 256	1	256	0	—	0	—
65 a 256	7	1120	9	2304	7	1792
17 a 64	48	1920	63	26080	91	14560
5 a 16	74	740	127	5080	36	1440
1 a 4	57	1425	33	825	4	10
0	24	—	16	—	2	—
TOTAL	211	—	343	—	140	—



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

A existência na Província de construções de carácter especial que reflectem particulares características do meio local, levaram a apurar e tentar interpretar a distribuição dos moinhos no Algarve, nas suas relações com as correntes de vento ao nível do solo, no sentido de aprofundar o valor e significado da sua presença na paisagem algarvia.

Na linha que de Pera segue a Algós em redor de S. Bartolomeu de Messines verifica-se a maior concentração de moinhos por unidade de superfície, a aproveitar o impacto mais directo do encanamento dos ventos dominantes entre Monchique e o Caldeirão e beneficiando também daquele encanamento pelo acrés - cimo de velocidade que as massas de ar sofrem ao transpor a crista da Serra de Alportel.

Nota-se a ausência de moinhos na zona serrana de Monchique e a menor densidade a Sudeste no maciço do Caldeirão.

Aproveitando a conjugação dos ventos dominantes e dos do vale, verifica-se um adensamento destas construções nas proximidades do Guadiana.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE PLANEJAMENTO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

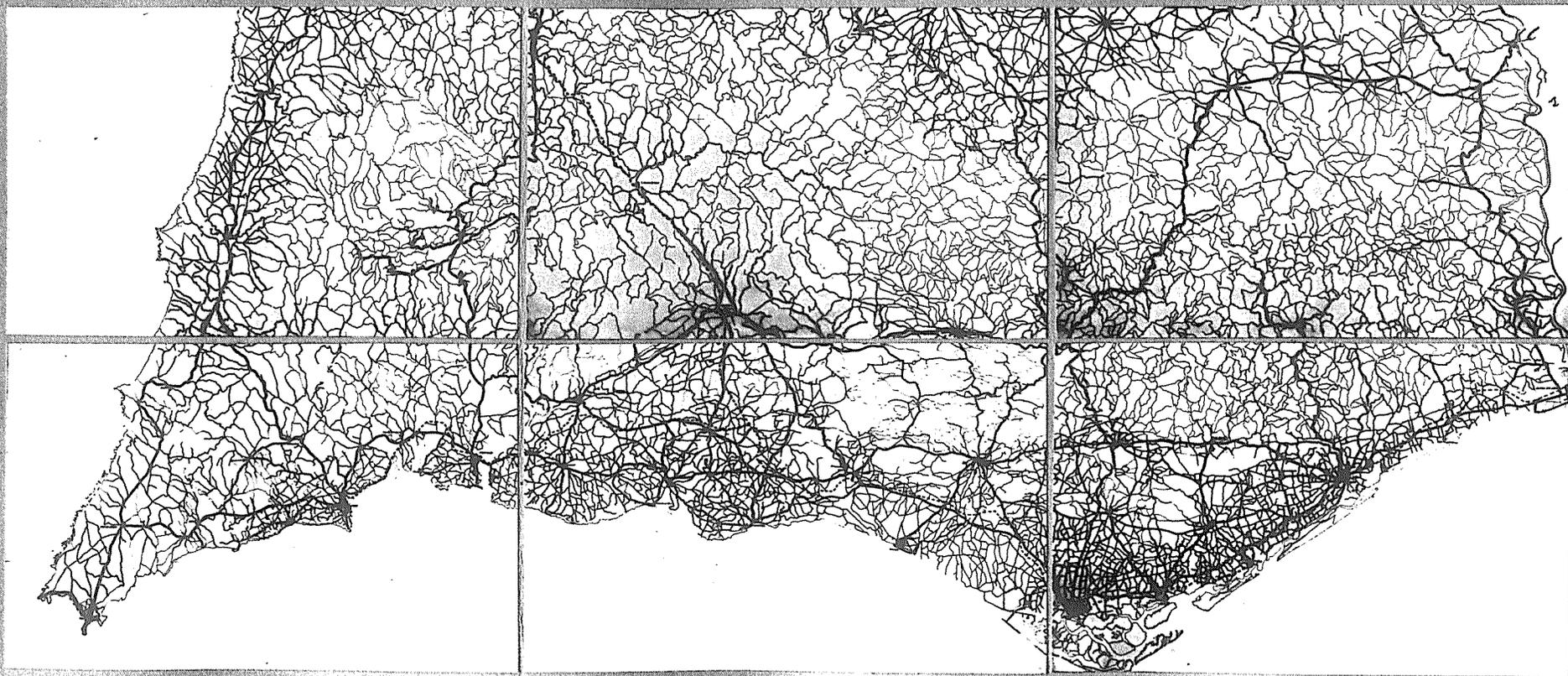
A sua distribuição geral, associada às culturas extensivas de sequeiro, permitem definir também as áreas mais interessadas nestas culturas e a direcção dos ventos dominantes na época de laboração.

De Algós segue essa linha para Loulé e Alportel, sobre a Serra, até Monte Figo. Nesta região são mais juntos do que na restante área da província, especialmente nos sectores centro e Poente do interior.

Existe uma correspondência entre o tipo de distribuição dos moinhos e os tipos do habitat mais frequente. De facto, nota-se que nas zonas onde o habitat é predominantemente concentrado os moinhos têm tendência a agrupar-se, ao passo que nas áreas de habitat predominantemente disperso e linear, os moinhos tomam disposição semelhante.

A sua distribuição parece portanto mais comandada pelos relevos locais na zona serrana enquanto que nos sectores litorais são os grandes relevos que a determinam.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

Sob o ponto de vista dos grandes relevos peninsulares Sagres constitue, como se viu, o vértice das duas hemiregiões do Guadiana e do Tejo, que assim se delimitam por três linhas principais: Sagres-Santiago do Cacém-Setúbal, Sagres-Beja-Évora e Sagres-Vila Real de St^o. António -Elvas.

Nesta estrutura orográfica deveria pois apoiar-se a rede primária de acesso à Província, tendo em atenção, evidentemente, o valor do centro de encontro determinado para Lagos-Portimão cuja ampla baía polariza potencialidades que outros centros possuem. A translação que este núcleo provoca no vértice das hemiregiões, ocasiona portanto um enfeichamento daquelas linhas neste ponto. Então, essas três linhas serão: Lagos-Portimão-Santiago do Cacém-Setúbal, Lagos-Portimão-Beja-Évora e Lagos-Portimão-Vila Real-Elvas.

A primeira linha corresponderia o tráfego do litoral atlântico; à segunda a linha de fêsto que separa as duas hemiregiões e que as serve simultânea - mente; à terceira o talvegue do Guadiana que deveria drenar e alimentar, em conjunto as hemibacias portuguesa e espanhola.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



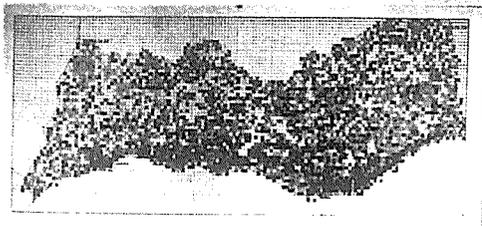
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

A análise da rede existente permite constatar que nas suas linhas gerais, esta estrutura se encontra já delineada, ainda que, evidentemente, necessitada de actualização e conclusão adequada. De facto nela se apoiam a saída de Lagos por Aljezur, a estrada que de Faro segue a Alportel e Almodovar, e a de Vila Real a Mértola.

Considera-se de fundamental importância a via de Alportel por ser a que, simultaneamente, serve as duas hemibacias do Tejo e Guadiana.

No interior do território algarvio, no sentido Leste-Oeste, a rede actual estabelece já a ligação entre estas três vias principais. Aqui deverá considerar-se a existência de um largo zonamento que contribuirá para definir as linhas longitudinais mais importantes da Província: uma faixa costeira e de agricultura intensiva, uma faixa mais larga de exploração agrícola de sequeiro e a zona serrana. Estas três faixas deveriam ser separadas por duas linhas que servissem convenientemente os meios complementares adjacentes. Duma forma geral corresponde às vias: Vila Real-Alportel-Salir-S. Bartolomeu de Messines-Silves-Lagos e Vila Real - Tavira-Faro-Lagoa-Portimão-Lagos. A

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



linha da costa Sul deverá ser servida pontualmente a partir da via longitudinal mais litoral.

Para além desta rede principal, analisou-se sob o ponto de vista paisagístico toda a rede viária existente, desde as estradas nacionais até aos caminhos vicinais e serventias de menor importância, verificando-se que elas poderão ser sistematizadas na classificação de vias de fecho e vias de talvegue, constituindo ambas um recticulado de importância muito semelhante. Na proximidade dos núcleos mais intensamente urbanizados sobrepe-se uma outra rede já não tanto directamente ligada ao relevo^{geral}, mas ainda respondendo a outras condições do meio físico, em especial às condições meteorológicas locais e também relacionadas com o cadastro da propriedade. Existe ainda uma quarta categoria de vias, de muito reduzida representação, à qual não foi possível determinar uma razão preponderante para a sua ocorrência. A profundidade do estudo que se levou a efeito não permite contudo decidir desde já da sua arbitrariedade.

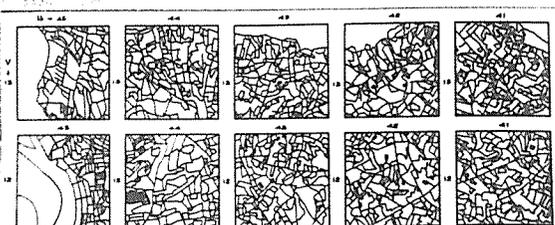
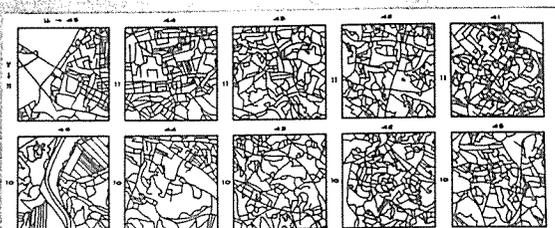
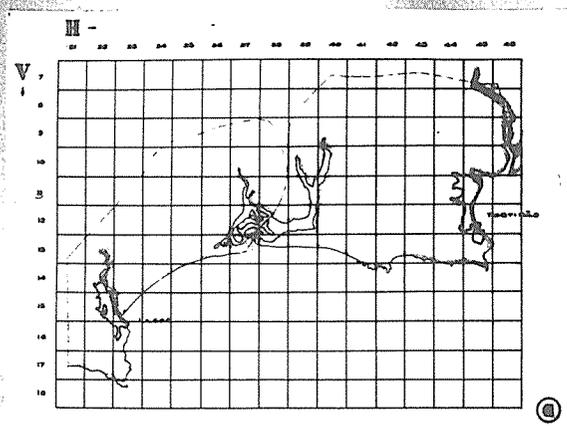
Os princípios que presidiram a análise a maiores escalões permanecem por -

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

tanto válidos segundo o testemunho da experiência à escala deste pormenor.

Parece ser pois critério a seguir no delineamento, tanto quanto possível a par
tir do existente, da beneficiação da rede viária até ao acesso das explorações.
Sobretudo nas áreas mais planas será de prever-se a segregação das redes e sua
necessária hierarquização até ao nível do peão.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



Do mesmo modo como se procedeu à análise quantitativa das construções algarvias existentes por Km², analisou-se também o cumprimento das vias actuais sobre identica quadrícula. Tal observação permite definir a intensidade relativa da compartimentação do espaço e apurar a correspondente escala da intervenção humana na paisagem rural da Província.

A observação mostra que a partir de um núcleo de maior densidade, que de Faro se estende a Tavira, e com mais de 6 a 7 Km. de vias por Km², existe uma orla mais ampla que o envolve, desde Portimão a Ameixial e Castro Marim com médias de 3 a 4 Km de vias por Km². Esta área é todavia interrompida por uma cunha de menor densidade (1 a 2 Km de vias por Km²) que corresponde à faixa de depressão que vem sendo assinalada, de S. Marcos da Serra e S. Bartolomeu de Messines.

Também a densidade de rede viária se correlaciona nos seus escalões superiores (5, 6 e 7 Km por Km²) com as áreas de mais densa concentração habitacional, ainda que esta correlação se não verifique na área de Monchique onde a rede é menos densa. Do ponto de vista viário e no que diz respeito

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

As áreas montanhosas é mais rica a serra do Caldeirão do que os contrafortes da serra de Monchique até à zona do Promontório.

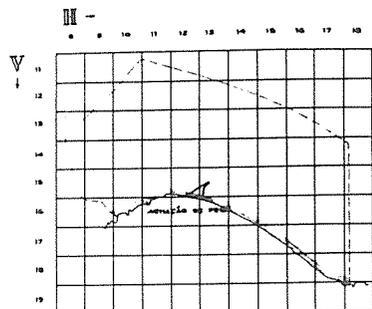
Parace haver certa ligação, de resto justificável, entre os diversos tipos de solo analisados e a sua riqueza viária e não só considerados isoladamente como constituindo consociações de paisagens mais potencialmente equilibradas.

O reticulado onde se aponta o "mosaico" dos três tipos de solo é quase paralelo à carta agora em análise. A mesma semelhança com a densidade das construções existentes nestes solos associados.

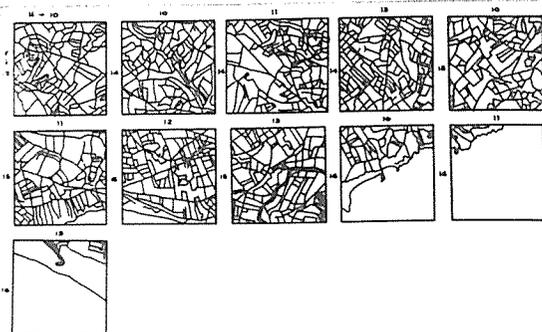
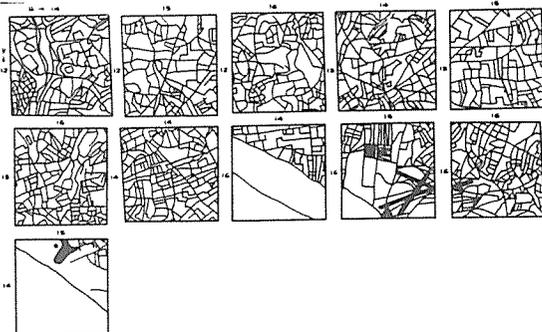
Porque é mais intensa a construção orientada a SE, e por haver uma relação entre a intensidade de construção e a rede viária, é possível vislumbrar certo paralelismo entre a densidade da rede e a construção com esta orientação.

A distribuição do habitat parece delimitar na Província as zonas de reticulado mais intenso (acima de 5 Km. por Km²) das do reticulado mais frouco.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



D



Os solos de boa qualidade em situação estreme, são, como poderia esperar-se os mais intensamente servidos, e mesmo a sua presença, em conjugação com outros tipos de solo é acompanhada por uma malha viária mais apertada.

Os solos de qualidade intermédia estão, duma maneira geral, como se viu, associados a outros tipos de solo e servidos pela rede viária mais densa (com excepção da mancha de Monchique e do litoral Poente) o que confirma o já exposto a respeito da importância da utilização dos solos de qualidade intermédia, principalmente quando associados a áreas regadas.

Assim como o habitat linear faz uma demarcação de intensidades da rede viária, do mesmo modo os solos de qualidade inferior demarcam as áreas menos servidas.

Note-se no entanto a diferença entre a serra do Caldeirão e a de Monchique, esta com menor densidade viária e com predominância de habitat disperso, onde um certo grau de autosuficiência e portanto menor necessidade de relação, se contrapõe ao daquela, onde a pasteuria e o habitat concentrado exigem re

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

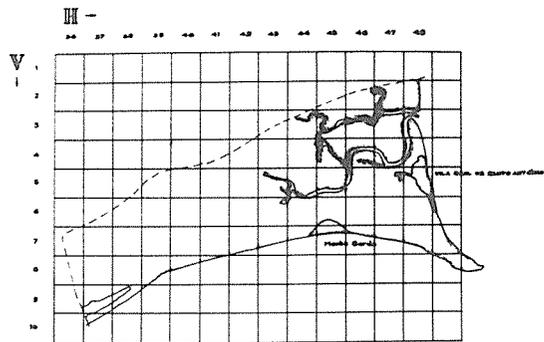
lação.

Verifica-se ainda que na zona serrana os maiores adensamentos de vias (que não excedem na generalidade os 3 a 4 Km por Km²) se relacionam com a presença de fontes e nascentes, enquanto que a rede mais densa do litoral, mormente de Faro e Vila Real, se encontra estreitamente ligada à existência de poços com nora, e portanto a uma paisagem de maior intensidade cultural.

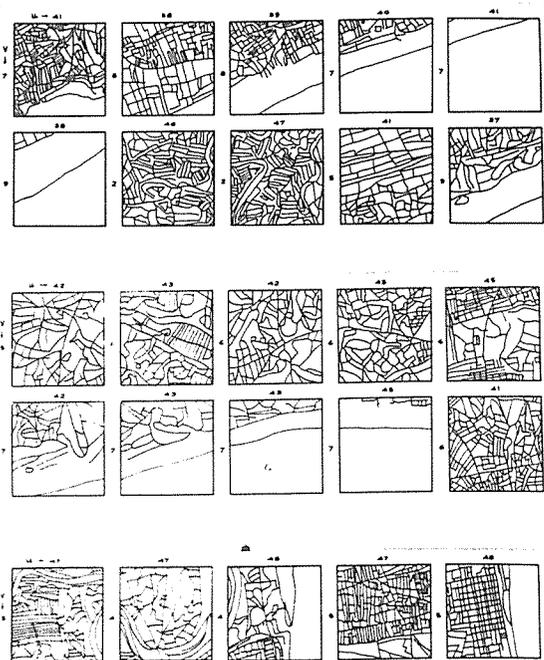
Poder-se-à observar uma determinada ligação entre os escalões intermédios da densidade viária e a presença dos poços sem engenho, com excepção da mancha a Nascente de Monchique.

Convém assinalar que esta carta de densidade de vias funciona ainda como esquema indicativo da importância relativa dos ventos locais, na sua incidência na exploração económica dos solos. De facto sabendo-se que a densidade da rede viária corresponde a uma densidade de compartimentação do campo e que esta reflecte também, em grande parte, uma medida de controle dos ventos locais, sabendo-se por outro lado que o apuramento dos dados meteorológicos da Província

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



©



cia a este respeito não são suficientes para caracterizar localmente - em - bora funcionem como indispensável contributo dessa caracterização - verifican - do-se ainda uma correlação entre a distribuição de engenhos movidos a vento e uma densidade de rede viária, houve que analisar aquela compartimentação a níveis de maior pormenor.

Na impossibilidade de observar desta forma toda a Província procedeu-se en - tão a amostragens sobre as zonas de mais premente urbanização.

A partir das expressões,

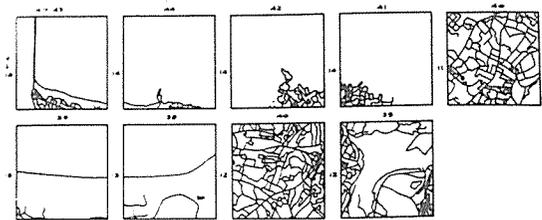
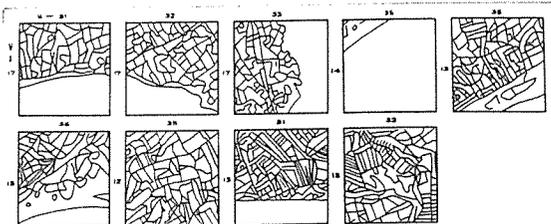
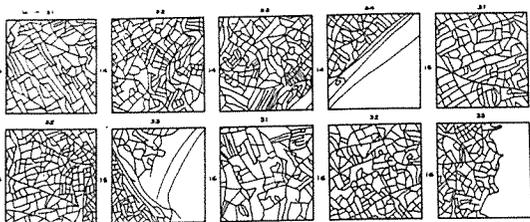
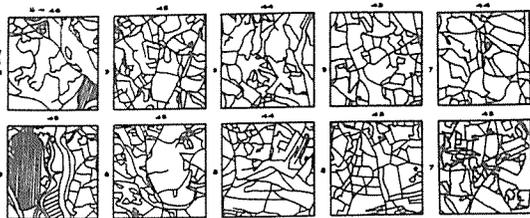
$$a = \frac{15.000}{L} \quad e \quad V_1 = \frac{V_c}{X}$$

procedeu-se ao cálculo das intensidades relativas do vento e à sua direcção ou rumo ortogonal para ~~as~~ áreas, cujos resultados foram assinalados grã - ficamente.

Este estudo de compartimentação permitiu detectar ainda uma escala local de

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

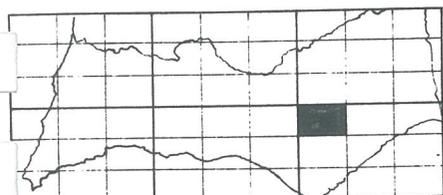


51

paisagem bem como uma conformação de estrutura da compartimentação sistemati-
zável, auxiliadora duma caracterização local em planeamento e na integração
de novos desenvolvimentos.

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

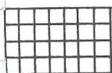
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
Escala 1 : 50000



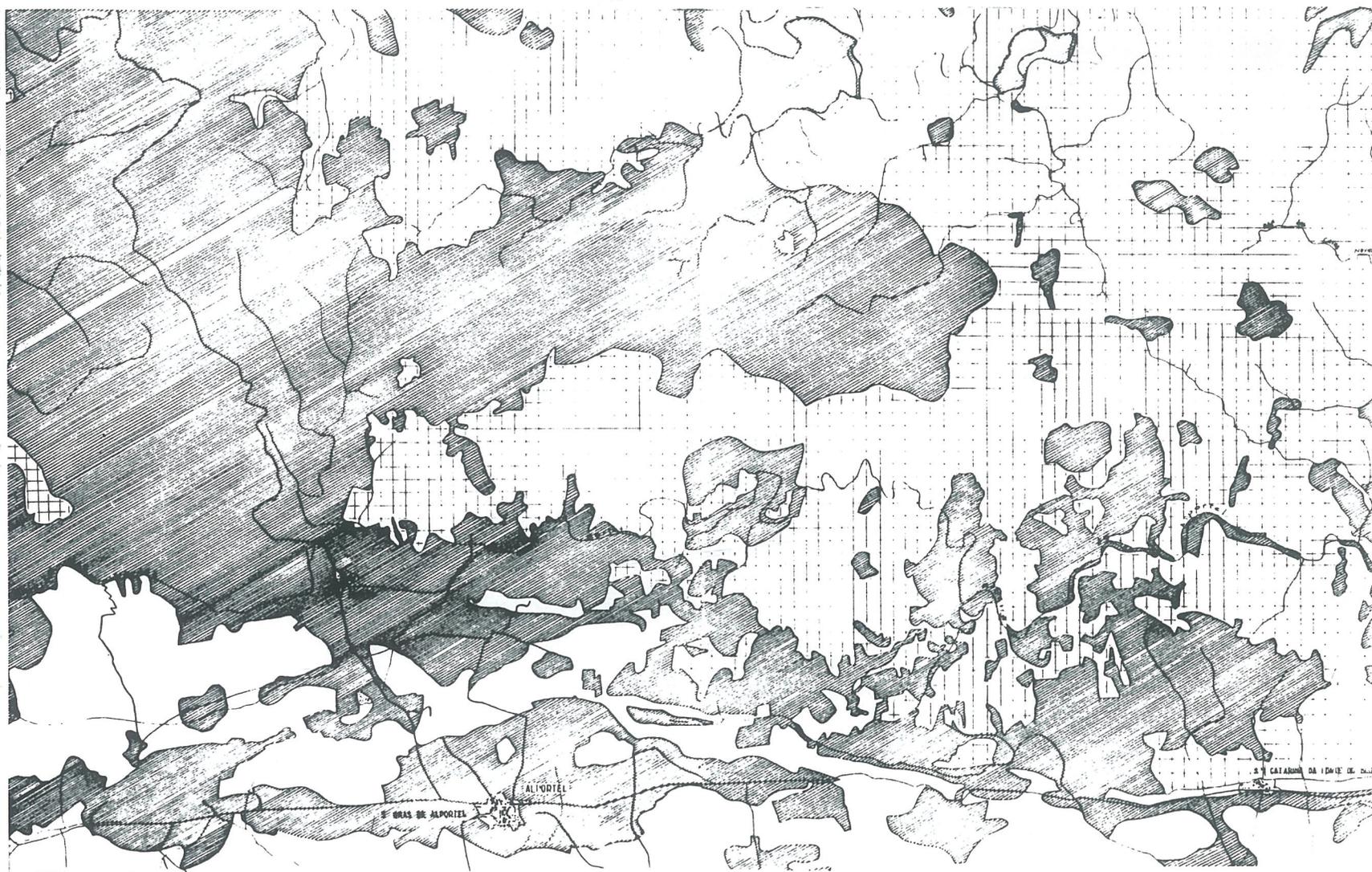
Áreas de vegetação
com interesse



Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação



Áreas de vegetação
em solos pedregosos ou
incultos



ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

PRESENÇA RELATIVA DOS ESCALÕES DE OCUPAÇÃO NOS 6 SECTORES

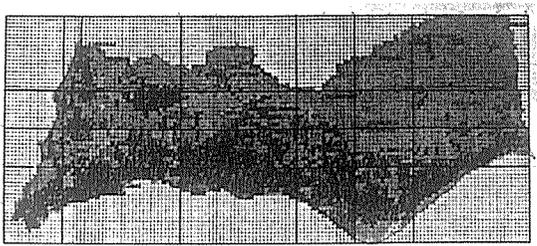
ESCALÕES DE INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO	OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA QUALIDADE QUANDO EM SITUAÇÃO ESTREME						
	N.º DE CONST. K m ²	ÁREAS	N.º MÉDIO CONST.	ÁREAS	N.º MÉDIO CONST.	ÁREAS	N.º MÉDIO CONST.
		ALJEZUR - MONCHIQUE		S. MARCOS DA SERRA - SALIR		AMEIXIAL - ALCOUTIM	
+256		0	0	0	0	0	0
65 a 256		"	"	"	"	"	"
17 a 64		"	"	"	"	"	"
5 a 16		"	"	"	"	"	"
1 a 4		"	"	"	"	"	"
0		"	"	"	"	"	"
TOTAL		0	0	0	0	0	0
		SAGRES - PORTIMÃO		A. DE PERA - LOULÉ		FARO - V. R. S.º ANTONIO	
+256		0	0	0	0	0	0
65 a 256		0	0	1	160	5	800
17 a 64		1	40	13	520	59	2360
5 a 16		1	10	17	170	12	120
1 a 4		1	2,5	5	12,5	0	0
0		0	—	3	—	1	—
TOTAL		3	—	39	—	77	—

ESCALÕES DE INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO	OCUPAÇÃO DE SOLOS DE BOA QUALIDADE QUANDO INDISCRIMINADAMENTE ASSOCIADOS A OUTROS DE QUALIDADE INFERIOR						
	N.º DE CONST. K m ²	ÁREAS	N.º MÉDIO CONST.	ÁREAS	N.º MÉDIO CONST.	ÁREAS	N.º MÉDIO CONST.
		ALJEZUR - MONCHIQUE		S. MARCOS DA SERRA - SALIR		AMEIXIAL - ALCOUTIM	
+256		0	—	0	—	—	—
65 a 256		0	—	0	—	—	—
17 a 64		16	640	35	1400	4	160
5 a 16		55	550	70	700	6	60
1 a 4		32	80	21	525	6	75
0		12	—	15	—	10	—
TOTAL		115	—	141	—	26	—
		SAGRES - PORTIMÃO		A. DE PERA - LOULÉ		FARO - V. R. S.º ANTONIO	
+256		2	512	0	—	1	256
65 a 256		7	1120	15	2400	15	2400
17 a 64		70	2800	262	10.480	227	9080
5 a 16		121	1210	213	2130	76	760
1 a 4		87	2175	66	165	6	15
0		45	—	65	—	4	—
TOTAL		332	—	621	—	334	—

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANISMO



Observada agora a capacidade de uso do solo nas suas relações com a distribuição do habitat humano na Província, verificam-se algumas tendências que convém registar:

Para esta análise reduziram-se ao Km² as diferentes capacidades de uso do terreno, considerando-se agrupadas nos três tipos fundamentais: solo de alto valor produtivo (englobando as classes A e B da respectiva carta de capacidade de uso) de capacidade média (classe C), e de fraco valor produtivo (classes D e E).

Ora, nesta síntese por Km², os diversos graus de capacidade de uso do solo ou se encontram numa situação estreme ou numa situação de "mosaico", correspondendo a esta última uma presença simultânea de vários graus de qualidade, em cada unidade de superfície considerada.

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

Os solos da primeira categoria, referida, os mais ricos. portanto, que se encontram em situação estreme, ocupam uma muito pequena área do território algarvio que apresenta tractos mais contínuos numa estreita faixa paralela ao litoral, correspondente aos sectores costeiros, situada entre Faro e Vila Real e abrangendo a várzea de Tavira, e em núcleos disseminados entre Portimão, Albufeira, Loulé e S. Bartolomeu de Messines, sendo a mais notável destas áreas a várzea de Quarteira.

Apenas cerca de 12 mil ha da área do Algarve possuem portanto, em extensão uniforme, condições para cultura muito intensiva. Representam apenas no sector Faro-Vila Real, percentagem apreciável em relação à área total do sector - 9,3%, enquanto que de Armação de Pera a Loulé a percentagem é metade da precedente - 4,4% -, e no sector Sagres - Portimão não chega a atingir meio por cento - 0,4%.

No que respeita à densidade média de ocupação, - número de casas por ha da área total deste tipo de solo - verifica-se um progressivo aumento da ocupação de Ocidente para Oriente (0,18 casas /ha no sector Sagres-Portimão, 0,22 ca-

sas/ha no sector Armação de Pera - Loulé e de 0,43 casas /ha no sector Faro-Vila Real). Em relação à costa a maior disponibilidade de terrenos pobres nos sectores litorais ocidentais deverá ser uma das razões destas diferenças de povoamento.

No que se refere agora à intensidade de ocupação em relação aos escalões já atrás definidos, aquele que corresponde a uma concentração da ordem das 17 a 64 casas por Km², é o mais representativo do ponto de vista do número de construções existentes e cresce de Ocidente para Oriente da Província com uma presença nos sectores litorais numa relação de 40,520 e 2360 casas. No entanto, a representação em superfície do escalão das cinco a 16 casas por Km², é mais extensa no sector Armação de Pera - Loulé.

As grandes concentrações de população aparecem apenas no sector Faro-Vila Real. Esta distribuição relativa das construções permite evidenciar que este tipo de solo está mais intensamente compartimentado no sector Faro-Vila Real que no sector Armação de Pera - Loulé, havendo portanto uma maior intensificação cultural em moldes clássicos porque são mais pulverizadas as

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

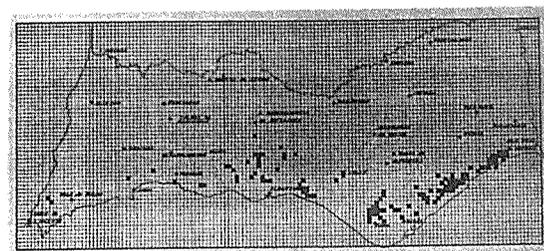
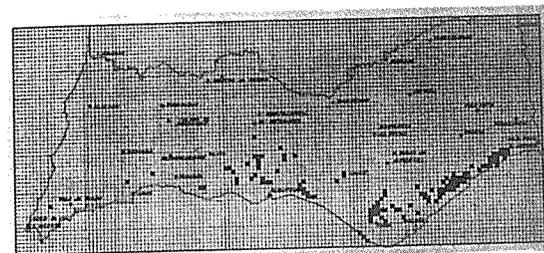
41

explorações dos solos ricos no sector oriental algarvio.

Como, a Ocidente, este solo é mais escasso em condição extensiva, aparece to do ele com diferentes graus de ocupação. Porém a saturação é maior em Faro-Vila Real onde apenas 1,3% da área aparece deserto de construções, enquanto que no sector Armação de Pera-Loulé 7,6% ia área se encontram livres de qual quer ocupação. Ora, a presença de concentrações importantes, 800 casas no sector Faro-Vila Real, parece representar já para estes solos uma saturação de ocupação.

Fenómeno idêntico começa a manifestar-se no sector Armação de Pera-Loulé onde apareceu 160 construções em condições de concentração semelhantes. Pe - rante tais factos parece ser recomendável um agrupamento de explorações.

Observando-se o que se passa em todas as áreas onde este tipo de solo se encontra estreme ou indiscriminadamente associado a outros tipos de solo, verifica-se que nos sectores litorais, a intensidade de ocupação é bastante parecida com o povoamento dos solos estremos de primeira qualidade. Assim, exis



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

tem no sector Sagres-Portimão 0,18 casas/ha, quer de solo estreme de boa-qualidade, quer nas manchas de mosaico indiscriminado. No sector Armação de Pera-Loulé, 0,22 casas/ha e 0,24 casas/ha, e no de Faro-Vila Real, 0,43 casas/ha e 0,38 casas/ha, respectivamente. Parece portanto: que a presença dos solos de qualidade nos sectores litorais Sul marca o limite de ocupação perante determinadas técnicas de uso; que, em fase do condicionalismo actual, o sector Armação de Pera-Loulé se encontra próximo dos sintomas da saturação; e que no sector de Faro-Vila Real se ultrapassou a saturação na ocupação dos terrenos de primeira qualidade.

Observa-se ainda que as superfícies ocupadas crescem em toda a Província de Ocidente para Oriente.

A tendência para guardar terrenos de qualidade exclusivamente para uso agrícola, revela-se nitidamente nos sectores Norte da Província. Aqui, estes solos quando estremos, encontram-se desocupados e, mesmo quando associados, apresentam-se tanto mais desertos quanto mais escassa é a sua representação no sector.

Existem 156.900 ha de terrenos com presença de solos de qualidade em todo o Algarve. Viu-se porém que a sua representação em condição estreme é muito reduzida e localizada em mancha contínua principalmente a Oriente da Província. Tal circunstância permitirá dirigir medidas de fomento prioritárias para estas áreas, designadamente fornecimento de energia, estabelecimento de vias e outras comunicações em condições vantajosas para explorações que se associem.

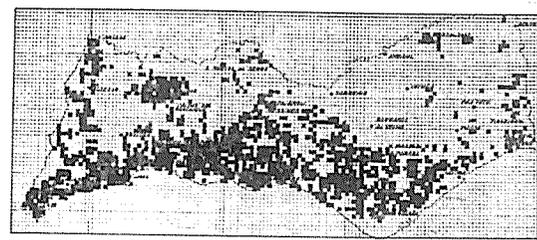
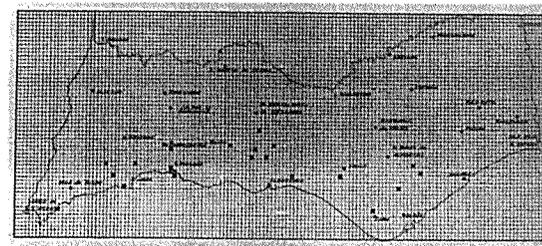
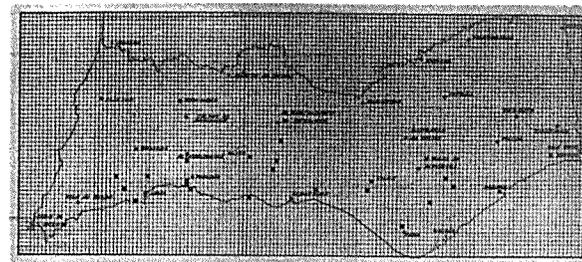
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

Os solos de qualidade intermédia, nos quais dominam os de sequeiro, existem na Província em pequena representação quando considerados em manchas de Km². De facto apenas no sector Sagres-Portimão ultrapassa 1%.

Esta distribuição segue uma ordem inversa de presença em relação aos solos de melhor qualidade, nos sectores litorais Sul.

A quase inexistência de solos nesta condição nos sectores a Norte, conjugada, como se viu, com os solos de boa qualidade, evidencia a pobreza agrícola desta área da Província. A proporção relativa entre os solos estes de primeira qualidade e estes de qualidade intermédia, permite antever uma especialização cultural que é portanto menos marcada no sector Armação de Pera-Loulé. O seu pequeno grau de presença torna irrelevante como dados generalizáveis os números de ocupação desses solos pelas construções.

É no entanto de assinalar que o número de casas por ha nestes solos é proporcional às áreas presentes em cada sector litoral Sul e, consequentemente,



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

esta densidade de ocupação segue ordem inversa à dos solos de boa qualidade isto é, cresce de Oriente para Ocidente. É no sector central que os dois graus de presença mais se assemelham.

Se se considerar a existência dos solos de qualidade intermédia quer na situação estreme quer na indiscriminadamente associada, verifica-se que ao escalão de ocupação de 17 a 64 construções por Km² corresponde, em todos os sectores, o maior número de construções existentes, sendo também este, em superfície, o escalão mais frequente nos sectores Armação de Pera-Loulé e Faro-Vila Real. Nos demais sectores, o escalão de ocupação que afecta maior superfície é o de 5 a 16 casas por Km².

Em relação a solos nestas condições é o sector Faro-Vila Real que apresenta a maior saturação: 0,32 construções por ha.

É notável a economia de uso de terrenos para construção no sector Sagres - -Portimão - 68,9% - o que reflecte uma agricultura mais extensiva.

A discrepância mais visível de distinção entre os solos de qualidade intermédia com os associados e os solos de boa qualidade, diz respeito à presença, dos primeiros, numa larga mancha junto a Monchique e em manchas dispersas ao longo das baixas dos afluentes do Guadiana.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

CLASSE C	OCUPAÇÃO DOS SOLOS EM SITUAÇÃO ESTREME E QUANDO INDISCRIMINADAMENTE ASSOCIADOS A OUTROS SOLOS											
	ÁREA Nº % DESTES Nº DE SOLO Nº DE SOLOS NA CONSTRU-OCUPADO				ÁREA Nº % DESTES Nº DE SOLO Nº DE SOLOS NA CONSTRU-OCUPADO				ÁREA Nº % DESTES Nº DE SOLO Nº DE SOLOS NA CONSTRU-OCUPADO			
	Km ²	ÁREA DO CÃO POR SECTOR H2	%		Km ²	ÁREA DO CÃO POR SECTOR H2	%		Km ²	ÁREA DO CÃO POR SECTOR H2	%	
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE QUALIDADE MÉDIA EM SITUAÇÃO ESTREME	ALJEZUR - MONCHIQUE S. MARCOS DA SERRA - SALIR AMEIXIAL - ALCOUTIM											
	0	0	0	0	1	0,1	0,4	0	0	0	0	0
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE QUALIDADE MÉDIA ASSOCIADOS A OUTROS	172	28,1	0,19	6,4	87	11,7	0,15	13,9	69	5,8	0,20	31,9
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE QUALIDADE MÉDIA EM SITUAÇÃO ESTREME	SAGRES - PORTIMÃO A. DE PERA - LOULÉ FARO - V.R. S. ANTONIO											
	8	1,2	0,36	11,1	7	0,7	0,28	0	4	0,4	0,25	0
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE QUALIDADE MÉDIA ASSOCIADOS A OUTROS	310	46,9	0,19	68,7	358	61,1	0,25	122	242	27,1	0,32	20,1

CLASSES D-E	OCUPAÇÃO DOS SOLOS EM SITUAÇÃO ESTREME E QUANDO INDISCRIMINADAMENTE ASSOCIADOS A OUTROS SOLOS											
	ÁREA Nº % DESTES Nº DE SOLO Nº DE SOLOS NA CONSTRU-OCUPADO				ÁREA Nº % DESTES Nº DE SOLO Nº DE SOLOS NA CONSTRU-OCUPADO				ÁREA Nº % DESTES Nº DE SOLO Nº DE SOLOS NA CONSTRU-OCUPADO			
	Km ²	ÁREA DO CÃO POR SECTOR H2	%		Km ²	ÁREA DO CÃO POR SECTOR H2	%		Km ²	ÁREA DO CÃO POR SECTOR H2	%	
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE QUALIDADE INFERIOR EM SITUAÇÃO ESTREME	ALJEZUR - MONCHIQUE S. MARCOS DA SERRA - SALIR AMEIXIAL - ALCOUTIM											
	379	62,1	0,05	27,7	574	77,4	0,04	44,1	1118	94,7	0,03	75,8
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE QUALIDADE INFERIOR ASSOCIADOS A OUTROS	623	—	0,08	21,7	757	—	0,06	38,2	1195	—	0,03	63,7
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE QUALIDADE INFERIOR EM SITUAÇÃO ESTREME	SAGRES - PORTIMÃO A. DE PERA - LOULÉ FARO - V.R. S. ANTONIO											
	241	36,5	0,09	48,3	161	18,2	0,05	54,3	434	52,2	0,05	44,3
OCUPAÇÃO DE SOLOS DE QUALIDADE INFERIOR EM SITUAÇÃO ESTREME	625	—	0,13	27,5	715	—	0,03	21,8	1495	—	0,07	20,1

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

PRESENÇA RELATIVA DOS ESCALÕES DE OCUPAÇÃO NOS 6 SECTORES

ESCALÕES DE INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO	OCUPAÇÃO DE SOLOS DE QUALIDADE INTERMÉDIA QUANDO EM SITUAÇÃO EXTREME					
	ÁREAS		ÁREAS		ÁREAS	
Nº CONST. K m ²	Nº	MÉDIO CONST.	Nº	MÉDIO CONST.	Nº	MÉDIO CONST.
	ALJEZUR - MONCHIQUE		S. MARCOS DA SERRA - SALIR		AMEIXIAL - ALCOUTIM	
+ 256	0	—	0	—	0	—
65 a 256	1	—	0	—	1	—
17 a 64	1	—	0	—	1	—
5 a 16	1	—	1	10	1	—
1 a 4	1	—	0	—	1	—
0	1	—	0	—	1	—
TOTAL	4	—	1	—	4	—
	SAGRES - PORTIMÃO		A. DE PERA - LOULÉ		FARO - V.R. S. ANTONIO	
+ 256	0	—	0	—	0	—
65 a 256	1	160	0	—	0	—
17 a 64	3	120	5	200	2	80
5 a 16	1	40	2	20	2	20
1 a 4	0	—	1	25	0	—
0	1	—	0	—	0	—
TOTAL	5	320	8	245	4	100

ESCALÕES DE INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO	OCUPAÇÃO DE SOLOS DE QUALIDADE INTERMÉDIA QUANDO INDISCRIMINADAMENTE ASSOCIADOS A OUTROS					
	ÁREAS		ÁREAS		ÁREAS	
Nº CONST. K m ²	Nº	MÉDIO CONST.	Nº	MÉDIO CONST.	Nº	MÉDIO CONST.
	ALJEZUR - MONCHIQUE		S. MARCOS DA SERRA - SALIR		AMEIXIAL - ALCOUTIM	
+ 256	0	—	0	—	0	—
65 a 256	3	480	0	—	0	—
17 a 64	50	2000	22	880	7	1120
5 a 16	81	810	42	420	21	210
1 a 4	27	675	11	275	19	475
0	11	—	12	—	22	—
TOTAL	172	3975	87	1375	69	1815
	SAGRES - PORTIMÃO		A. DE PERA - LOULÉ		FARO - V.R. S. ANTONIO	
+ 256	2	512	0	—	0	—
65 a 256	7	1120	13	2080	8	1280
17 a 64	73	2920	240	4600	144	5760
5 a 16	113	1180	190	1900	69	690
1 a 4	65	—	51	1275	9	225
0	45	—	44	—	12	—
TOTAL	310	5632	538	6875	242	7295

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

PRESENÇA RELATIVA DOS ESCALÕES DE OCUPAÇÃO NOS 6 SECTORES

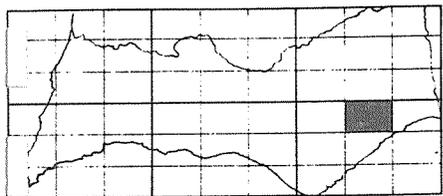
ESCALÕES DE INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO	OCUPAÇÃO DE SOLOS DE QUALIDADE INFERIOR QUANDO EM SITUAÇÃO ESTREME					
	ÁREAS		ÁREAS		ÁREAS	
Nº CONST. K m ²	Nº MÉDIO CONST.	Nº MÉDIO CONST.	Nº MÉDIO CONST.	Nº MÉDIO CONST.	Nº MÉDIO CONST.	Nº MÉDIO CONST.
	ALJEZUR - MONCHIQUE		S. MARCOS DA SERRA - SALIR		AMEIXIAL - ALCOUTIM	
+ 256	0	—	0	—	0	—
65 a 256	0	—	0	—	0	—
17 " 64	12	480	12	480	27	1080
5 " 16	96	960	132	1320	148	1480
1 " 4	158	395	180	450	190	475
0	98	—	256	—	741	—
TOTAL	364	—	580	—	1046	—
	SAGRES - PORTIMÃO		A. DE PERA - LOULÉ		FARO - V.R. S.º ANTONIO	
+ 256	3	768	0	—	1	256
65 a 256	4	640	0	—	7	1120
17 " 64	6	240	12	480	19	760
5 " 16	24	240	26	260	126	1260
1 " 4	88	220	36	90	85	2125
0	113	—	88	—	189	—
TOTAL	238	—	162	—	427	—

ESCALÕES DE INTENSIDADE DE OCUPAÇÃO	OCUPAÇÃO DE SOLOS DE QUALIDADE INFERIOR QUANDO INDISCRIMINADAMENTE ASSOCIADOS A OUTROS					
	ÁREAS		ÁREAS		ÁREAS	
Nº CONST. K m ²	Nº MÉDIO CONST.	Nº MÉDIO CONST.	Nº MÉDIO CONST.	Nº MÉDIO CONST.	Nº MÉDIO CONST.	Nº MÉDIO CONST.
	ALJEZUR - MONCHIQUE		S. MARCOS DA SERRA - SALIR		AMEIXIAL - ALCOUTIM	
+ 256	0	—	0	—	0	—
65 a 256	0	—	0	—	0	—
17 " 64	66	2640	49	1960	36	1440
5 " 16	214	2140	211	2110	175	1750
1 " 4	210	525	208	520	220	550
0	135	—	289	—	761	—
TOTAL	635	—	757	—	1192	—
	SAGRES - PORTIMÃO		A. DE PERA - LOULÉ		FARO - V.R. S.º ANTONIO	
+ 256	3	768	0	—	1	256
65 a 256	14	2240	11	1760	17	2720
17 " 64	81	3240	255	10200	156	6240
5 " 16	141	1410	207	2070	203	2030
1 " 4	214	535	103	2575	97	2425
0	172	—	149	—	214	—
TOTAL	625	—	725	—	688	—

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

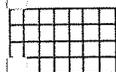
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000



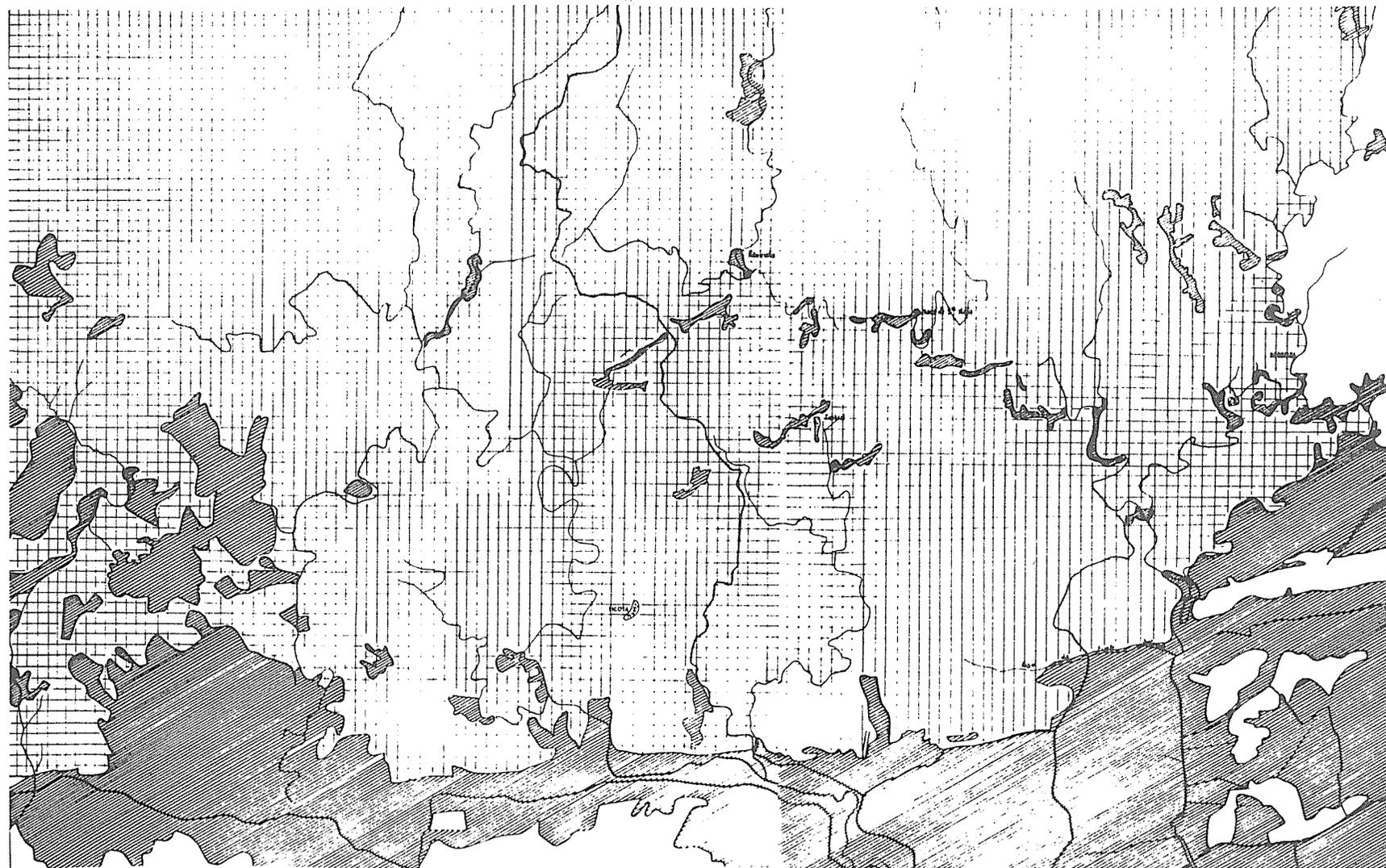
Áreas de vegetação
com interesse



Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação

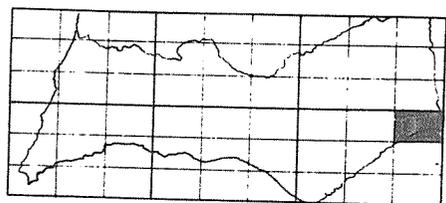


Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos



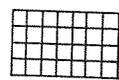
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

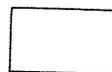
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

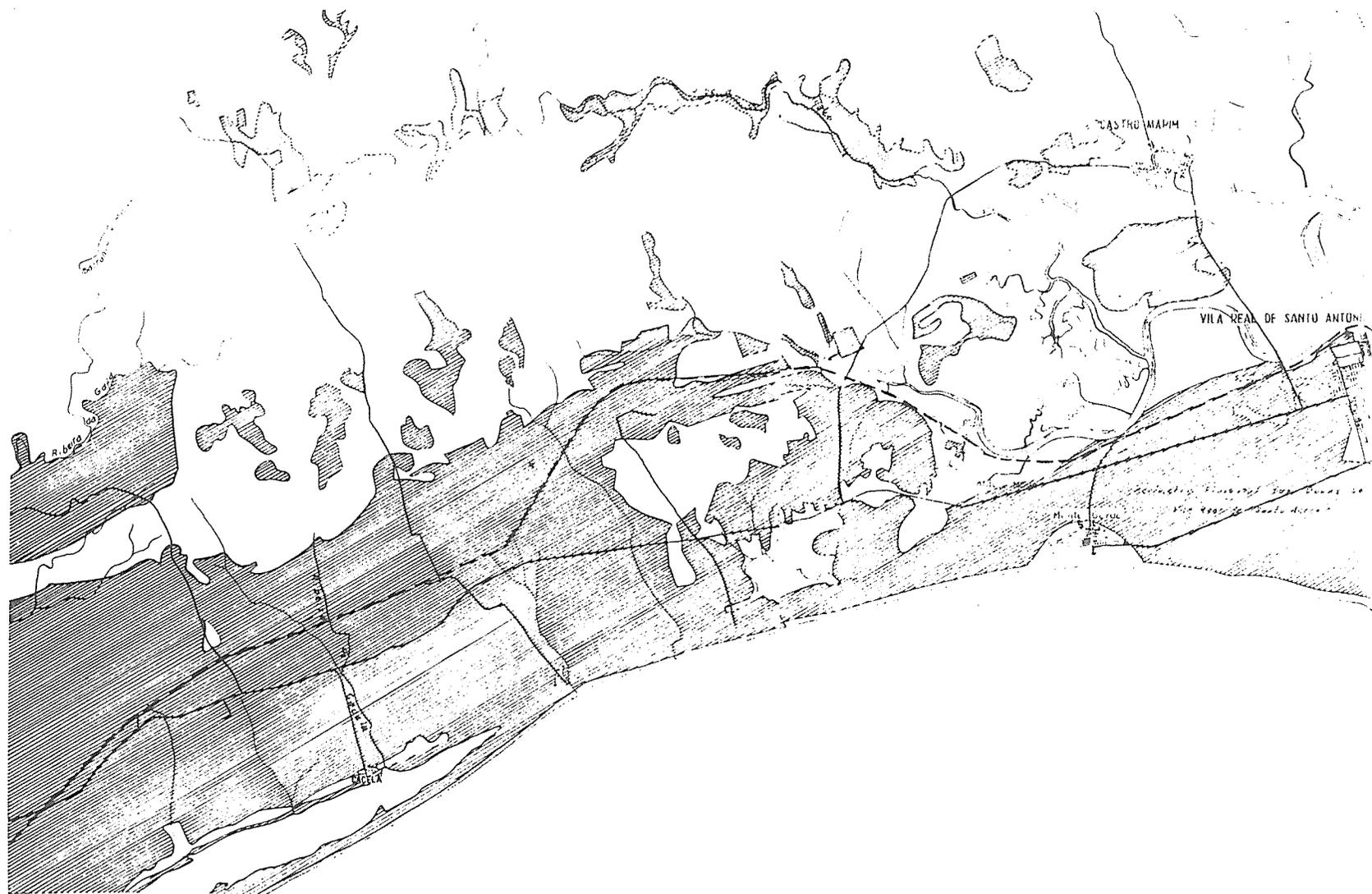


CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000

 *Áreas de vegetação com interesse*

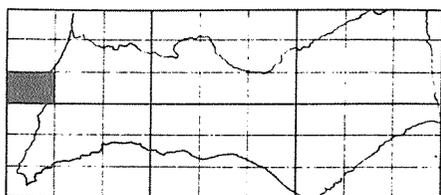
 *Áreas de vegetação desequilibrada ou em degradação*

 *Áreas de vegetação em solos pedregosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

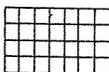
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



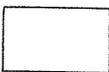
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000



*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

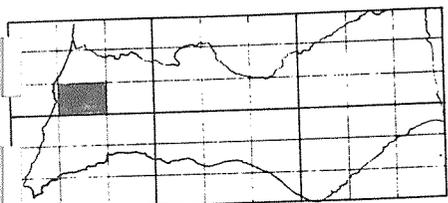


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

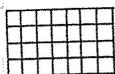
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



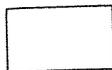
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
Escala 1 : 50000



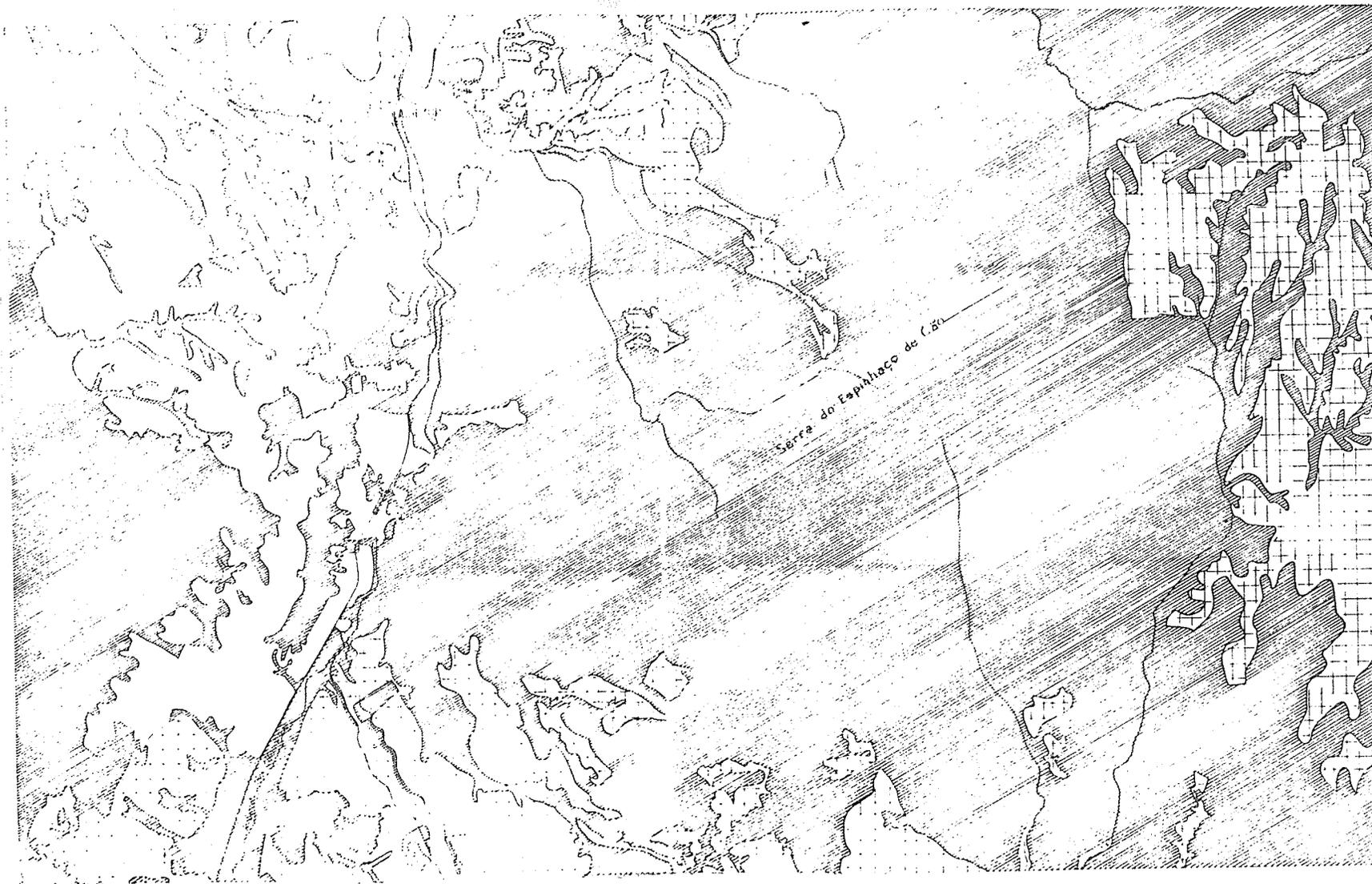
Áreas de vegetação
com interesse



Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação

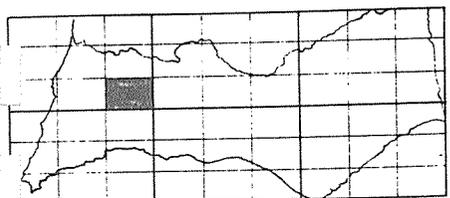


Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

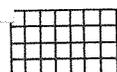
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000



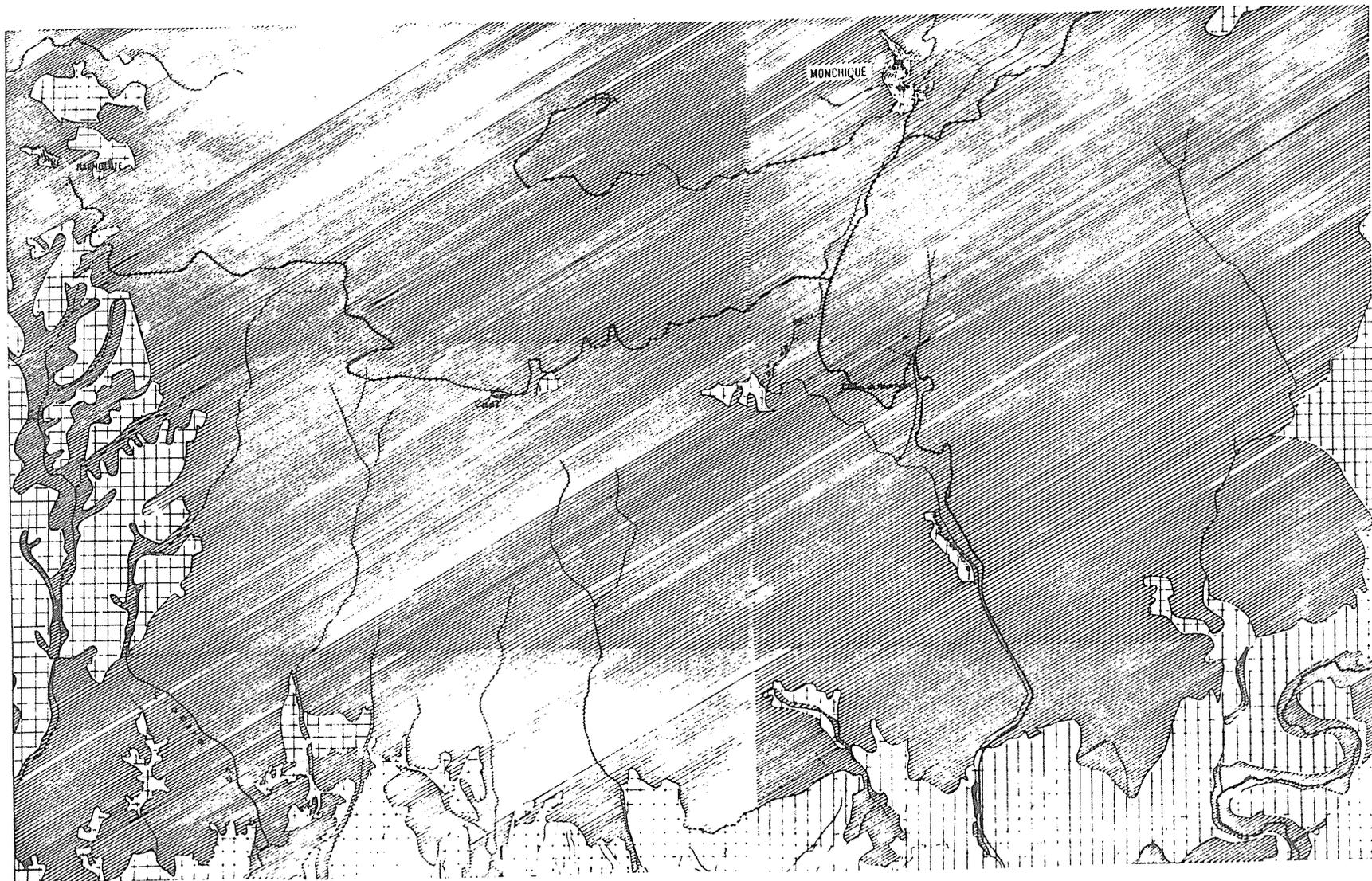
Áreas de vegetação
com interesse



Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação

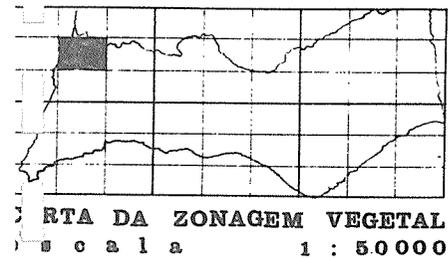


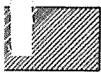
Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos

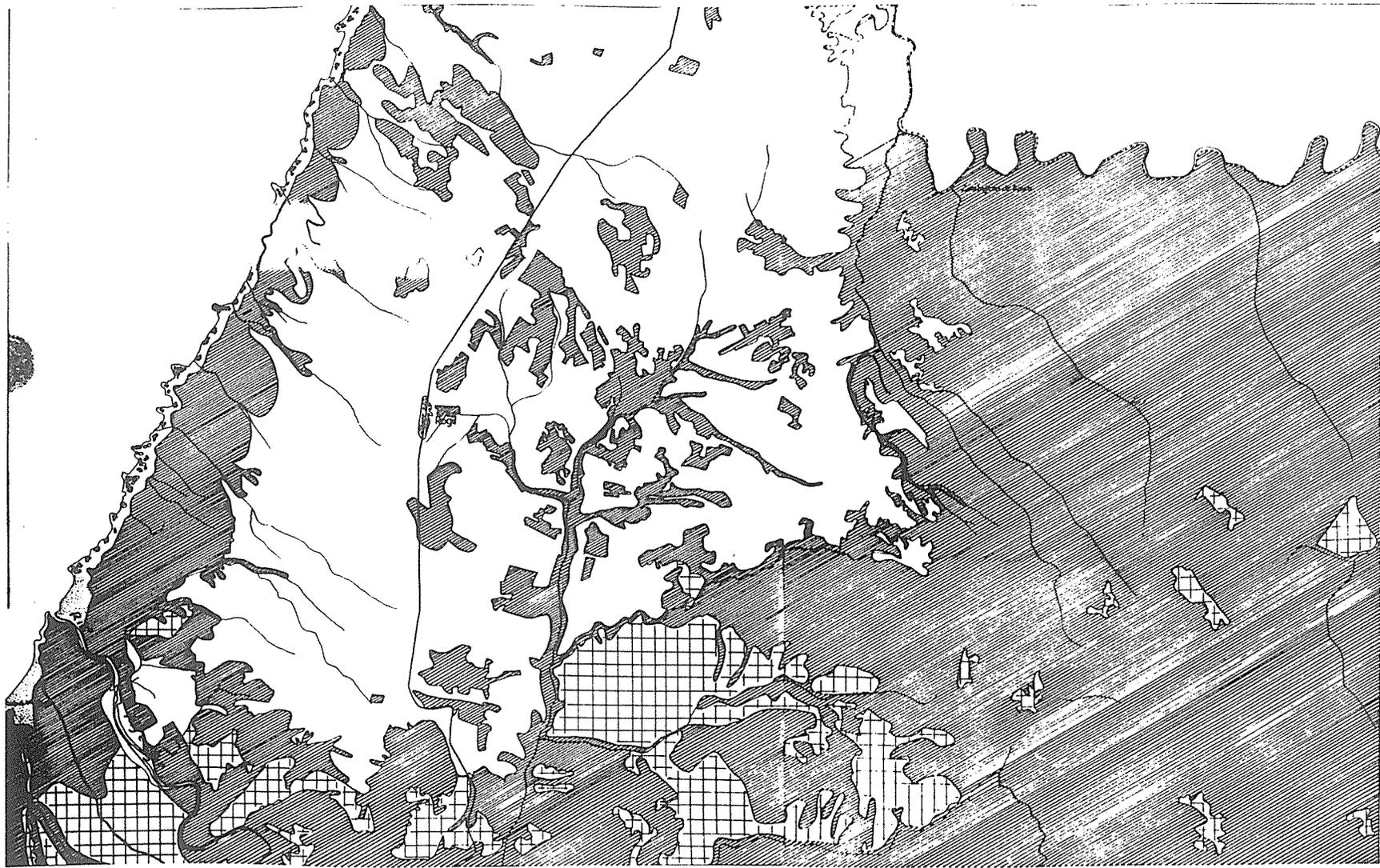


ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

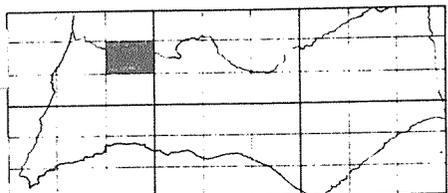


-  *Áreas de vegetação com interesse*
-  *Áreas de vegetação desequilibrada ou em degradação*
-  *Áreas de vegetação em solos pedregosos ou incultos*



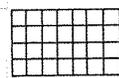
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

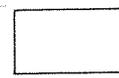
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

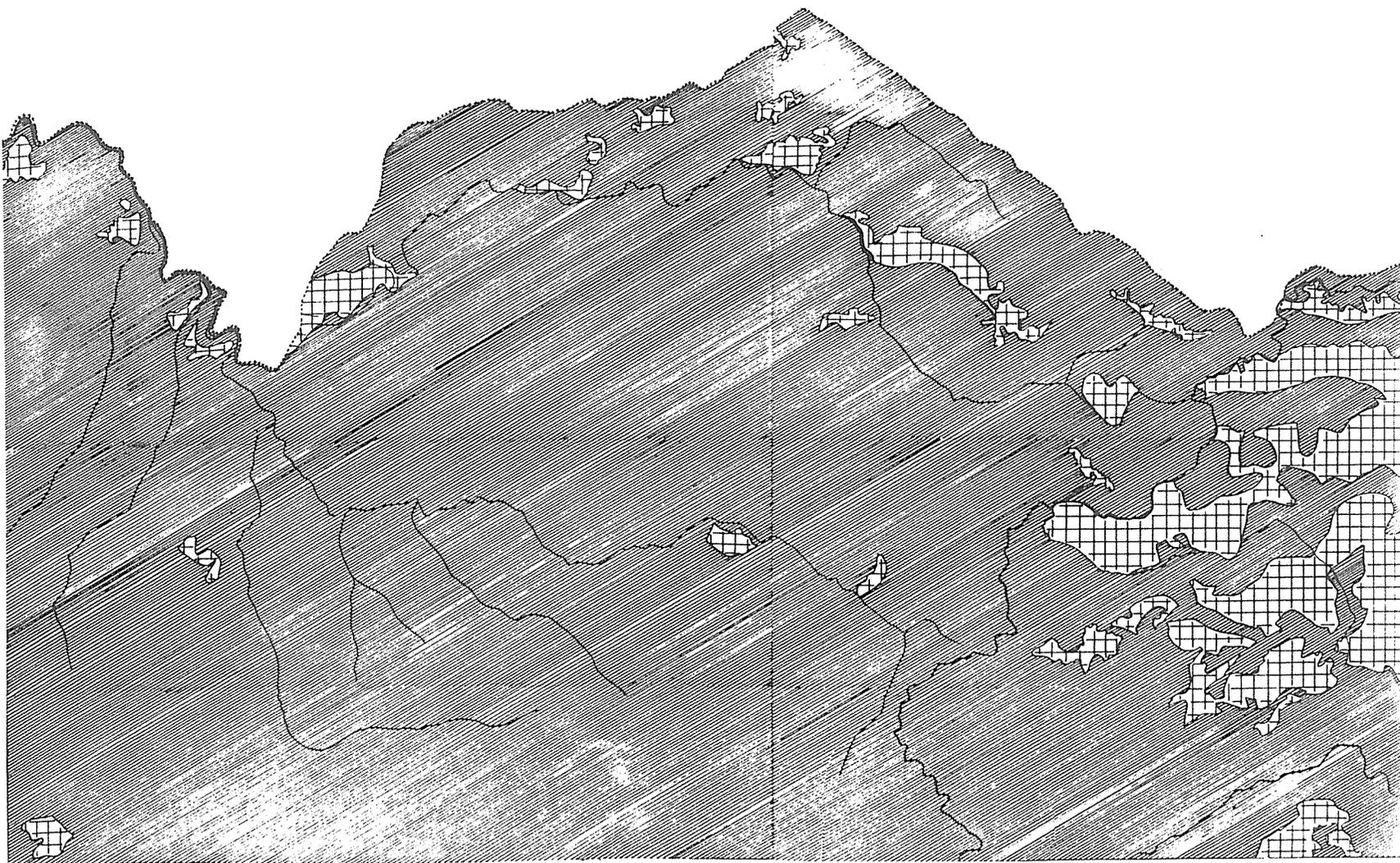


CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000

 *Áreas de vegetação com interesse*

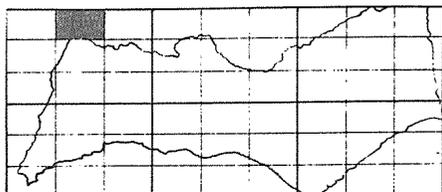
 *Áreas de vegetação desequilibrada ou em degradação*

 *Áreas de vegetação em solos pedregosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

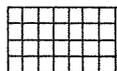
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



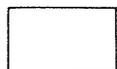
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000



*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

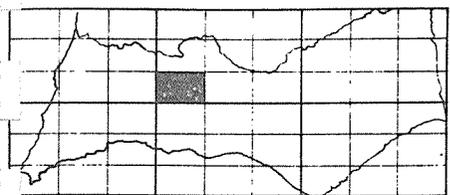


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

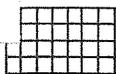
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



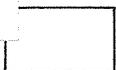
MAPA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000



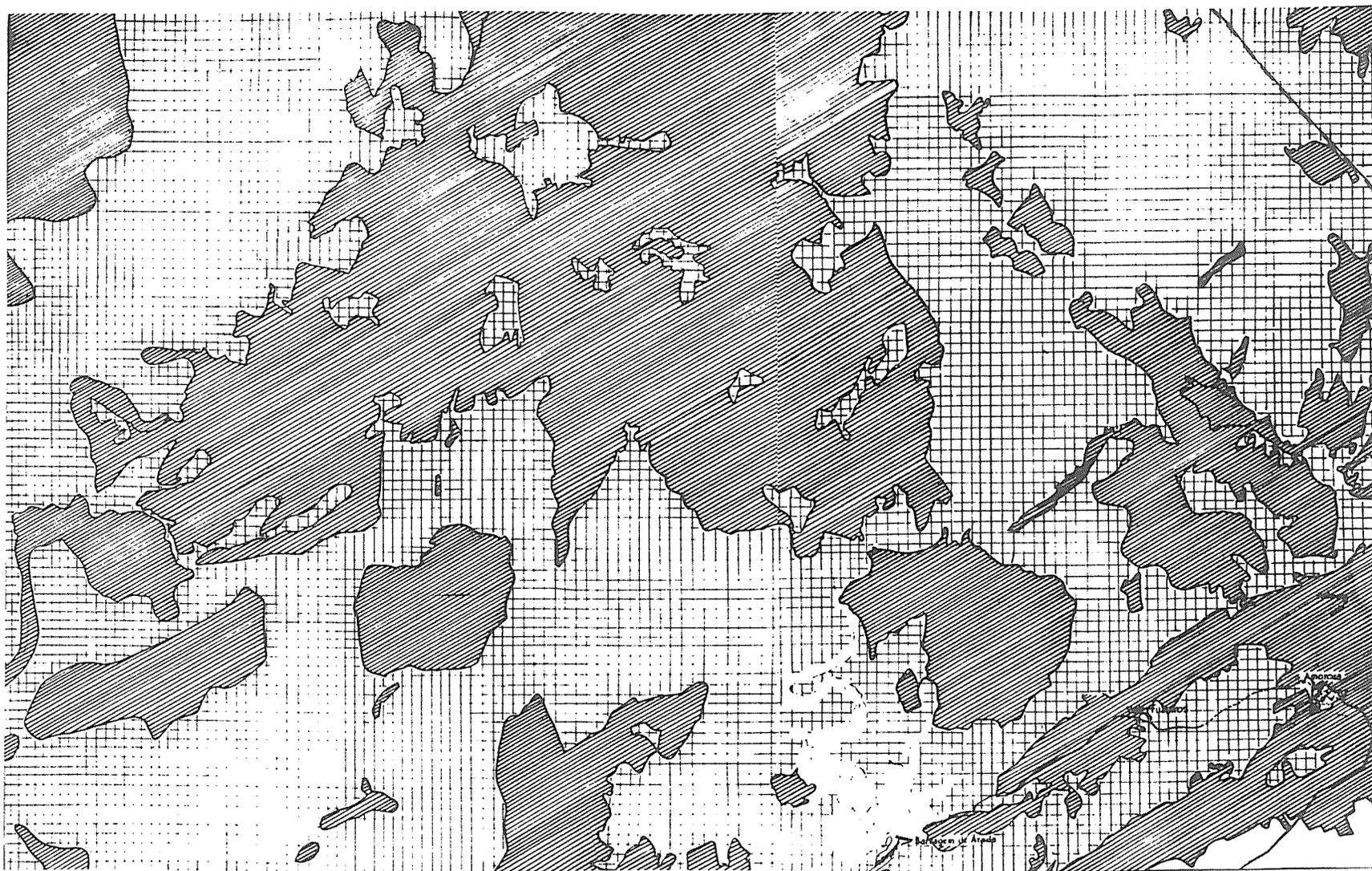
*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

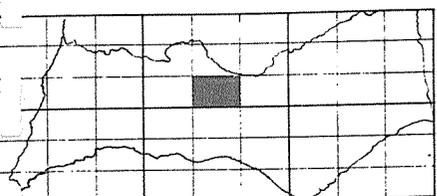
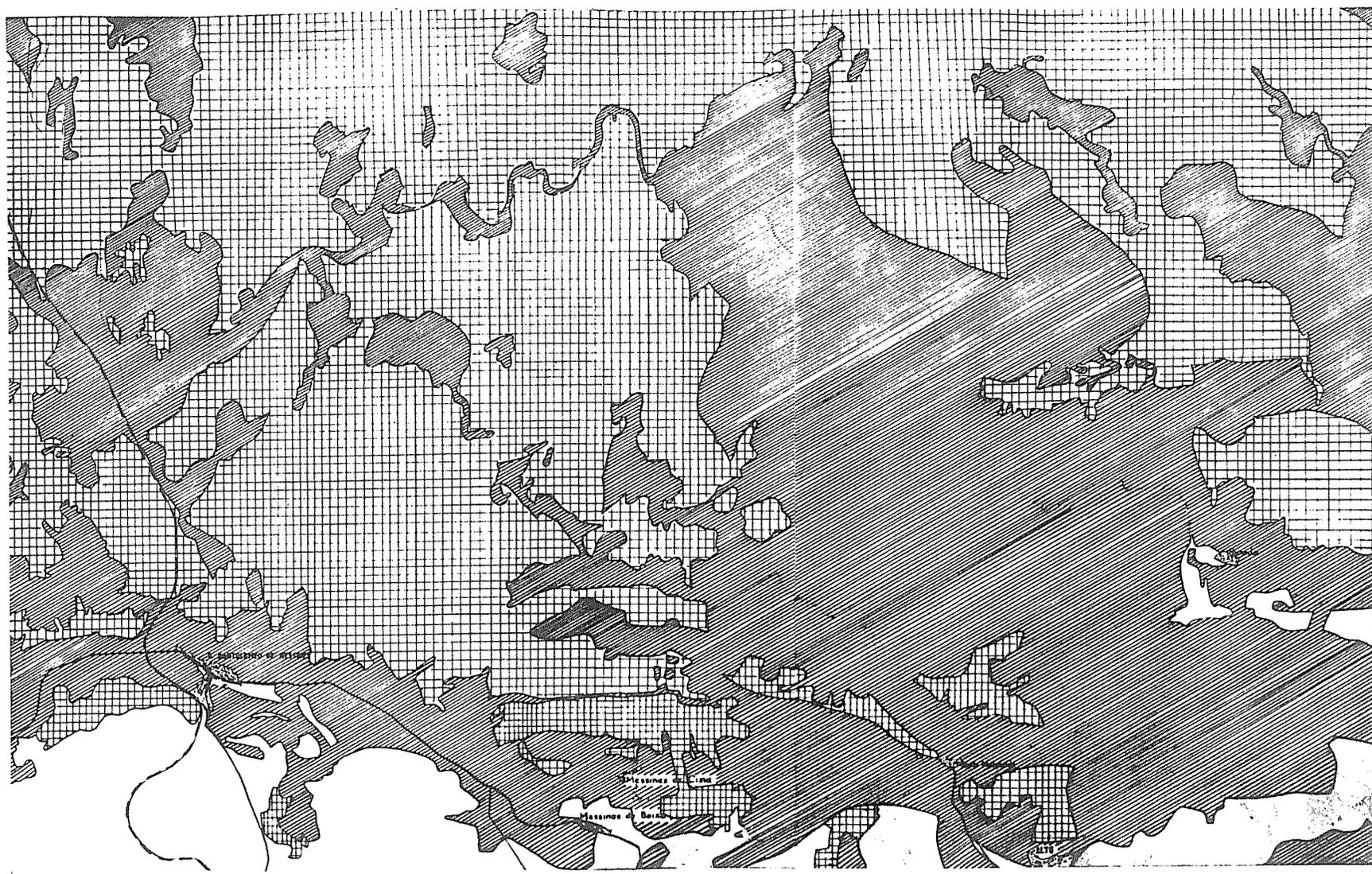


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*



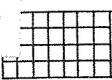
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

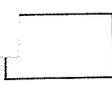
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



MAPA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000

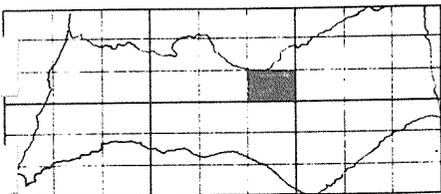
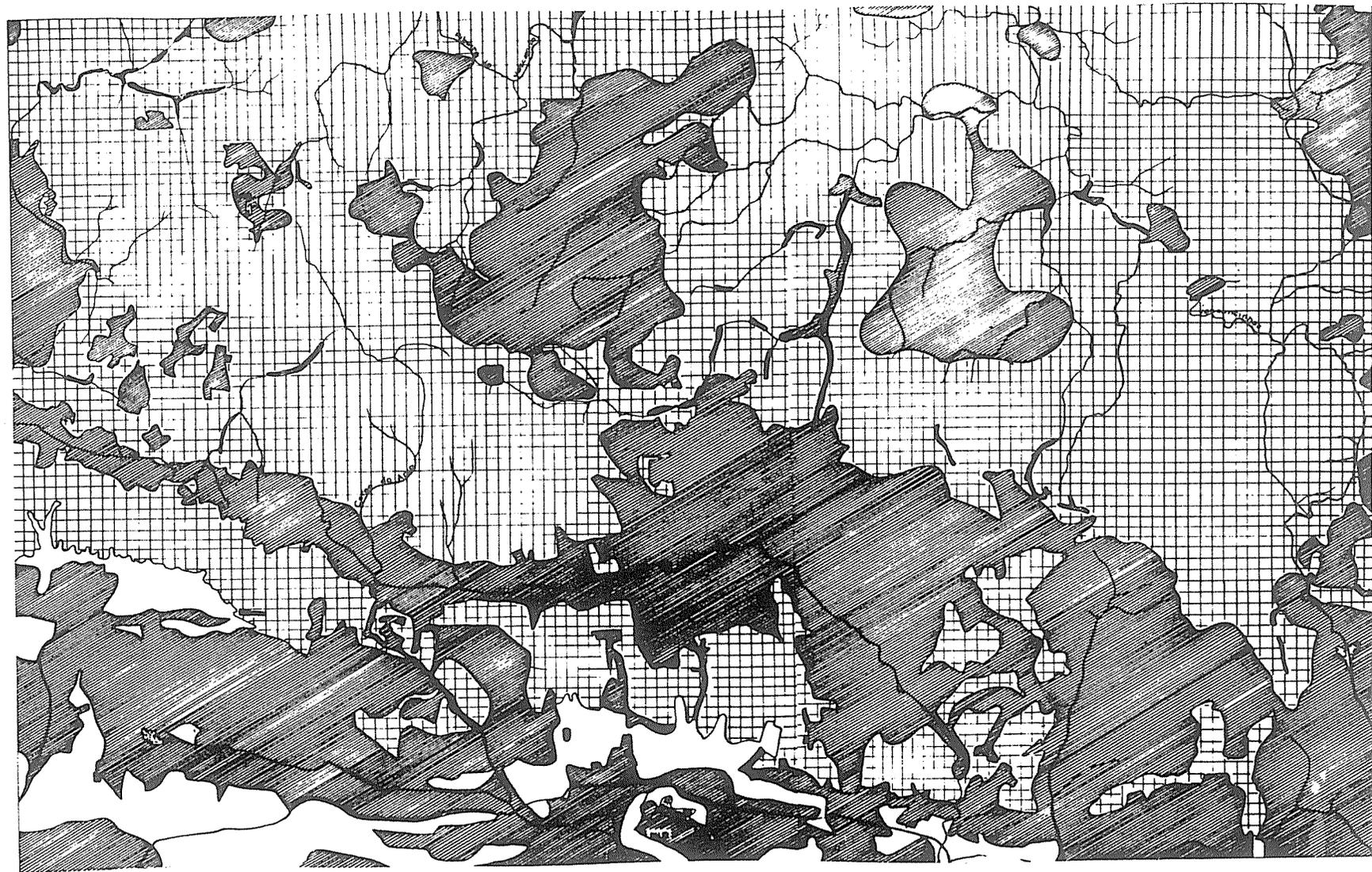
 *Áreas de vegetação com interesse*

 *Áreas de vegetação desequilibrada ou em degradação*

 *Áreas de vegetação em solos pedregosos ou incultos*

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

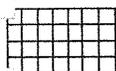
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



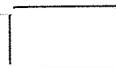
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000



*Áreas de vegetação
com interesse*



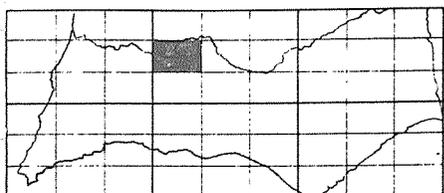
*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*



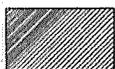
*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

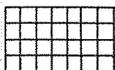
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



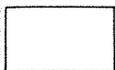
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000



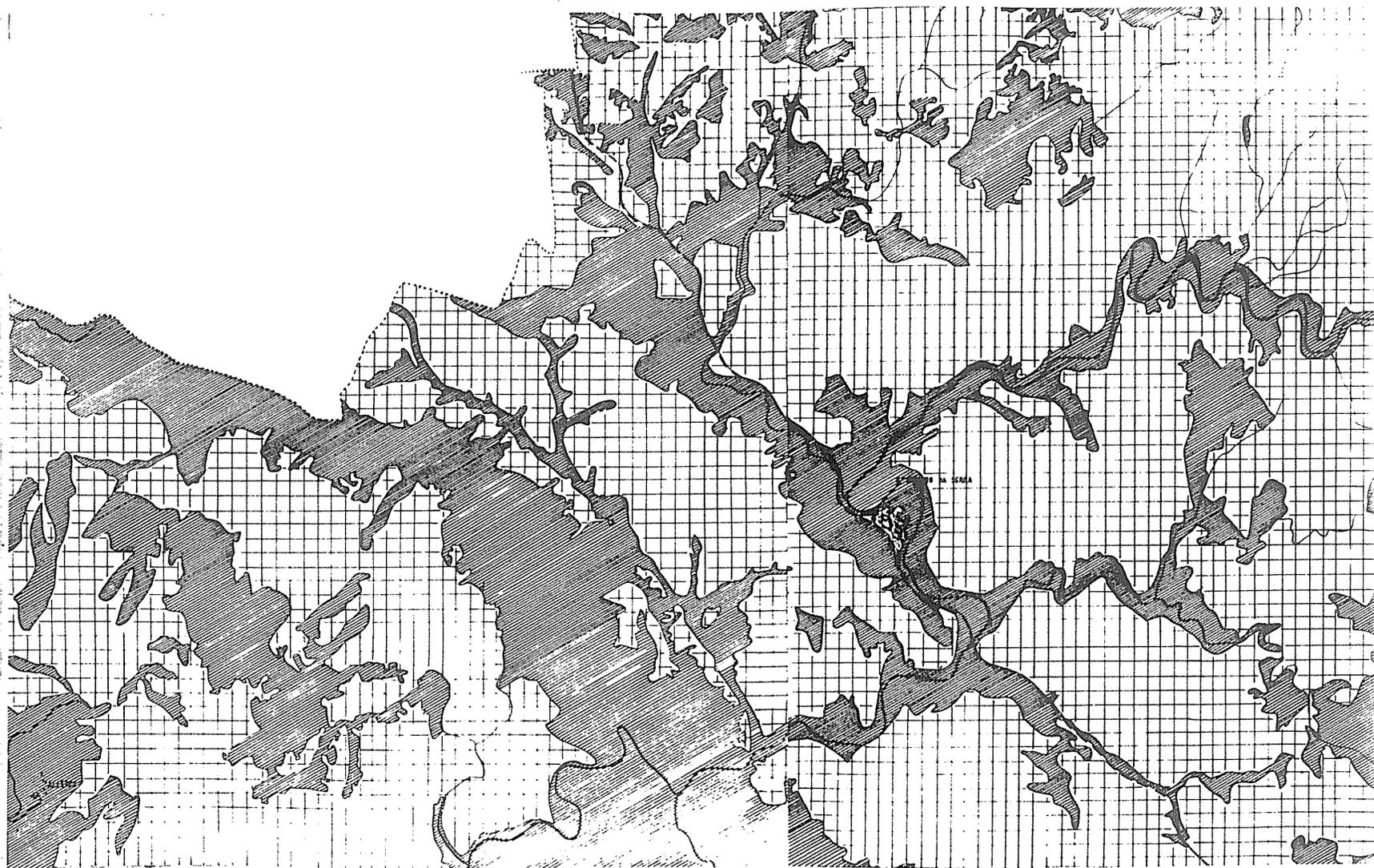
*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

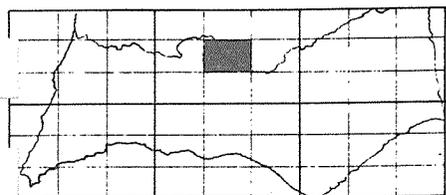


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

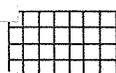
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



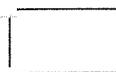
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000



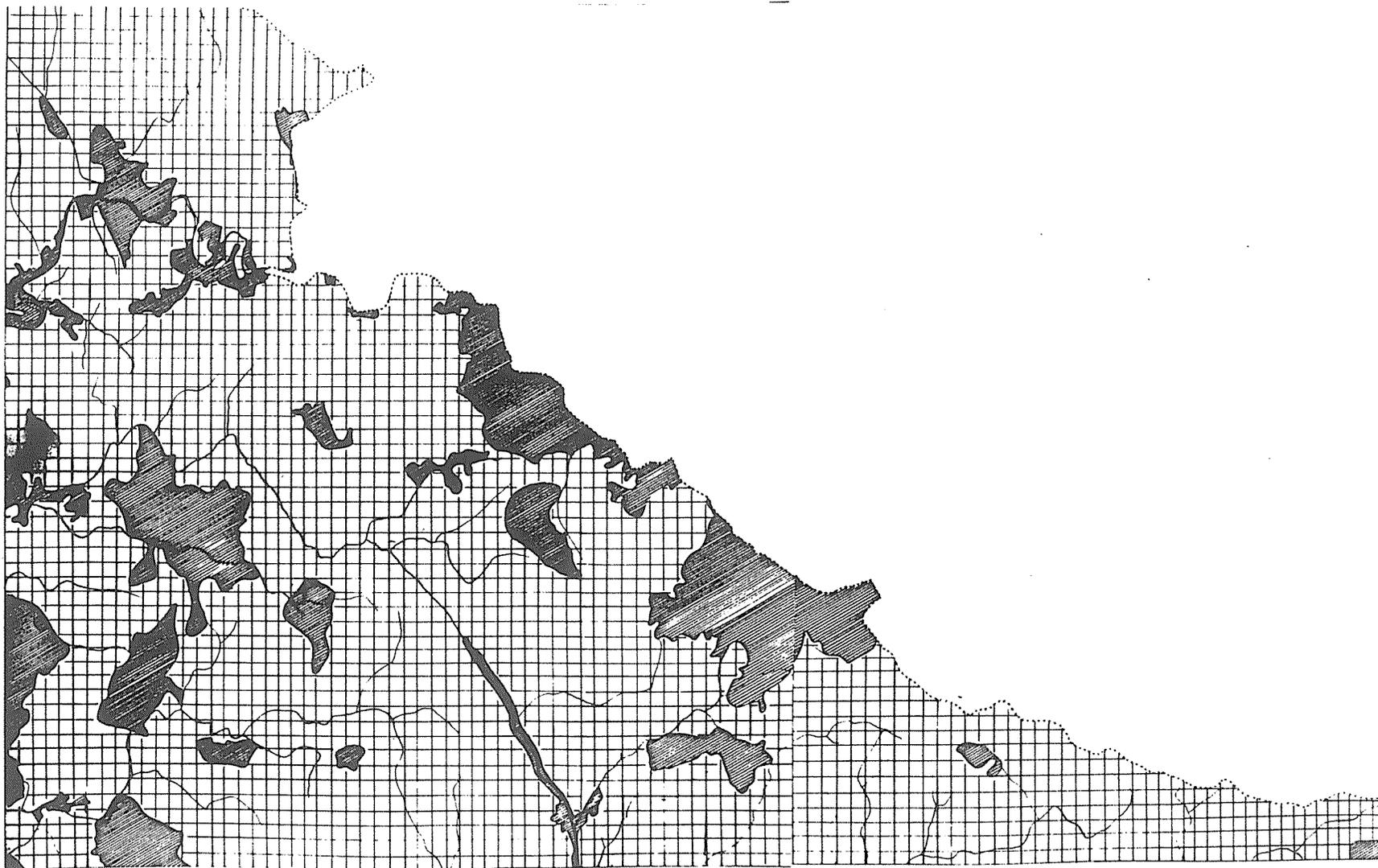
*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

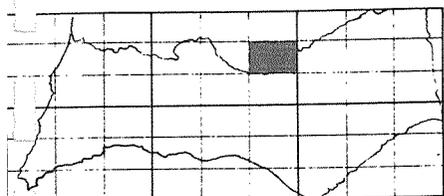


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

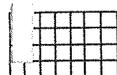
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
Escala 1 : 50000



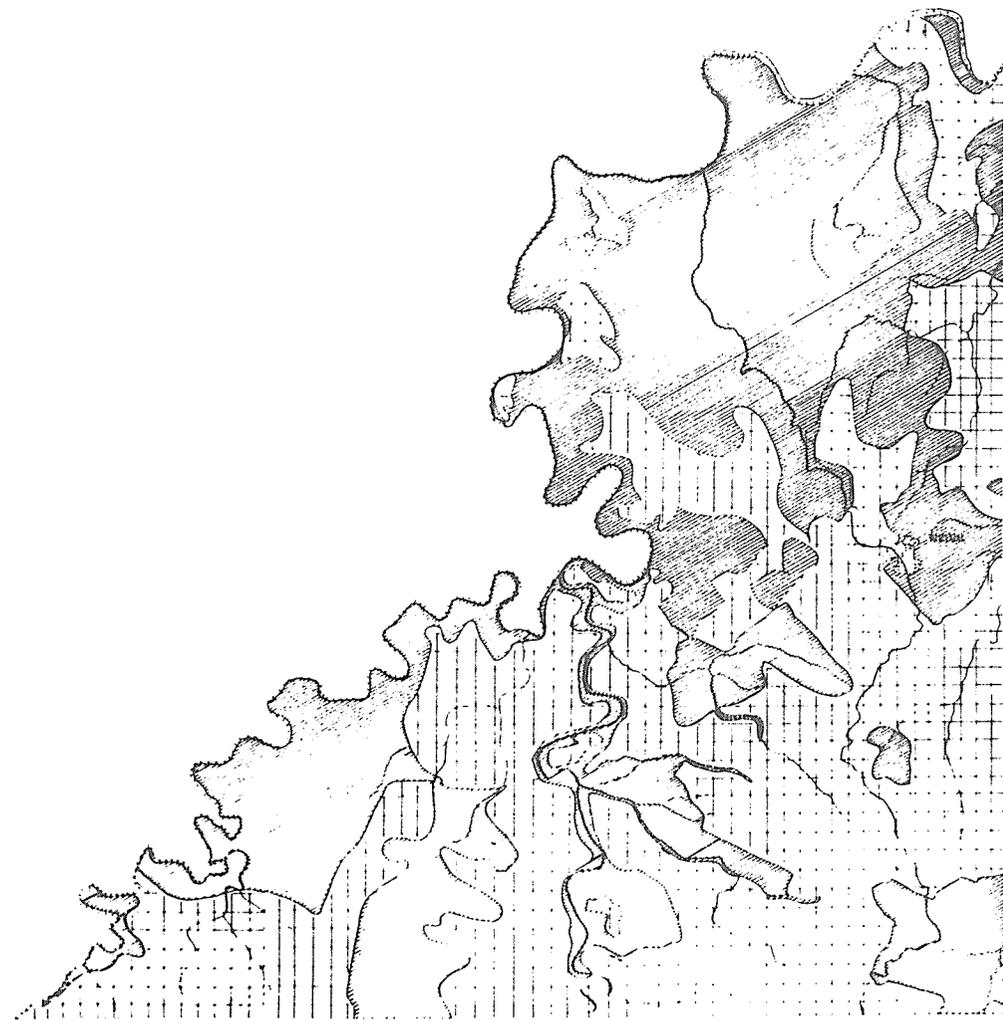
*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

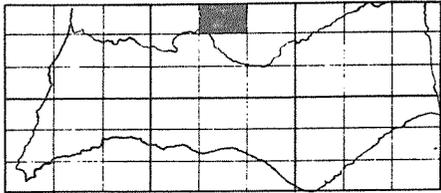


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

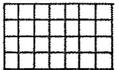
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



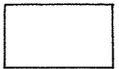
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000



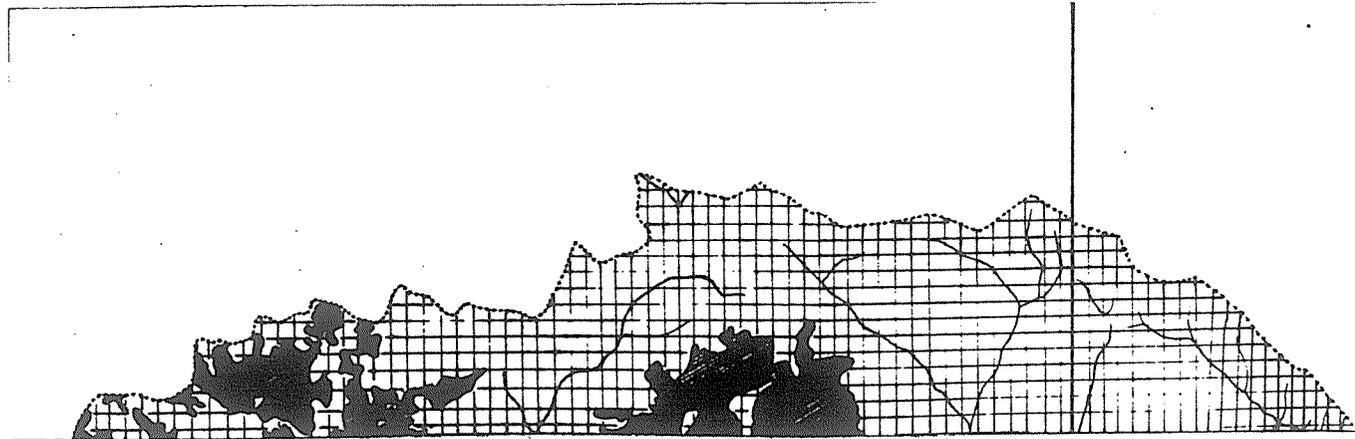
*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

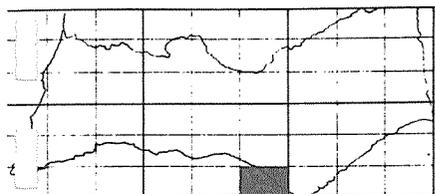
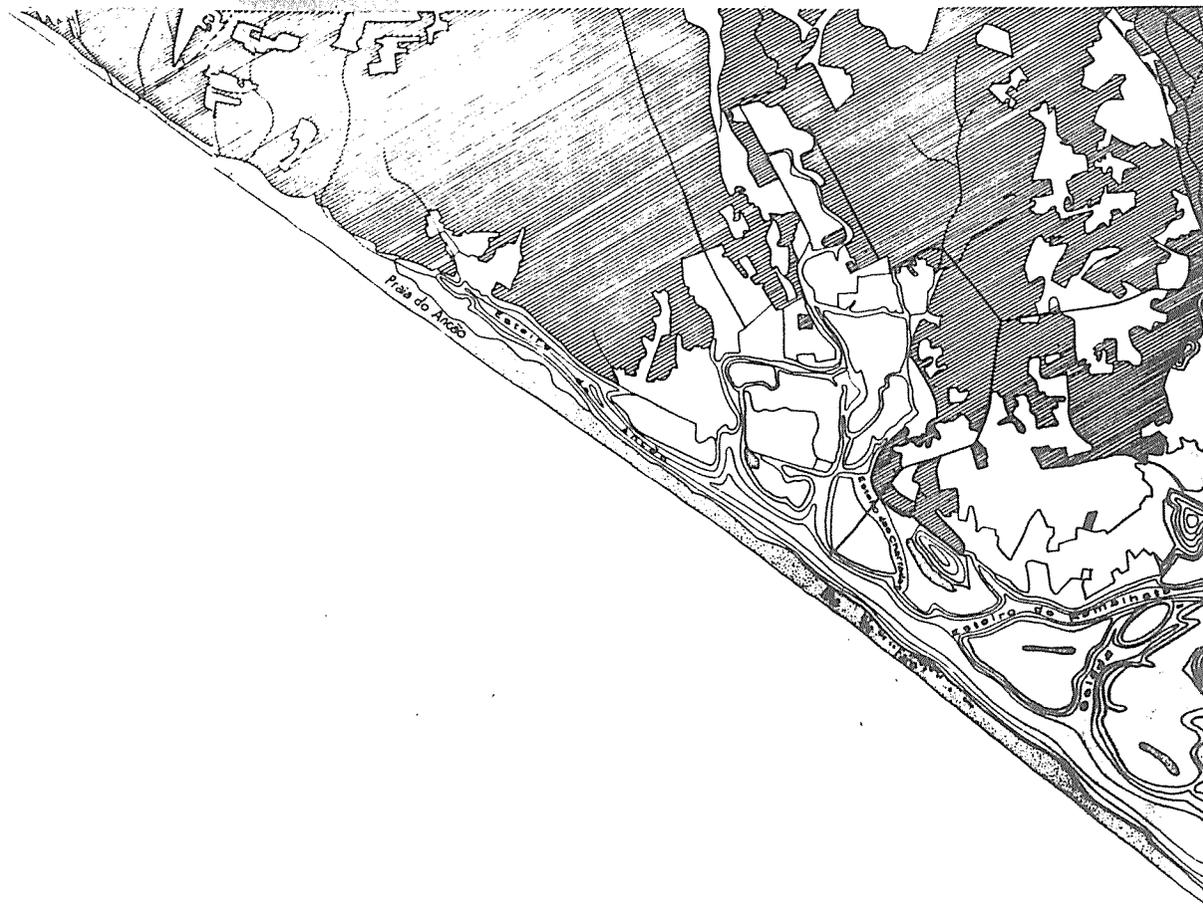


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

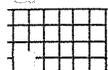
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



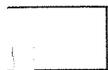
MAPA DA ZONAGEM VEGETAL
Escala 1 : 50000



*Áreas de vegetação
com interesse*



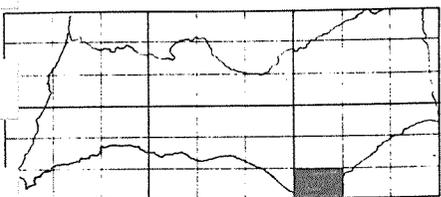
*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*



*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

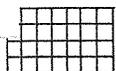
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



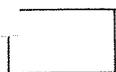
MAPA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000



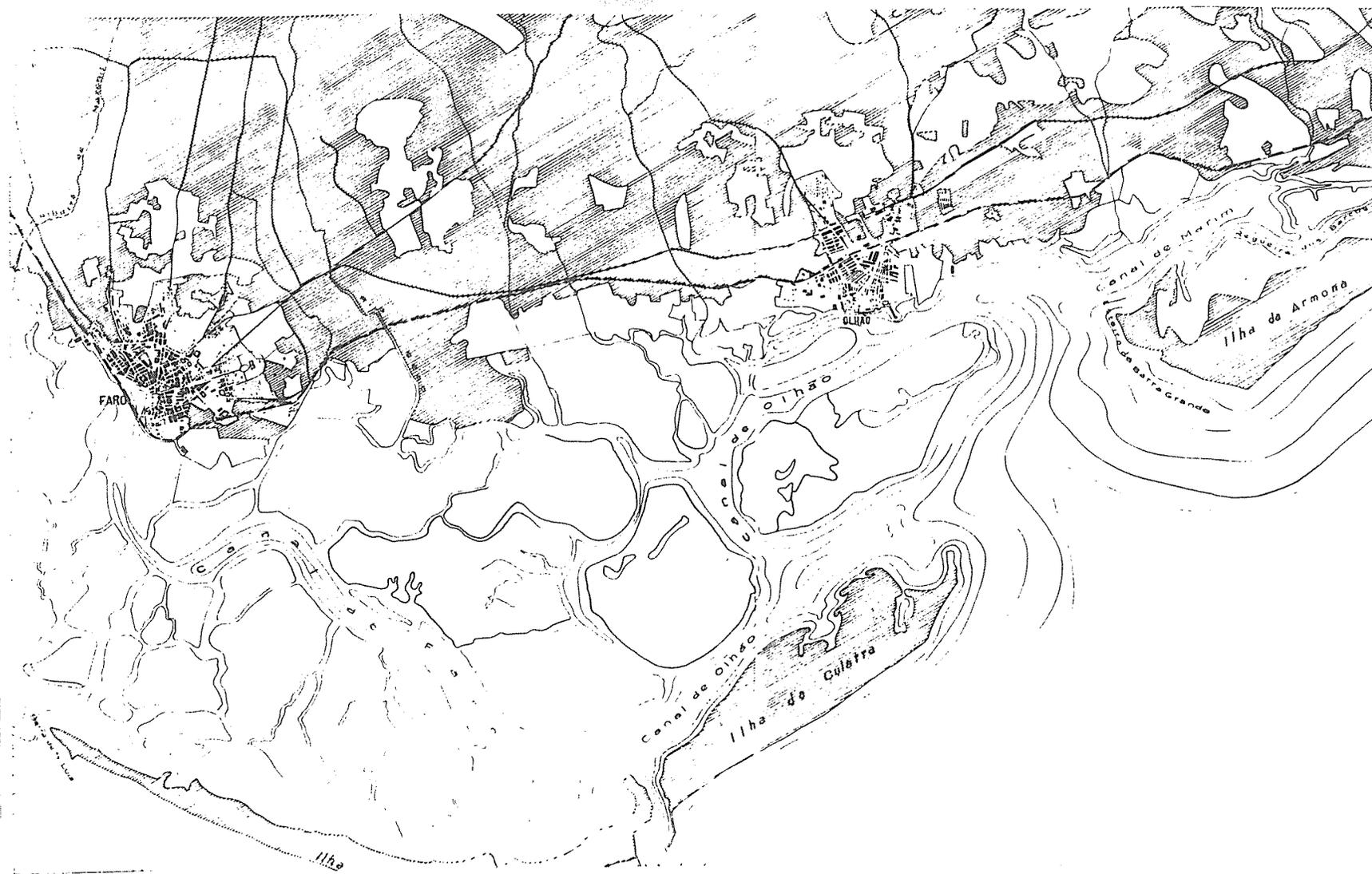
*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

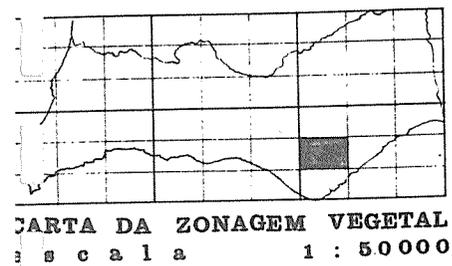


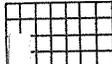
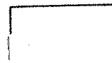
*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*

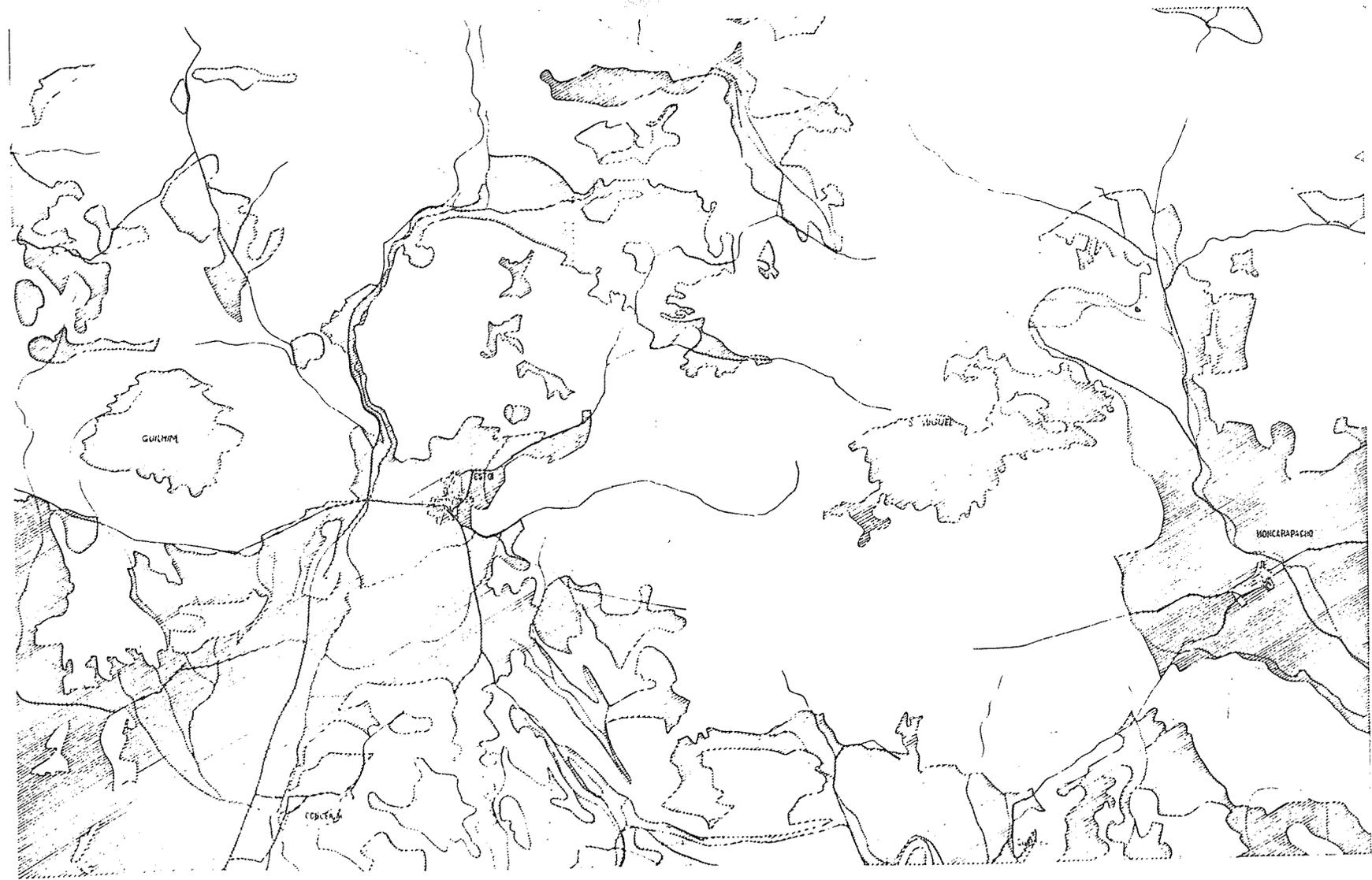


ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

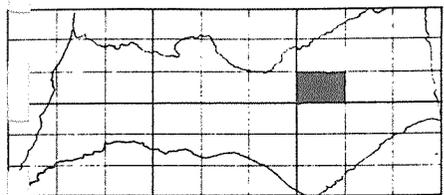


-  *Áreas de vegetação com interesse*
-  *Áreas de vegetação desequilibrada ou em degradação*
-  *Áreas de vegetação em solos pedregosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

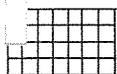
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



MAPA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000



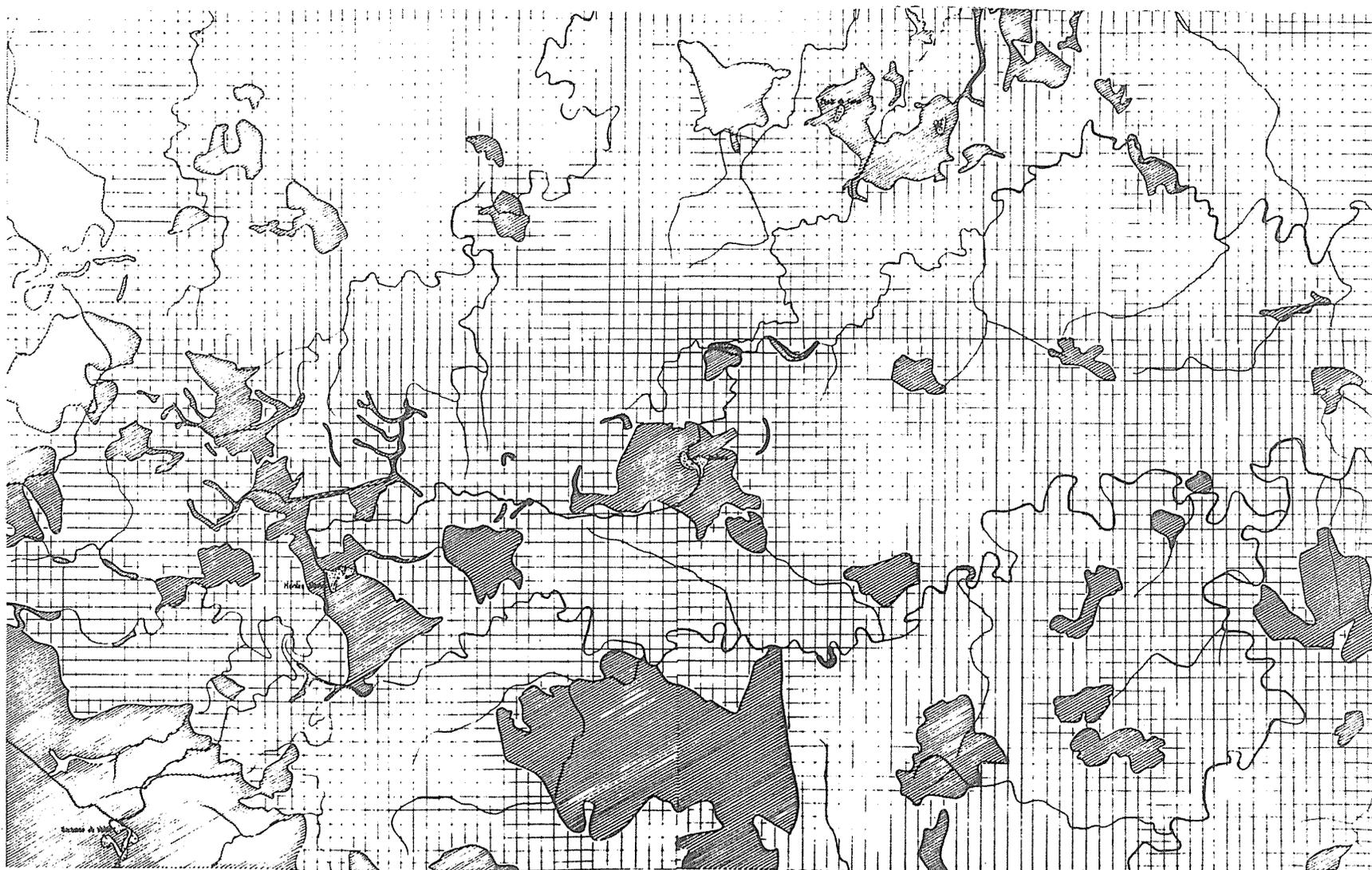
*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

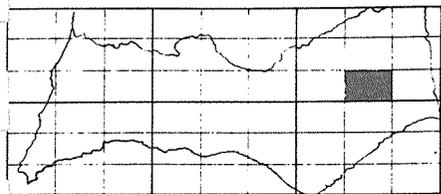


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

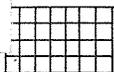
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



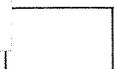
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000



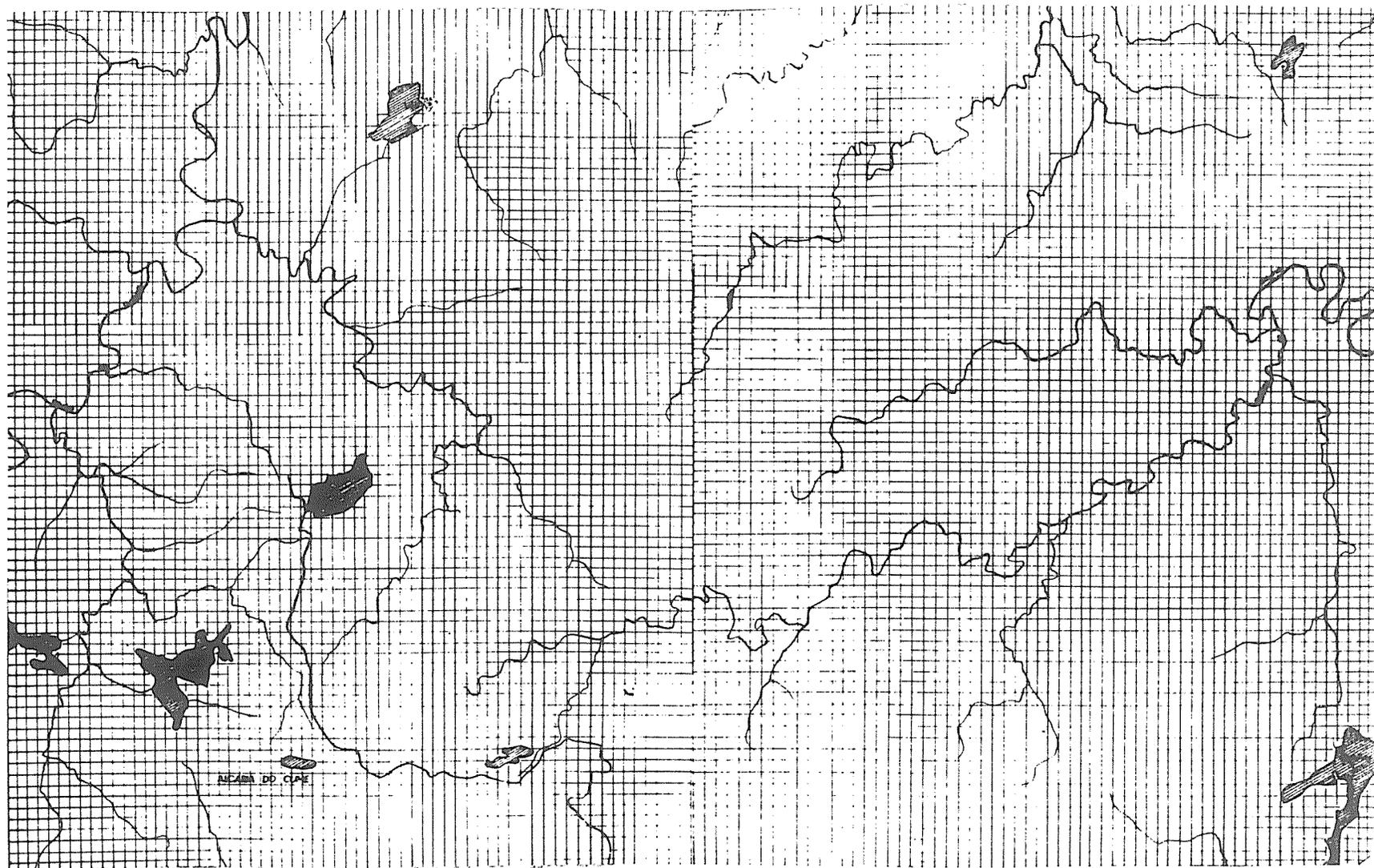
Áreas de vegetação
com interesse



Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação

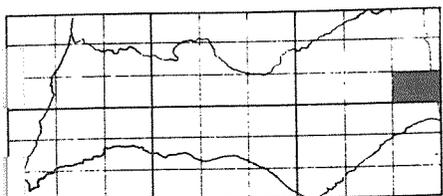
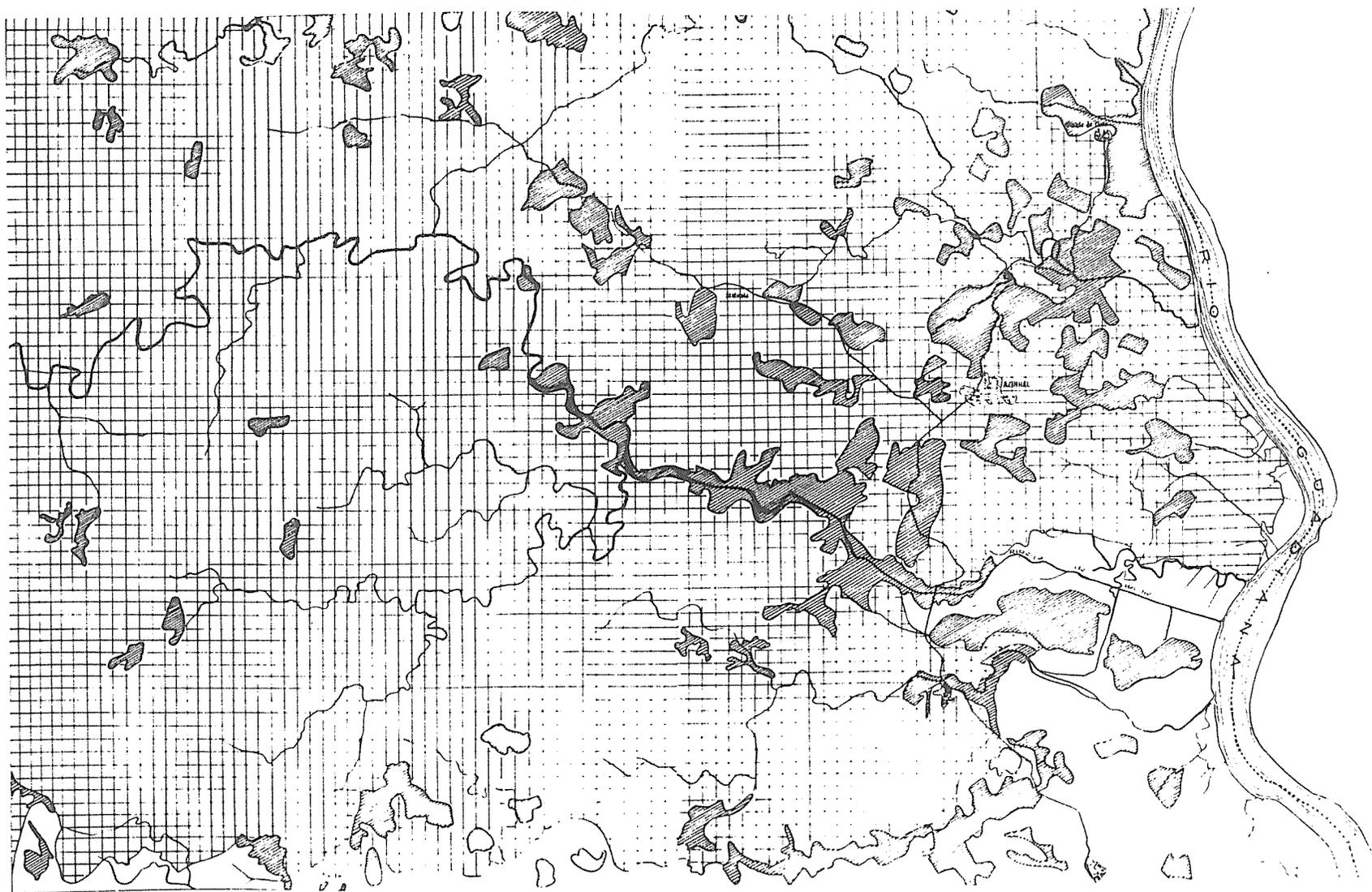


Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

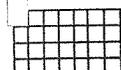
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000



Áreas de vegetação
com interesse



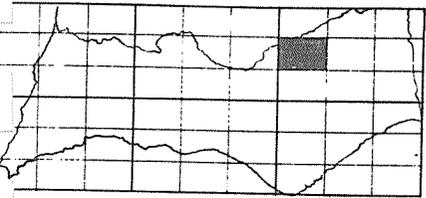
Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação



Áreas de vegetação
em solos pedregosos ou incultos

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



MAPA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000

 *Áreas de vegetação com interesse*

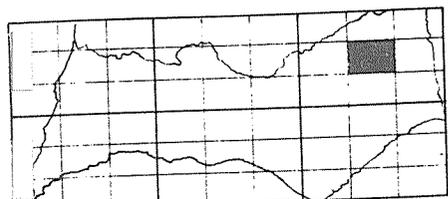
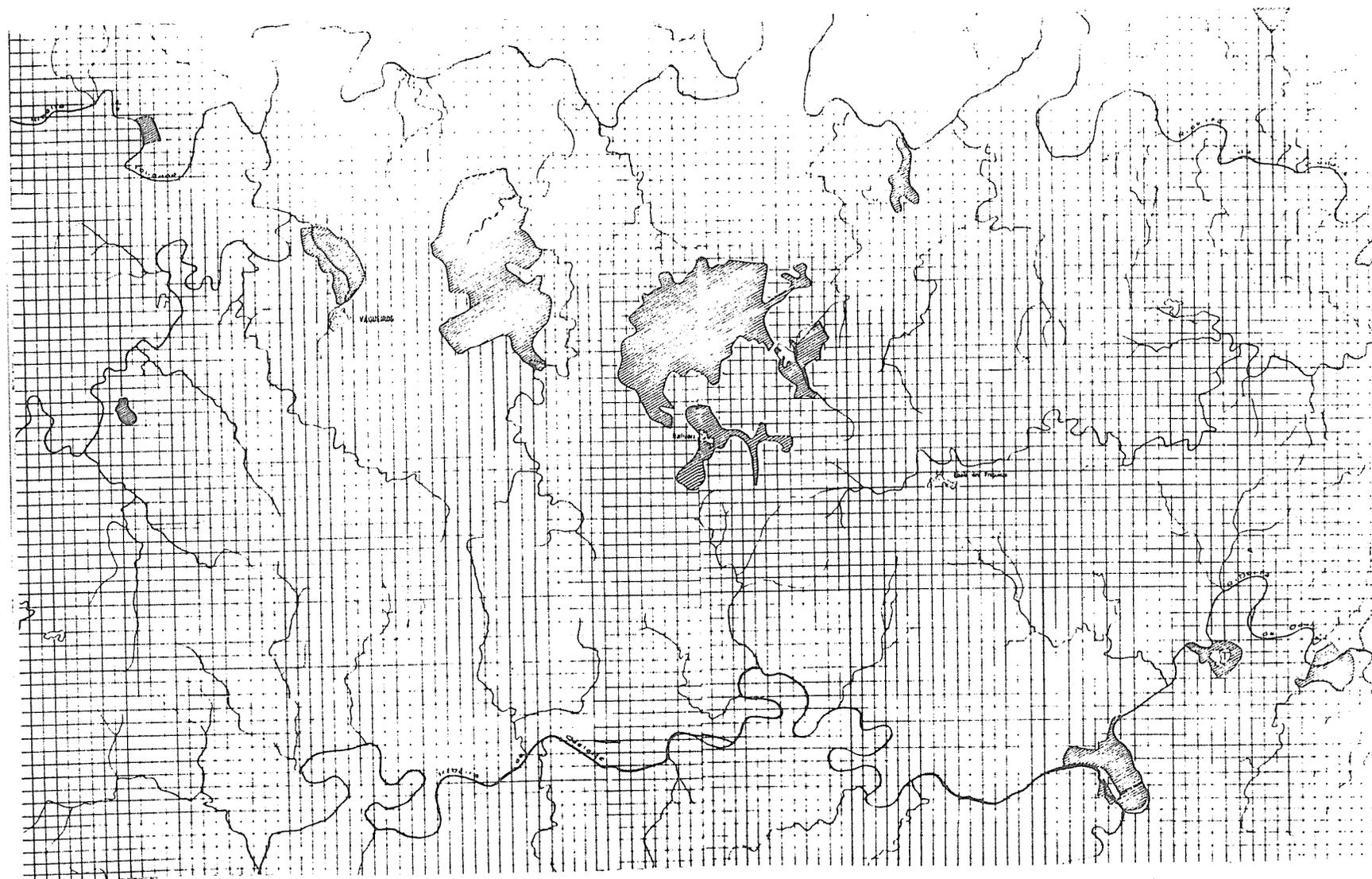
 *Áreas de vegetação desequilibrada ou em degradação*

 *Áreas de vegetação em solos pedregosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

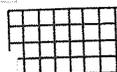
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



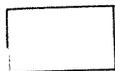
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
s c a l a 1 : 50000



Áreas de vegetação
com interesse



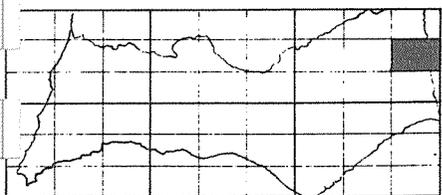
Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação



Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

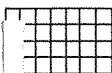
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ARTA DA ZONAGEM VEGETAL
s c a l a 1 : 50000



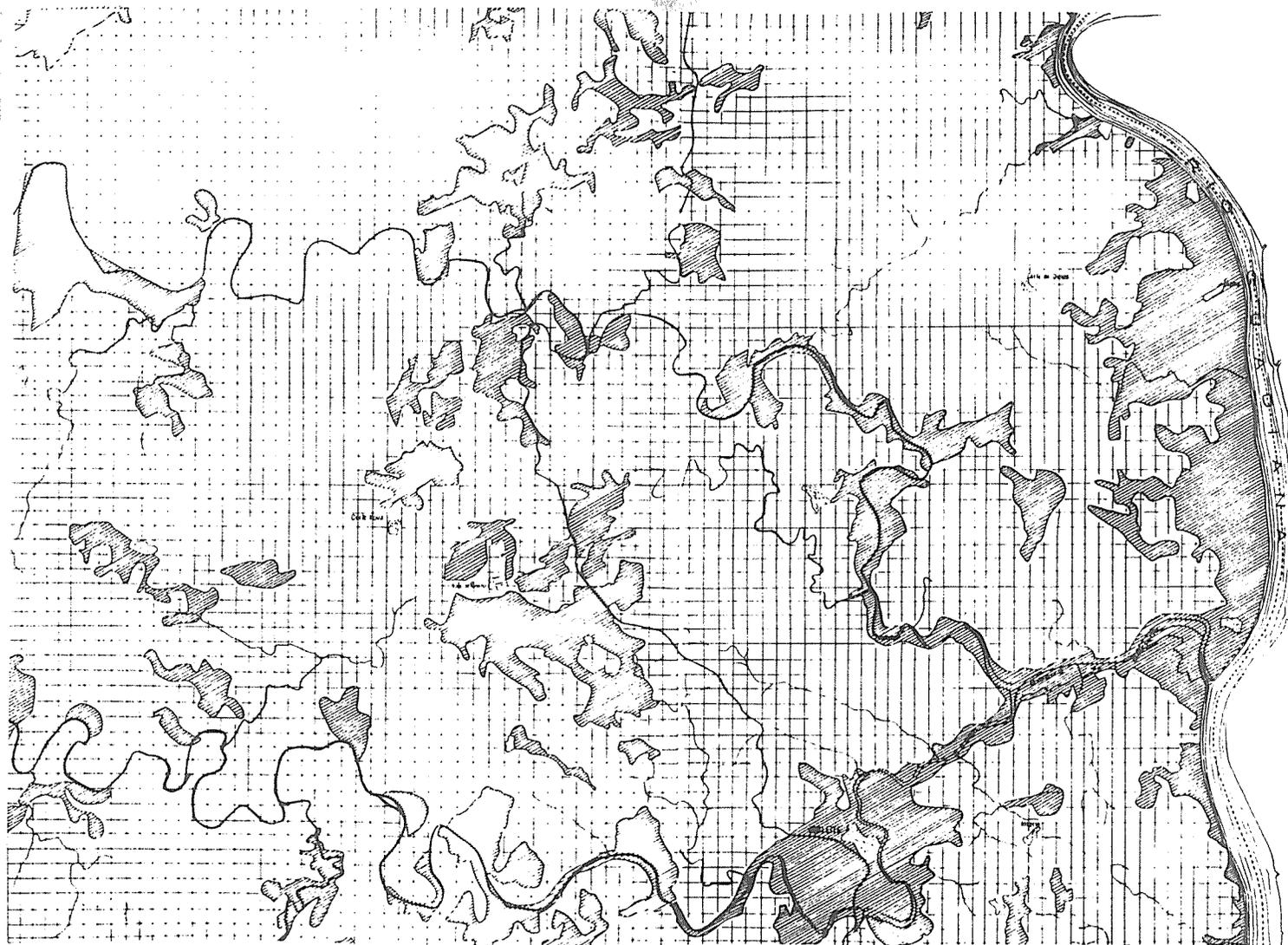
Áreas de vegetação
com interesse



Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação

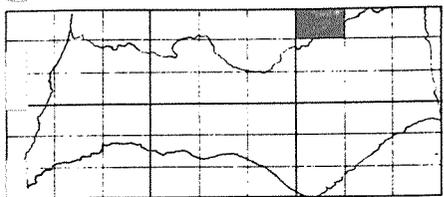


Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

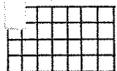
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



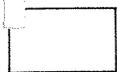
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000



*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

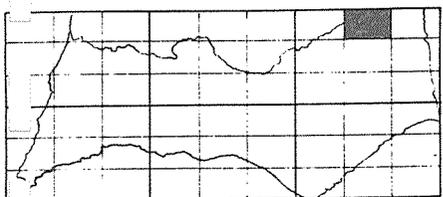
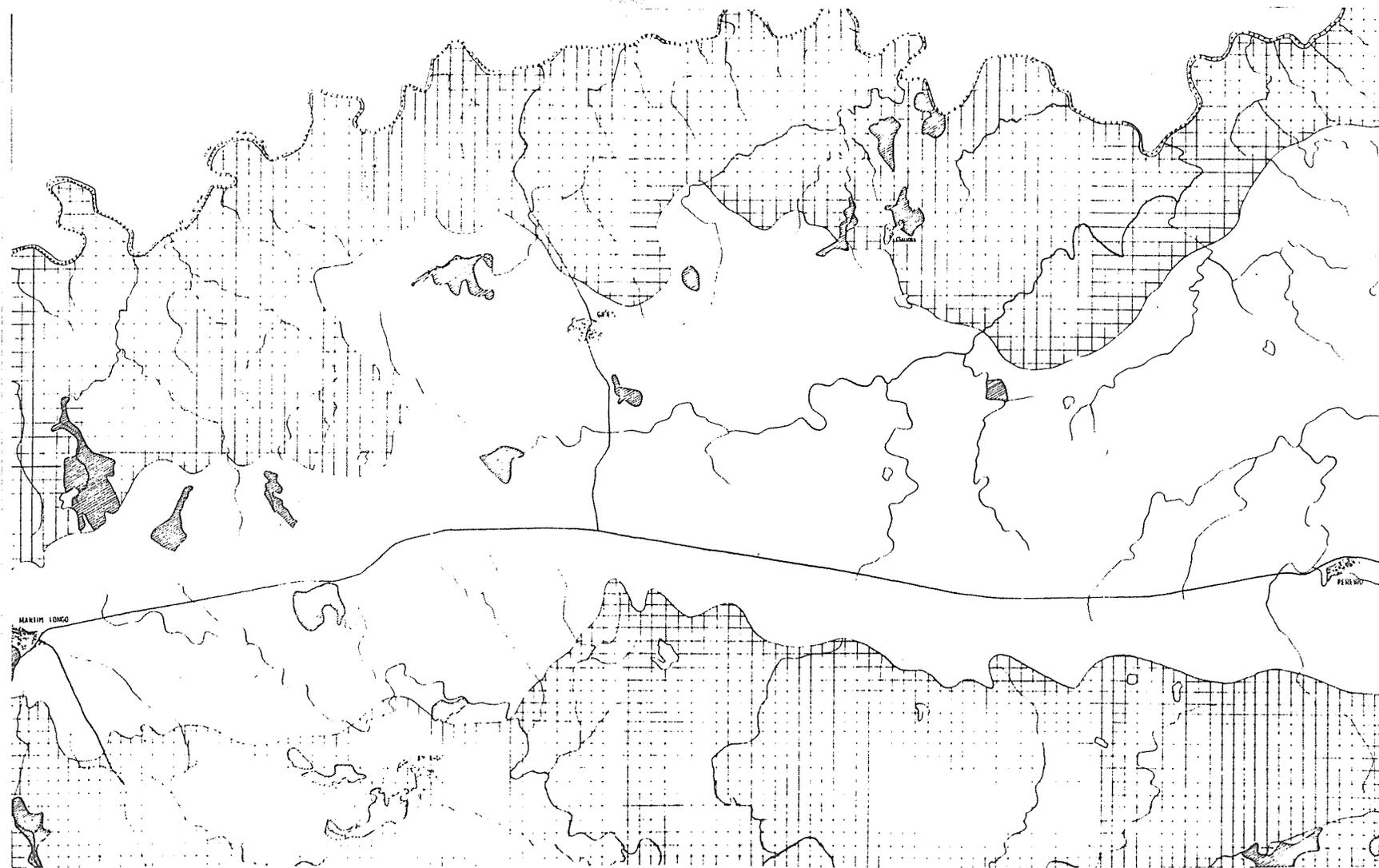


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

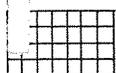
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



MAPA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000



Áreas de vegetação
com interesse



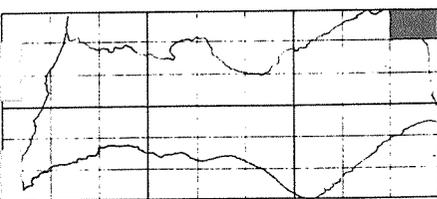
Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação



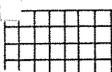
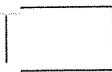
Áreas de vegetação
em solos pedre-
gasos ou incultos

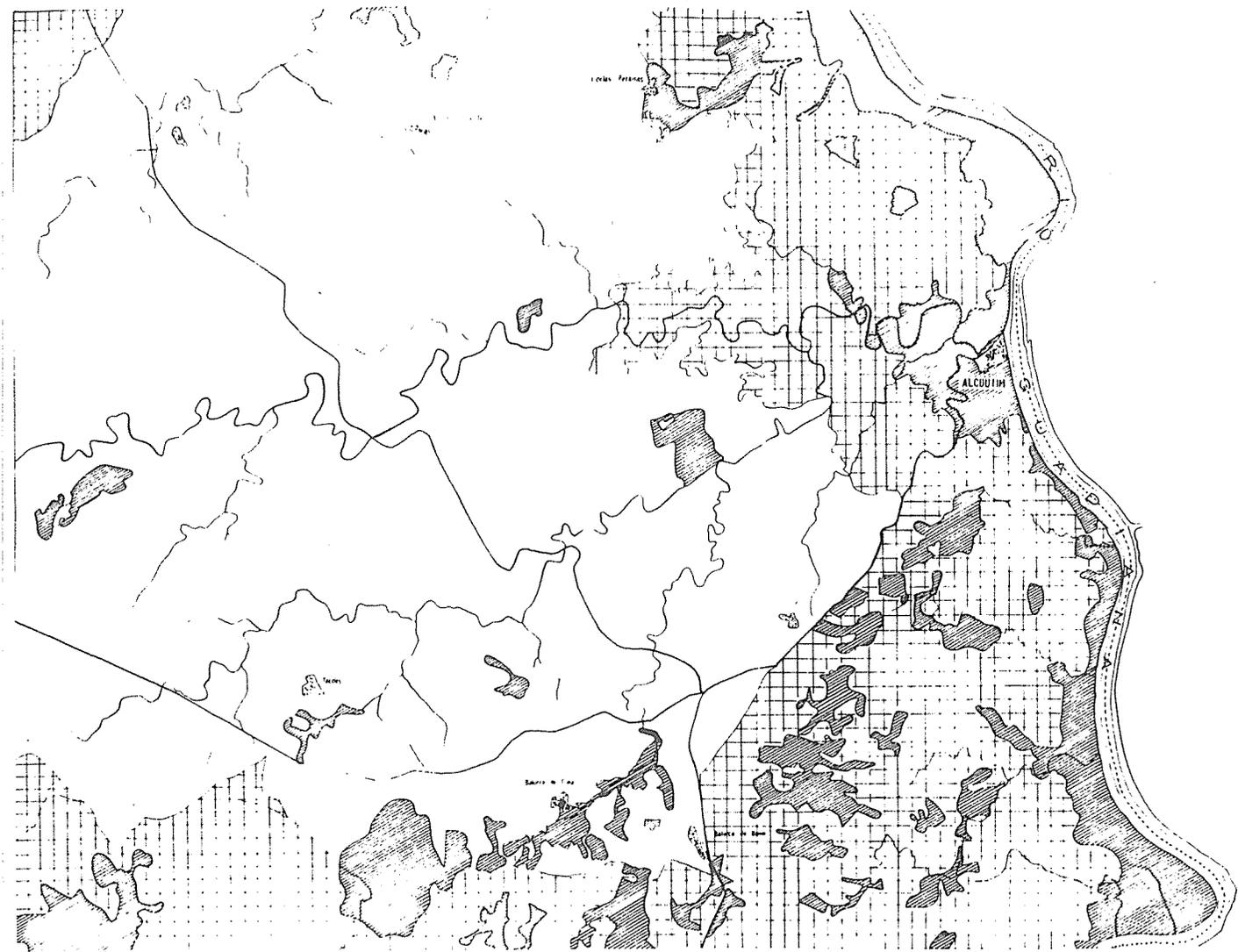
ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



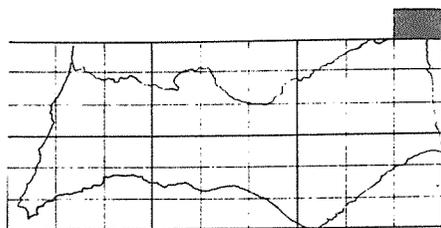
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
escala 1 : 50000

-  *Áreas de vegetação com interesse*
-  *Áreas de vegetação desequilibrada ou em degradação*
-  *Áreas de vegetação em solos pedregosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

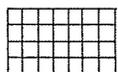
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



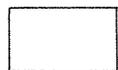
CARTA DA ZONAGEM VEGETAL
e s c a l a 1 : 50000



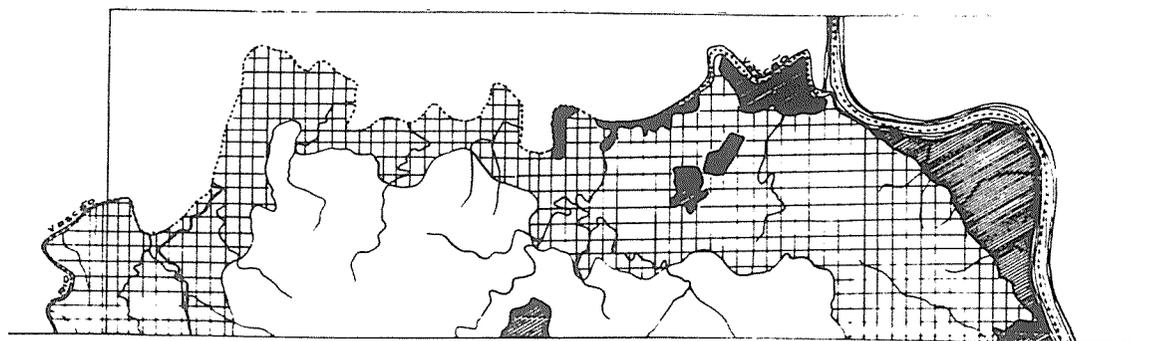
*Áreas de vegetação
com interesse*



*Áreas de vegetação
desequilibrada ou
em degradação*

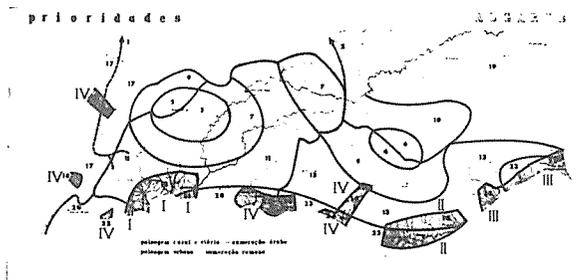


*Áreas de vegetação
em solos pedre-
gosos ou incultos*



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



Tendo em atenção os dados fornecidos pelo inquérito, a análise que sobre eles se levou a efeito e os elementos que, por outra parte foram fornecidos, pareceu finalmente de estabelecer uma ordem nas prioridades de actuação, com vista à execução do ordenamento da paisagem algarvia.

Convém desde já referir que ao descreverem-se critérios de prioridade se entende dizer respeito a uma intensidade de actuação. Assim a primeira prioridade não anula a que se situa no último lugar na sequência da realização, nem qualquer das intermédias, e antes a completam. Porém, enquanto que nas de ordem inferior se poderão aceitar actuações parcelares, nas prioritárias se deveria proceder a uma realização integral de planeamento.

Consideraram-se três classes de prioridade:

- Viárias
- Rurais
- Urbanas

Afigura-se de basilar importância a preparação dos acessos principais à Província, pelas estradas que a penetram pelos sectores Poente e Nascente, da-

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

do que fomentam zonas actualmente menos servidas.

Entre as duas vias longitudinais que se recomendam como prioritárias, considera-se mais urgente a preparação integral da que se situa mais a Sul. De qualquer forma os trabalhos de realização deverão ter em atenção os valores paisagísticos do meio em que se inserem.

Sobre a paisagem rural entende-se dever dar prioridade aos trabalhos necessários à valorização do coberto arbóreo e de revestimento das zonas altas de Monchique (3-5) e do Caldeirão (4-6) seguindo-se a execução de obras de reestruturação da paisagem e a rearborização dos relevos agora em erosão onde se verificam menores quedas pluviométricas (7-8-9-10-11).

Esta prioridade de acção decorre da necessidade de favorecer a captação da água, considerada como foi o principal factor limitante da evolução da paisagem e do progresso da Província.

Na ordem de prioridades segue-se a região costeira da baía de Lagos e Porti

mão (12), a zona agrícola que se estende de Faro a Tavira (13-14-15), a região envolvente de Loulé (16) a faixa costeira entre Aljezur e Cabo de S. Vicente (17-18), as vertentes do vale do Guadiana (19), finalmente as faixas junto à Costa Sul, de Sagres a Vila Real (20-21-22-23-24-25).

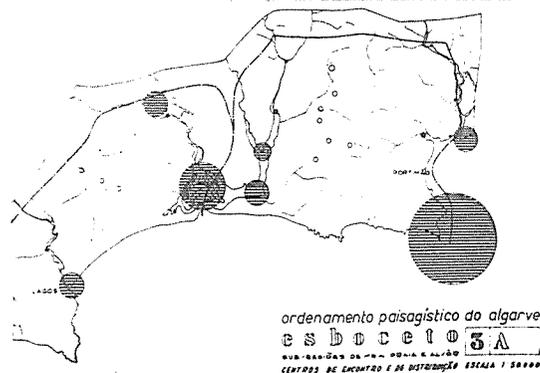
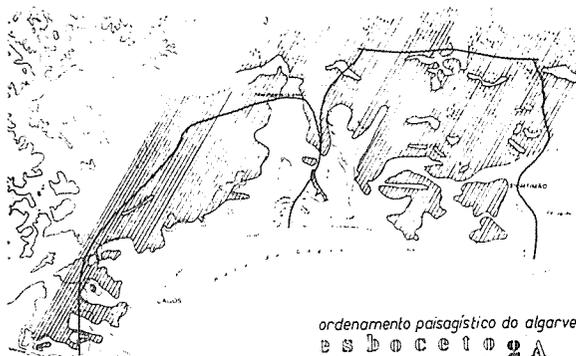
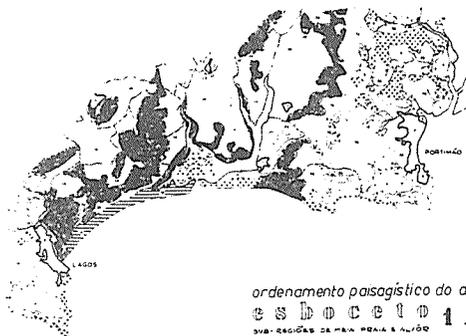
Sob o ponto de vista urbano reconheceu-se como prioritária a baía de Lagos-Portimão (I) dadas as potencialidades desta zona como grande porto de mar. Segue-se a região de Faro e arredores a Nascente (II), o litoral de Tavira a Vila Real (III) e os restantes núcleos de urbanização de Aljezur, Carrapateira, Burgau, Armação de Pera e Quarteira-Loulé (IV).

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

V - ORDENAMENTO PRELIMINAR

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO



ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

No zonamento que este Estudo Preliminar estabeleceu indicam-se as áreas totais em relação aos diferentes usos da terra e as respectivas porcentagens:

	ha	%	
36 - Uso agrícola	95.311	19,2	
37 - Área complementar do equilíbrio agrícola	90.315	18,1	79,1%
37a- Idem, a reestruturar	175.340	35,2	
37b- Idem, de interesse biocenótico	126.210	25,8	
Área restante aprox.	8.462	1,6	
Totais aprox.	494.696	100%	

Observe-se que toda a área complementar do equilíbrio agrícola, estará em relação conveniente com a área de uso agrícola.

Por isso será necessário manter a que existe e reestruturar a que se encontra degradada.

Por outro lado, e no que respeita à ocupação proposta, sugerem-se ocupações de tipo urbano e rural, adaptadas às condições ecológicas locais, distribuídos em superfície e consoante a sua capacidade de alojamento, da forma seguinte:

	Tipo de habitat proposto	ha	Capacidade em milhares de habitantes	
URBANO	muito concentrado	897	449	
	concentrado	533	187	
	alveolar	1 175	235	
	pontual em espaço livre	1 330	266	
	equipamento (ou indústria)	948	4.883	1.137
RURAL	muito concentrado	90	45	
	concentrado	9	3	
	alveolar	275	55	
	equipamento (ou indústria)	143	516	103
	A TRANSPORTAR	5.599		1.240

Tipo de habitat proposto	ha	Capacidade em milhares de habitantes.	
TRANSPORTE	5.399		1.240
ocupação litoral proposta:			
23 locais de 3 ha	69	14	
9 locais de 12 ha.	<u>108</u>	<u>22</u>	36
ocupação actual	<u>1.961</u>		<u>315</u>
TOTAIS	7.537		1.591

A densidade dos núcleos urbanos da Província é hoje da ordem dos 158 hab/ha.

A densidade dos núcleos urbanos propostos cifra-se em cerca de 211 hab/ha.

Em relação às zonas cuja urbanização se propõe, a densidade de ocupação sugerida assegura um espaço exterior que as condições climáticas de conforto recomendam da ordem dos 24 m²/hab..

A densidade populacional global da Província corresponderá a 5,2 hab/ha.

A realização de todas as propostas de fomento que preenchem as aptidões, capacidades e potencialidades detectadas julgam-se imprescindíveis para consentir a ocupação prevista.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

ALTIMETRIA

100 a 200
200 a 300
300 a 400
400 a 500
500 a 700
> 700

D - Aljezur - Monchique

35.225
17.275
10.575
3.825
2.550
825

E - S. Marcos - Salir

38.020
42.675
42.300
14.500
1.350
—

F - Ameixial - Alcoutim

35.000
47.575
24.225
11.025
1.575
—

A - Sagres - Portimão

16.725
625
—
—
—
—

B - Armação de Pera - Loulé

16.100
11.500
1.750
50
—
—

C - Faro - Vila Real

20.750
11.975
4.200
3.375
275
—

total < 100



85.375

ÁREA TOTAL EM (ha) 494.895

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE

ESTUDO PRELIMINAR

PROPOSTAS DITADAS PELOS CONDICIONAMENTOS ECOLÓGICOS DA PAISAGEM ANALISADA:

- 1 - Habitat urbano existente, cuja reconstrução não exige condicionamentos especiais.

- 2 - Condições microclimáticas adequadas ao habitat humano dominantemente muito concentrado. Redes viárias principais exteriores aos agregados. Estabelecimento de ruas estreitas, grandes ângulos de obstrução e ruas de vento, com sistema de arejamento de pequenos largos. Fachadas nos extremos Poente dos aglomerados protegidas por vegetação arbórea. Dominância de superfícies impermeáveis dentro dos agregados estruturais urbanos no interior dos aglomerados. Construção dominante de um a três pisos. Densidades absolutas próximas dos 500 hab./ha. Materiais de construção proporcionadoras de volante térmico. Coberturas predominantemente de orientação semelhante à do terreno e próprias ao estabelecimento de uma inércia de irradiação e erradiação. Predomínio das superfícies brancas. Pequena

penetração da radiação directa nos espaços interiores. Pequenos vãos nos sectores Albufeira-Loulé e Faro-Vila Real. Procura de redução gradual de luminosidade do exterior para o interior, através de elementos construtivos. Em povoações do interior, estabelecimento de humificadores externos (fontes e repuxos) para funcionar nos períodos de dominância dos ventos frios do NE. Elementos verdes exclusivamente em vasos, alegretes e caldeiras. Garantia de drenagem atmosférica nos espaços exteriores.

- 3 - Condições microclimáticas adequadas ao habitat humano dominantemente concentrado. Redes viárias principais exteriores aos agregados. Estabelecimento de ruas estreitas, grandes ângulos de obstrução e ruas de vento, com sistema de arejamento de pequenos largos. Fachadas Poente protegidas com vegetação arbórea em grandes espaços terminais ao aglomerado ou em reduzidos quintais em muros de suporte ligados à construção e com domínio de elementos construtivos. Predomínio de pavimentações impermeáveis erradiantes. Construção dominante de 1 a 3 pisos. Densidades absolutas da ordem dos 200

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

≈ 500 hab./ha.. Materiais de construção proporcionadoras de volante térmico. Coberturas predominantemente com orientação semelhante à do terreno e próprios ao estabelecimento de uma inércia de irradiação e erradiação. Pequena penetração da radiação directa nos espaços interiores. Predomínio das superfícies brancas. Pequenos vãos nos sectores Albufeira-Loulé e Faro-Vila Real. Procura de radiação gradual de luminosidade do exterior para o interior através dos quintais. Em povoações do interior, estabelecimento de humificadores externos (fontes e repuxos) para funcionar nos períodos de dominância dos ventos frios do NE. Elementos verdes em quintais e pequenas zonas verdes de área inferior à área coberta. Forte drenagem hídrica interna e superficial e drenagem atmosférica nos quintais e espaços públicos.

4 - Condições ecológicas, requerendo correcção climática para se procurar um desejável nível de conforto conduzindo a habitat predominantemente alveolar. Estabelecimento de texturas urbanas em pátio, e de estruturas urbanas em

largos e praças, ruas curtas e estreitas. Angulos de obstrução elevados, tendo em atenção a possibilidade de regulação climática através da sua variação escalonada. Vegetação arbórea de folha permanente e baixo porte convenientemente localizada no interior dos alvéolos, bem como de humidificadores (fontes e repuxos) implantados nos polos alveolares de mais intensa erradiação. Largos vãos abertos no interior dos alvéolos - cuja expressão tradicional era a arcada - proporcionando uma maior retenção da radiação difusa. Pavimentação semipermeável no interior dos alvéolos. Construção dominante de um a 3 pisos. Densidade absoluta da ordem dos 200 hab./ha.. No litoral de Faro-Vila Real estendendo-se sensivelmente até quarteira e seu desenvolvimento, a construção de tipo alveolar terá como características dominantes o isolamento de paredes e coberturas em assoteia, de forma a favorecer a erradiação. Pavimento predominantemente permeável. Utilização de cisternas como reservatórios de água fluvial e como termo-estabilizadores. Para Ocidente de quarteira justifica-se a utilização das coberturas do habitat alveolar drenando para a cisterna, ao mesmo tempo que por sua acção reduz a erradiação nocturna e retém na massa líquida acumulada em cisterna a energia calorífica que aproxima os extremos da amplitude térmica diurna. A vegetação de porte baixo

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

uma vez que o estudo ecológico indicou como mais aptas a esta ocupação áreas em que se deverá procurar corrigir a sua instabilidade e fixação. A implantação deste tipo de habitat - pelo seu forte impacto na paisagem - deverá estar sujeito a estudos particulares tendo em conta as panorâmicas, silhuetas e vistas próximas e distantes.

- 6 - Condições de aptidão para equipamento-colectivo, serviços e indústria-que resultam, a par de um índice de utilização habitacional marginal, de uma necessidade de espaço complementar de uso urbano localizado em linhas naturais de fácil acessibilidade. Antevê-se que estas áreas poderão ser largamente ampliadas entre Lagos e Portimão quando as "potencialidades com incidência na capacidade e aptidão", que foram reveladas, se promoverem. Neste tipo de ocupação, mais do que em nenhum outro, se deverá ter em conta as incidências de poluição do ar, do solo e das águas, e bem assim o seu reflexo em panorâmicas silhuetas e vistas próximas e distantes, que presumivelmente ocorram. De igual modo, a grande gama de utilização que este espaço abrange implicará

terem-se em conta os condicionamentos que cada uma exige, para um serviço de toda a comunidade. De particular importância neste tipo de ocupação, os enquadramentos em amplos espaços verdes, de especificação ainda condicionada à melhor utilização. A impossibilidade de prever a expansão requerida por todo o equipamento ao longo do tempo implica a necessidade de estudos subsequentes.

- 7 - Condições de aptidão para espaço verde complementar do aglomerado urbano, proveniente de situação adjacente a centros populacionais e providos de condições mesológicas que lhe garantem desde já uma riqueza florística que interessa estimular e valorizar.

Ficam sujeitas a "alteração condicionada" as áreas cujos valores da cultura ou a sua própria textura elementar, obrigam a ter em atenção.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

perenifólio e de intensa transpiração favorece as condições do meio. Materiais de construção de volante térmico com idênticas características às do habitat concentrado.

- 5 - Condições ecológicas deficitárias. Condições de conforto nas camadas junto ao solo necessitando de correcção climática e conduzindo a soluções concentradas em altura. Localização pontual e dispersa, em coberto predominantemente arbóreo. Libertação do piso térreo no litoral do sector Faro-Vila Real até Quarteira, através de construção em pilar. Materiais de construção isoladores e controle de radiação por intermédio de elementos artificiosos na construção. Densidade absoluta da ordem dos 200 hab./ha. devendo corresponder à área litoral de Quarteira a Vila Real edifícios de altura da ordem dos 15 pisos beneficiando da melhoria climática e das panorâmicas litorais. Afastamento entre torres de forma a garantir a continuidade do maciço arbóreo de, pelo menos, 80 metros de largura. A implantação pommenorizada deste tipo de habitat estará ainda dependente das condições de estabilidade dos terrenos,

Ficam sujeitos a "alteração muito condicionada" aquelas áreas que além dos valores de cultura e textura próprias, possuem ainda valores notáveis de estrutura dos aglomerados.

Consideram-se imediatamente "aglomerados de alteração muito condicionada" aquelas áreas que, nos aglomerados urbanos ou rurais o estudo de "Prospecção, Preservação e Recuperação de Elementos Urbanísticos e Arquitectónicos Notáveis em Áreas Urbanas e Marginais Viárias, na Região do Algarve" revela.

- 8 - Idêntico a 1 mas onde qualquer alteração deverá ter em conta os valores assinalados, mantendo-se portanto subordinada a estudos parcelares.

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

- 9 - Idêntico a 2 mas de alteração condicionada a estudos de pormenor.
- 10 - Idêntico a 3 mas de alteração condicionada a estudos de pormenor.
- 11 - Idêntico a 4 mas de alteração condicionada a estudos de pormenor.
- 12 - Idêntico a 5 mas de alteração condicionada a estudos de pormenor.
- 13 - Idêntico a 6 mas de alteração condicionada a estudos de pormenor.
- 14 - Idêntico a 1 mas de alteração muito condicionada a estudos de pormenor.
- 15 - Idêntico a 2 mas de alteração muito condicionada a estudos de pormenor.
- 16 - Idêntico a 3 mas de alteração muito condicionada a estudos de pormenor.
- 17 - Idêntico a 4 mas de alteração muito condicionada a estudos de pormenor.
- 18 - Idêntico a 5 mas de alteração muito condicionada a estudos de pormenor.

- 19 - Idêntico a 6 mas de alteração muito condicionada a estudos de pormenor.
- 20 - Idêntico a 1 em aglomerado rural.
- 21 - Idêntico a 2 em aglomerado rural.
- 22 - Idêntico a 3 em aglomerado rural.
- 23 - Idêntico a 4 em aglomerado rural.
- 24 - Idêntico a 6 em aglomerado rural.
- 25 - Idêntico a 7 em aglomerado rural.
- 26 - Idêntico a 1, mas de alteração condicionada a estudos de pormenor, em aglomerado rural.
- 27 - Idêntico a 2, mas de alteração condicionada a estudos de pormenor, em aglomera

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

do rural.

28 - Idêntico a 3, mas de alteração condicionada a estudos de pormenor, em aglomerado rural.

29 - Idêntico a 4, mas de alteração condicionada a estudos de pormenor, em aglomerado rural,

30 - Idêntico a 6, mas de alteração condicionada a estudos de pormenor, em aglomerado rural.

31 - Idêntico a 1, de alteração muito condicionada em aglomerado rural.

32 - Idêntico a 2, de alteração muito condicionada em aglomerado rural.

33 - Idêntico a 5, de alteração muito condicionada, em aglomerado rural.

34 - Idêntico a 4, de alteração muito condicionada, em aglomerado rural.

35 - Idêntico a 6, de alteração muito condicionada, em aglomerado rural.

36 - Condições ecológicas específicas de uso agrícola intensivo. (19,2% da área total do Algarve). Diferenciação de aptidões agrícolas submetidas ao Plano de Ordenamento Agrário. Conservação biológica das linhas de água. Ordenamento da rede viária e de serviços conjugada com a grande compartimentação. Promoção duma concentração urbana da população residente com vista a uma extensão e emparcelamento natural das explorações agrícolas e à consequente estabilização da vida urbana ao longo do ano, independente das variações do afluxo turístico. Possível utilização, exclusivamente das actuais áreas residenciais, como habitações de uso turístico de ligação ao litoral, beneficia das pelos requisitos modernos e sem quebra de carácter, com vista a uma melhor distribuição dos bens provenientes desta fonte de receita. Entende-se que a prioridade dos créditos para alojamento turístico deverá ser endossado a estes proprietários, para minorar as referidas flutuações urbanas. Só são permitidas instalações para imediata exploração e utilização da capacidade agrícola dos solos, dentro das linhas gerais do planeamento agrícola proposto no respectivo Plano. Desta forma o investimento de fomento residencial turístico

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

tico reflectir-se-à imediatamente em melhores possibilidades de investimento directo na intensificação cultural desejada, ao nível dos interesses locais e da comunidade. Dever-se-à procurar manter o recticulado da compartimentação existente, quer de base cadastral quer viária, quer ainda dos afolhamentos, porque, como o inquérito evidencia, foi ditado pela experiência em adaptação a dados ecológicos permanentes, devendo pois a sua alteração estar sujeita ao ordenamento que a planificação determinar. De qualquer forma, as alterações à fisiografia do terreno, bem como as alterações à exploração, deverão orientar-se no sentido da evolução proposta pelo Plano. Particular cuidado deverá ser dispensado à economia viária de distribuição local como elemento primordial de fomento, até ao recticulado mais elementar.

- 37 - Condições ecológicas adequadas à constituição de áreas complementares do equilíbrio agrícola e da paisagem em geral. - 18,2% da área total do Algarve. Conjugadas com os elementos vivos e inertes de compartimentação, proporcionarão as necessárias condições hídricas, biológicas e microclimáticas próprias a uma maior intensificação cultural. Zona de fundamental in

teresse para a obtenção de matéria orgânica de qualidade, indispensável à exploração agrícola, através de mator, palhas, etc.. Encontra-se actualmente em nítida desproporção com a área de exclusivo uso agrícola recomendável que constitui o património mais valioso a salvaguardar. Porque as suas condições agrológicas são mais instáveis, deverá recair também sobre esta área particular atenção, afim de se assegurar a sua função complementar. Diferenciação de aptidões submetida ao Plano de Ordenamento Paisagístico, apoiado nas indicações devinidas no Plano de Ordenamento Agrário, consoante os índices locais corrigidos, a protecção biológica das linhas de água e equilíbrio biocenótico e hidrológico, incluindo o ordenamento da rede viária e serviços, conjugada com a grande compartimentação.

Promoção de uma concentração da população residente nos núcleos rurais, com vista a uma extensificação de empresas agrícolas e emparcelamento não coercivo das explorações. Possível utilização, exclusivamente das actuais áreas recreativas, como habitações de uso turístico, beneficiadas dos necessários requisitos modernos e sem quebra de carácter, com vista a uma melhor distribuição dos bens provenientes desta fonte de receita. Dever-se-à manter o -

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

recticulado existente de base cadastral, viária ou de afolhamentos. A sua eventual alteração ficará sujeita ao ordenamento determinado pela planificação. Tomam nesta área especial importância as alterações à fisiografia do terreno bem como as alterações à exploração. Estas deverão sempre orientar-se no sentido da evolução recomendada no plano. Particular cuidado deverá dispensar-se à rede viária de distribuição local, como elemento primordial da grande compartimentação e de fomento, até aos recticulados elementares. Considera-se da exclusiva competência da planificação, nesta zona, a introdução de espécies exóticas.

37a - Condições ecológicas adequadas à constituição de áreas complementares do equilíbrio agrícola e da paisagem em geral, cujo o estado de depauperamento e degradação exige uma reestruturação cuidada (35,5% da área total do Algarve). Tal reestruturação deverá apoiar-se nos resíduos da compartimentação porventura existentes e nas grandes unidades paisagísticas, segundo a ordem de intensidade prioritária que agora se estabelecem. Diferenciação de

aptidões submetidas ao Plano de Ordenamento Paisagístico conjugado com as aptidões definidas no Plano de Ordenamento Agrário e Florestal, e fundamentado nos valores dos índices locais corrigidos em função da fisiografia e de elementos climáticos. No revestimento vegetal de recuperação de solos e extruturação, tem especial importância a definição dos tipos de coberto a usar nos sectores ocidentais e orientais da Província. Os primeiros terão por base diferenciações de ordem fisiográfica e principalmente altimétrica, os seguintes terão sobretudo por base diferenciações fisiográficas. Naqueles tractos de terreno cujo o fundo de fertilidade e a própria exposição o permitam, deverão funcionar como clareiras, com vista a uma exploração agrícola ou pecuária. De igual modo se deverão escolher as áreas mais aptas à exploração florestal naqueles tractos de terreno que se possam considerar de estabilidade intermédia. Nas áreas mais sensíveis desta mancha, que aliás constituem a sua maior parte, apenas se deverá procurar um revestimento climático integral que garanta a desejada reconstituição da fauna. Esta constituirá, através da caça, uma importantíssima fonte de receita para o proprietário - como se assentua no Plano de Ordenamento Agrário - permitindo ainda, se devidamente ordenado, um controle do equilíbrio da própria biocenose.

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

Nesta área deverá estabelecer-se um tratamento diferenciado a Ocidente e Oriente da Província em relação às obras que complementam a economia hídrica desejada. A Ocidente deverá proceder-se sobretudo a obras de armazenamento da água pluvial e à criação de um coberto vegetal que promova a intensificação pluviométrica e a sua retenção em manta morta. Na Serra do Caldeirão e nos xistos interessará antes promover, fundamentalmente, um acréscimo de água de infiltração, por meio de obras de correcção torrencial e do emprego de uma vegetação adequada à condensação e à retenção da transpiração. Ficam sujeitas ao ordenamento, as alterações propostas à fisionomia do terreno, bem como as alterações da exploração. Particular cuidado deverá dispensar-se à rede viária de distribuição local, como elemento de fundamental importância no estabelecimento da grande compartimentação e também como elemento de distribuição em superfície do recreio e do desporto. Por esta razão consideram-se de especial importância os circuitos panorâmicos e os de diversão para fruição de interesses especiais. Para isto deverá estabelecer-se em toda a área uma malha de equipamento suficientemente dispersa e ordenada, de forma a não concentrar pontualmente as grandes massas que a procuram. Mais uma vez se utiliza o recreio como elemento fomentador do

progresso local seguindo-se o princípio de dispersar equipamento de recreio e concentrar a residência. Esta crescente importância do recreio como elemento de fomento em extensão realça a importância que deverão revestir os planos de pormenorização paisagística local integrados neste contexto. Por tudo isto se considera de exclusiva competência da planificação nesta zona a introdução de espécies fora da raiz local.

37b - Condições ecológicas adequadas à constituição das áreas complementares do equilíbrio agrícola e da paisagem em geral, nas quais foram detectados valores naturais e também estéticos, que se deverão manter e valorizar. (25,5% da área total do Algarve). Corresponde a superfícies de terrenos nas quais se encontram indivíduos ou agrupamentos vegetais de interesse especial sob o ponto de vista científico - científico puro, de ensino, de aplicação - endémico ou não, e, bem assim como proporcionadores de abrigo e manutenção de espécies zoológicas associadas, constituindo núcleos de expansão destas espécies nas áreas a reestruturar. Corresponde também a superfícies de terreno

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

nas quais ocorrem indivíduos ou agrupamentos vegetais de interesse estético, que merecem especiais cuidados de protecção. Quaisquer alterações que afectem o relevo e a constituição do coberto vegetal nesta zona, ficam sujeitas ao Plano de Ordenamento. Particular cuidado deverá dispensar-se à rede viária de distribuição local como elemento de fundamental importância no estabelecimento da compartimentação e também como elemento de distribuição em superfície do recreio e do desporto. Por isso se consideram de especial importância os circuitos panorâmicos e os de diversão, para locais de interesse especial. A malha de equipamento a estabelecer nestas áreas deverá ter em conta a sensibilidade da paisagem onde se inserem e a salvaguarda dos valores existentes concentrando nos dispersos núcleos de equipamento as populações em recreio. Ficam vedadas nestas zonas a introdução de espécies fora da raiz local, devendo actuar-se convenientemente no caso de perigar o equilíbrio existente. Áreas onde se integram as Zonas de Reserva de Sagres - S. Vicente e de Monchique, como principais já detectadas, e que estudos posteriores de pormenorização deverão completamente definir.

38 - Condições ecológicas conducentes à constituição de áreas de protecção litoral. Corresponde a superfície de certo modo instáveis, em especial areais costeiros e sapais, não economicamente recuperáveis para a agricultura. O seu valor provém sobretudo do ambiente que proporciona às variadas espécies botânicas e zoológicas (marítima ou terrestre) que nele encontram o seu habitat próprio ou local adequado ao desenvolvimento normal dos diferentes ciclos da sua vida. Corresponde por isso a áreas de terreno nas quais existem espécies endémicas de particular interesse sob o ponto de vista científico, assim como locais de abrigo ou multiplicação de animais da fauna marinha e avifauna. A sua especial riqueza em valores naturais - particularmente no que se refere à Ria de Faro - permite aproveitá-la como zona importante de valorização paisagística regional, como área natural de recreio e desporto da capital algarvia. Per vê-se a possibilidade do seu revestimento vegetal mediante os necessários estudos de pormenor. Utilização das rias como local de exploração económica da sua potencialidade para o desporto náutico e para o desenvolvimento de espécies da fauna com interesse comercial e da flora aquáticas.

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

39 - Condições ecológicas conducentes à necessidade de constituição de faixas de protecção biológica das linhas de água. Incide sobre todas as linhas de água através do seu revestimento vegetal marginal, por meio de espécies adequadas às funções anti erosiva, estimuladora e alimentadora de espécies ripículas que lhes são próprias, e moderadora da velocidade de escoamento. Particular cuidado deverá incidir sobre as linhas de água que atravessam aglomerados urbanos, cujas margens deverão ser revestidas com espécies convenientes às funções apontadas e integradas na compartimentação da malha verde urbana. Apenas os esgotos de águas pluviais ou convenientemente tratadas deverão escoar-se através das ribeiras. Princípio semelhante deverá ser seguido nos esgotos para o mar.

40 e 41 - Locais costeiros adequados à constituição de núcleos urbanos de equipamento turístico, concentrados, com desenvolvimentos médios até 3 e 12 ha, respectivamente, nas linhas costeiras meridiana e dos locais apontados. Dada a sensibilidade geral da paisagem costeira, todos estes desenvolvimentos ficam

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

36 - Uso agrícola

37 - Área complementar do equilíbrio agrícola

37a Área complementar do equilíbrio agrícola a reestruturar

37b Área complementar do equilíbrio agrícola de interesse biocénótico

36 - Uso agrícola

37 - Área complementar do equilíbrio agrícola

37a Área complementar do equilíbrio agrícola a reestruturar

37b Área complementar do equilíbrio agrícola de interesse biocénótico

totais em (ha)

D - Aljezur - Monchique

7.768,5

2.284,5

7.057,5

42.239

A - Sagres - Portimão

18.997,5

11.717,5

14.447,5

17.497,5

E - S. Marcos - Salir

4.275

2.087,5

42.972,5

24.652,5

B - Armação de Pera - Loulé

37.090

40.772,5

3.685

16.505

F - Ameixial - Alcoutim

1.960

14.280

90.090

10.387,5

C - Faro - Vila Real

25.220

18.612,5

17.087,5

11.932,5

36

95.311

37

90.313

37a

175.340

37b

128.214

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

RECOMENDAÇÕES GERAIS

- 1 - Integração na paisagem dos novos núcleos de desenvolvimento.
- 2 - Defesa das panorâmicas da orla marítima.
- 3 - Guarda e respeito da raiz tradicional da paisagem urbana e da paisagem rural.
- 4 - Reforço da unidade da paisagem, acentuação da sua variedade.
- 5 - Concentração da expansão urbano-turística.
- 6 - Salvaguarda de largos tractos da paisagem natural.
- 7 - A capacidade de uso da paisagem deverá ser a da capacidade de regeneração actual.
- 8 - O uso da paisagem deverá ser feito de acordo com a sua vocação e capacidade de regeneração.

- 9 - Só se deverão adoptar exotismos e usos de paisagem estranhas depois de convenientemente assimiladas.
- 10 - O restauro e promoção da paisagem exigem uma prioridade de intensidades de actuação.
- 11 - Os centros urbanos a todas as escalas têm sua justificação fisiográfica e as implantações arbitrarias comprometem a sua vitalidade e a da paisagem, e assim o pleno uso das suas aptidões, capacidades e potencialidades.
- 12 - A dispersão de urbanizações onera a comunidade em equipamento e serviços.
- 13 - A unidade de planeamento deverá ser a bacia hidrográfica a qualquer escalão e tendo em conta as hemibacias confinantes.
- 14 - As estruturas viárias e de serviços deverão condicionar-se às linhas fisiográficas.
- 15 - O Algarve a Nascente do fêsto Sagres-Monchique pertence à hemibacia do Gua -

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

diana que chega a Alvas e complementa a grande região do Vale do Tejo, a Sul.

- 16 - Do Atlântico Ocidental ao fêsto de Sagres-Monchique é necessária a economia da radiação directa do Sol.
- 17 - Os aspectos especiais a que ficam sujeitas as construções sobre os xistos condicionam a implantação nesses terrenos.
- 18 - A água é factor limitante do desenvolvimento da região.
- 19 - Nos cursos de água com predomínio de escoamento superficial poderão ser indicadas soluções de retenção, sem descorar o revestimento biológico marginal.
- 20 - Nos cursos de água com predomínio de água de percolação deverá garantir-se a permeabilidade marginal mediante correcção biológica.
- 21 - Os sapais da Ria de Faro deverão ser preservados bem como alguns das baixas do Alvor e Guadiana, mormente nas notáveis associações vegetais e da fauna.

- 22 - Deverá proceder-se a estudos de pormenor com vista ao revestimento vegetal e arborização dos terrenos e margens da Ria de Faro.
- 23 - Deverá urgentemente definir-se como reserva natural o planalto do Promontório de Sagres e o alto da Serra de Monchique que se encontram já demarcados (C. Tavares-Sacarrão, L. Beliz) e integrar nas áreas assinaladas como de interesse biocénótico (37b).
- 24 - Sendo os cumes das Serras de Monchique e Caldeirão origens da rede hidrográfica do Algarve e de parte do Alentejo, recomenda-se a prioridade do estudo do seu adequado revestimento vegetal.
- 25 - Considera-se indispensável que todo o revestimento vegetal a levar a efeito tenha como objectivo primário a captação e retenção hídricas.
- 26 - Considera-se base da conservação portuária e de albufeiras o revestimento adequado de vegetação dos terrenos degradados das bacias interessadas.

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

27 - A grande compartimentação deverá apoiar-se sobre as linhas de água existentes e a partir das formações climáticas.

28 - O aproveitamento e revestimento marginal dos cursos de água provenientes de Monchique deverão preceder os demais.

29 - A compartimentação deverá ser mais naturalística na Serra e mais formal nas baixas.

30 - Dada a importância da água como factor limitante deverá impedir-se qualquer forma de poluição das linhas de água ou intervenções que possam comprometer as suas funções.

31 - Paisagisticamente o ordenamento do litoral deverá iniciar-se o montante das primeiras ramificações das principais linhas de água.

32 - Com vista a uma urgente necessidade de economia hídrica deverá tender-se à substituição dos métodos tradicionais da rega de pé pelos sistemas actuais

de rega por aspersão, e bem assim para a exploração de culturas regadas menos exigentes.

33 - A altitude e as situações de alternância conjuntamente com os índices Ex determinados deverão orientar o zonamento vegetal da Serra.

34 - Deverá garantir-se a drenagem atmosférica dentro dos aglomerados urbanos.

35 - Dado o interesse cultural e turístico e de salvaguardar e valorizar urgentemente a notável riqueza arqueológica, do Algarve, aliás perfeitamente reconhecida pelo Dr. O. Veiga Ferreira.

36 - Devem manter-se as características de implantação relacionadas com a ecologia, com excepção da ocupação dispersa.

37 - A nova ocupação deverá procurar distribuições análogas nos relevos às que a caracterização por sectores definina

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

38 - A orientação das construções nos sectores deverá procurar, em situações semelhantes, uma proporção idêntica à que o inquérito revelou.

39 - Nas áreas urbanas as bandas de inversão deverão ser ocupadas com intensidade directamente proporcional ao gradiente.

40 - Dados os sintomas de sobreturação verificados, a ocupação de solos de qualidade nos sectores de Armação de Pera-Loulé e principalmente de Faro-Vila Real deverá ser impedida, mesmo quando essa ocupação se faz isoladamente, devendo antes promover-se a urgente concentração urbana.

41 - Considera-se medida fundamental de planeamento o impedimento de construções sobre solos de boa qualidade para uso agrícola (36), devendo as próprias construções agrícolas necessárias à exploração ser do tipo de ocupação temporária.

42 - Recomenda-se a associação livre de explorações fomentadas através das indispensáveis infraestruturas.

43 - Em solos de qualidade (36) as redes viárias e de serviços deverão servir directamente e em boas condições os centros de lavoura.

44 - Na zona serrana aplicam-se sobre os solos de qualidade intermédia as normas estabelecidas no nº. 41.

45 - É urgente o revestimento arbóreo, arbustivo e de pastagem dos solos de inferior qualidade da Província em situação degradada (37a); porém, tal actuação deverá sujeitar-se a estudos pormenorizados de zonamento e compartimentação que respondam aos objectivos do Planeamento e Ordenamento.

46 - Nos solos degradados e onde as circunstâncias o permitam deverá promover-se a reconstrução dos solos de forma a constituírem-se unidades em mosaico com representação conjunta dos três escalões de qualidade.

47 - Consideram-se acessos naturais ao Algarve o êsto central alentejano, as linhas de êsto secundárias paralelas ao litoral ocidental e o Vale do Guadiana.

ORDENAMENTO PAISAGÍSTICO DO ALGARVE ESTUDO PRELIMINAR

48 - A estrutura viária principal da Província deverá delimitar as manchas do zonamento proposto.

49 - A rede viária actual deverá ser beneficiada e servir até ao escalão das explo-rações; em especial as áreas rurais planas e marginais deverá promover-se a segregação das redes e necessária hierarquização até ao nível do peão.

50 - A rede viária nos solos de qualidade deverá ter em conta os condicionamentos de compartimentação do campo e a necessária regularização das correntes atmos-féricas.

51 - Considera-se de maior importância no planeamento que quaisquer trabalhos in-teressados de vias e sua actualização, respeitem os valores da paisagem natu-ral e humanizada em que se integram.

52 - Deverão ser aproveitadas excepcionais condições naturais dos sectores Poente para usufruto do recreio e de contacto com a natureza, preservando tal carác-ter a todo o transe.

53 - Secunda-se inteiramente a proposta de exploração da caça sobretudo nos secto-res Nascente.

54 - Dados os valores culturais detectados na análise toponímica considera-se avil-tamento do património cultural a sua supressão ou alteração.

55 - O valor ímpar da luz algarvia recomenda que se impeça intransigentemente o es-tabelecimento de fontes de poluição da transparência e pureza da atmosfera.

56 - As excepcionais qualidades de conforto e as condições naturais das variadas paisagens locais confirmam a excelência das praias algarvias e recomendam a in-transigente salvaguarda destes valores.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

8-1-9167
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO

ORDENAMENTO PAISAGISTICO DO ALGARVE
ESTUDO PRELIMINAR